



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

DAYANE RODRIGUES SIMON GOMES

**A QUALIFICAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NA
ESCOLA ESTADUAL GIRASSOL DE ARAGUAÍNA – TO**

Araguaína/TO
2019

DAYANE RODRIGUES SIMON GOMES

**A QUALIFICAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NA
ESCOLA ESTADUAL GIRASSOL DE ARAGUAÍNA – TO**

Monografia foi avaliada e apresentada à Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Licenciatura em Letras/Português, para obtenção do título de Graduação em Letras e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Professora Dra. Cristiane Silva de Almeida

Araguaína/TO
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- G633q Gomes, Dayane Rodrigues Simon.
A QUALIFICAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL
DA ESCOLA ESTADUAL GIRASSOL DE ARAGUAÍNA – TO.. / Dayane
Rodrigues Simon Gomes. – Araguaína, TO, 2019.
148 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.
Orientadora : Doutora Cristiane Silva de Almeida
1. Educação. 2. Qualificação. 3. Professor. 4. Estado. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

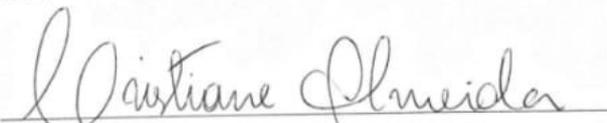
DAYANE RODRIGUES SIMON GOMES

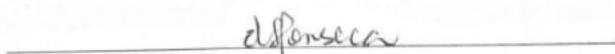
**A QUALIFICAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL
NA ESCOLA ESTADUAL GIRASSOL DE ARAGUAÍNA – TO**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Campus
Universitário de Araguaína, Curso de Letras/Português,
para obtenção do título de Licenciado em Letras e
aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela
Banca Examinadora.

Data de aprovação: 29/11/2019

Banca Examinadora


Prof. Dr. Cristiane Silva de Almeida, UFT


Prof. Dr. Vilma da Silva Fonseca, UFT


Prof. Dr. Wallace Rodrigues, UFT

Araguaína/TO
2019

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, a toda minha família, em especial aos meus pais, Eduardo e Vanha, ao meu marido Walter que de alguma forma fizeram parte desta nova jornada em minha vida, sempre me incentivando a buscar pela realização de meus sonhos. Dedico aos amigos e profissionais que contribuíram e contribuí com o meu sucesso, dedico também aos futuros alunos e aos profissionais da área da educação que mesmo com muitas dificuldades não têm deixado se abater, fazendo assim à diferença.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ser sempre essencial em minha vida, por não permitir que eu fraquejasse diante dos obstáculos que se puseram em meu caminho durante a busca pelos meus propósitos.

Aos meus pais que sempre foram meu alicerce, e que de alguma forma me impulsionaram a correr atrás dos meus objetivos, na busca por melhores condições de vida.

Ao Walter, meu marido que sempre esteve me apoiando durante esta trajetória, e que em nenhum momento se colocou contra os meus sonhos de ir em busca pelo conhecimento.

Aos velhos e novos amigos, que tive o prazer de conhecer ao longo do curso de letras, em especial, a Tamires, que fez com que minha trajetória no curso de letras se tornasse menos árdua a partir das trocas de experiências.

A minha querida orientadora, Professora Doutora Cristiane Silva de Almeida, a quem tenho grande admiração. Agradeço-lhe por ter aceitado me orientar durante o desenvolvimento deste trabalho, sempre me ajudando a reorganizar minhas ideias de forma crítica, precisa, confiante e muito carinhosa.

Aos estimados Professores Doutores Vilma Nunes da Silva Nunes Fonseca e Wallace Rodrigues que foram essenciais durante meu percurso acadêmico e a quem tenho grande apreço, em especial por terem aceitado o convite para compor minha banca de defesa de TCC.

Aos demais profissionais que se puseram em meu caminho durante o trajeto do curso de letras, mesmo que muitas vezes com palavras “duras”, mas, que me fizeram crescer.

Aos alunos e funcionários, em especial, aos professores que foram entrevistados, da Escola Estadual Girassol de Araguaína – TO, que também contribuíram com o progresso desta pesquisa.

Por último e não menos importante, agradeço a Universidade Federal do Tocantins – UFT, que me recebeu de forma responsável e comprometida com meu desenvolvimento, como futura profissional da área de “letras”, propiciando assim, mais uma realização em minha vida.

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. (FREIRE, 1996, p. 12).

RESUMO

Esta pesquisa aborda questões que compreendem o processo de qualificação profissional de professores do Ensino Básico. Nosso problema de pesquisa é saber se os professores do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Girassol de Araguaína – TO, têm realizado a qualificação profissional no decorrer de sua trajetória como docente. Para isso, estabelecemos nossos objetivos, que têm como intenção principal, analisar como ocorre o processo de qualificação profissional do professor do Ensino Fundamental da Escola Estadual Girassol de Araguaína – TO; identificar os principais problemas que envolvem a qualificação docente na escola; Identificar, como os professores do Ensino Fundamental da Escola Estadual Girassol percebem a qualificação profissional, para suas atividades docentes. Desta forma, inicialmente, efetuamos a revisão bibliográfica acerca do objeto de estudo e, posteriormente, realizamos a pesquisa de campo, de cunho quanti-qualitativo, cuja finalidade foi obter resultados mais profundos e satisfatórios a respeito da realidade acerca do processo de qualificação dos professores na escola, lócus de nossa pesquisa. Os resultados obtidos a partir da análise dos dados revelaram que apesar dos muitos avanços ocorridos com relação a formação inicial de professores, os mesmos não vêm buscando por dar continuidade aos demais níveis de qualificação profissional, isto, devido a muitos fatores, dentre eles a falta de políticas públicas mais consistentes e preocupadas com o ensino e com a qualidade dos trabalhos desenvolvidos pelos professores em sala de aula e, conseqüentemente, com suas qualificações e ainda a falta de envolvimento dos professores da escola nesse processo. Logo, entendemos que esse trabalho possui importante contribuição para novos estudos e pesquisas que estudam a formação de professores da rede pública de ensino da cidade de Araguaína - TO e demais escolas públicas de nosso país.

Palavras-chave: Educação. Qualificação profissional. Professor. Políticas públicas.

ABSTRACT

This research approaches questions that comprehend the qualification professional process of teachers in the basic education. Our problem in this research is to know if the elementary teachers of Estadual Girassol School of Araguaína-TO, it has realized the professional qualification during their path as faculty. For this purpose, we established our goals, that it has as main intention, to analyse how occur the qualification professional process of teacher in the Basic Education at Estadual Girassol school of Araguaína-To; to identify the main problems that involves the faculty qualification at school; to identify, how the teachers of Basic Education at Estadual Girassol School realized the professional qualification, to their faculty activities. Therefore, initially, we made the bibliographic revision, about the object of study and subsequently we performed the field research, we performed the field research, of qualitative stamp which the purpose it was to get results deeper and satisfactory a concerning the reality about the qualification of teachers process at school, the place of our research. The achieved results from analyses of the data revealed that although many advanced occurred with relation the initial formation of teachers, they do not come seeking to give continuity to the other levels of professional qualification, due to many factors, between them the public politics's lack more consistent and worried with teaching and with the qualities of work developed by teachers in classroom and consequently with their qualifications and the lack of involvement of school teachers in this process. Shortly, we understand that this work have important contribution to the new studies and research that study teachers' formation at public school education of Araguaína-To city and the others public schools of our country.

Keywords: Education. Professional Qualification. Teachers. Public Policy

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Qualificação escolar e as implicações da cultura escolar	110
---	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Aumento de professores ingressos nos cursos de mestrado e doutorado no Brasil entre os anos de 2002 a 2017	39
Gráfico 2 - Tempo de profissão	50
Gráfico 3 - Nível de qualificação atual dos professores entrevistados	52
Gráfico 4 - Professores concursados	54
Gráfico 5 - Escolha da profissão	55
Gráfico 6 - Nível de satisfação dos professores/professoras com sua profissão	61
Gráfico 7 - Tempo de trabalho dos professores na Escola Estadual Girassol	62
Gráfico 8 - Você se sente preparado (a) para sua atual profissão?	64
Gráfico 9 - A importância da qualificação dos professores	67
Gráfico 10 - Participação da escola no processo de qualificação dos professores	69
Gráfico 11 - Contribuição do Estado durante o processo de qualificação dos professores	75
Gráfico 12 - Iniciativas dos próprios professores, na busca pela sua qualificação profissional	78
Gráfico 13 - Últimos cursos ou ações de qualificação profissional realizados por nossa amostra de professores	81
Gráfico 14 - Principais dificuldades apontadas pelos professores dentro da sala de aula	86
Gráfico 15 - Nível de satisfação de C1 com sua profissão	99
Gráfico 16 - Tempo de trabalho de C1 na Escola Estadual Girassol	100
Gráfico 17 - Você se sente preparado (a) para sua atual profissão?	102
Gráfico 18 - Você se sente realizada com sua atual profissão?	112
Gráfico 19 - Comparação entre o tempo total de profissão de G1, com o tempo total que trabalha na Escola Estadual Girassol	113
Gráfico 20 - Você acompanha os trabalhos pedagógicos na escola?	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características dos sujeitos entrevistados	48
Quadro 2 - Nível de qualificação atual dos professores entrevistados	52
Quadro 3 – Escolha da profissão	56
Quadro 4 - O que levou você a escolher esta profissão?	57
Quadro 5 - Recorte do diário de campo/aula que ocorreu no dia: doze de abril de dois mil e dezenove, com o desenvolvimento de uma dinâmica, desenvolvida no pátio da escola)	59
Quadro 6 - Satisfação dos professores	61
Quadro 7 - Você se sente (a) para sua atual profissão?	64
Quadro 8 - A importância da qualificação dos professores	68
Quadro 9 - Participação da escola no processo de qualificação dos professores	70
Quadro 10 - Recorte do diário de campo – Residência Pedagógica	71
Quadro 11 - Contribuição do Estado durante o processo de qualificação dos professores	75
Quadro 12 - Iniciativas dos próprios professores, na busca pela sua qualificação profissional	79
Quadro 13 - Últimos cursos ou ações de qualificação profissional realizados por nossa amostra de professores	81
Quadro 14 - O Projeto de Formação Continuada que é oferecido pelo Estado contribui de forma efetiva, principalmente tendo em vista suas necessidades em sala de aula?	83
Quadro 15 - O Projeto de Formação Continuada que é oferecido pelo Estado contribui de forma efetiva, principalmente tendo em vista suas necessidades em sala de aula?	83
Quadro 16 - Indisciplina dentro da sala de aula/qualificação dos professores	87
Quadro 17 - Falta de recursos na escola	92
Quadro 18 - Escolha da profissão de C1	97
Quadro 19 - Satisfação de C1	99
Quadro 20 - Você se sente totalmente preparada para sua atual profissão?	102
Quadro 21 - O que você entende por qualificação profissional?	103
Quadro 22 - Percepção de C1 a respeito da importância da qualificação dos professores	103
Quadro 23 - Você acompanha os trabalhos pedagógicos desenvolvidos pelos professores em sala de aula?	104
Quadro 24 - Como você avalia a qualificação profissional dos docentes do Ensino Fundamental da Escola Estadual Giraassol?	105
Quadro 25 - A Escola Estadual Girassol realiza medidas como forma de contribuir com o processo de qualificação docente de seus funcionários?	107
Quadro 26 - O envolvimento de G1 com sua profissão	109
Quadro 27 - O que levou você a escolher esta profissão?	110
Quadro 28 - Você se sente realizada com sua atual profissão?	112
Quadro 29 - Você acompanha os trabalhos pedagógicos na escola?	114
Quadro 30 - O que você entende por qualificação profissional?	115
Quadro 31 - Como você avalia a qualificação profissional dos docentes do Ensino Fundamental na Escola Estadual Girassol?	115
Quadro 32 - A Escola Estadual Girassol realiza medidas como forma de contribuir com o processo de qualificação docente de seus funcionários?	117
Quadro 33 - Quais medidas você reconhece por parte do poder público na busca por estar contribuindo com seu processo de qualificação?	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição e taxa de crescimento das funções dos professores em exercício, segundo regiões e o aumento de suas titulações.....	38
Tabela 2 - Tempo de formação (graduação) e de profissão	50
Tabela 3 - O envolvimento de C1 com sua profissão.....	94

LISTA DE SIGLAS

ALE	Aperfeiçoamento de Leitura e Escrita
APLITINS	Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado do Tocantins
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DRE	Diretoria Regional de Ensino
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EAD	Ensino a Distância
EEG	Escola Estadual Girassol
IF	Institutos Federais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROFIC	Programa de Formação Inicial e Continuada
RP	Residência Pedagógica
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEDUC	Secretaria de Educação e Cultura
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	Serviço Social da Indústria
TIC	Tecnologias da informação e comunicação
UF	Universidade Federal
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 O PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES NO BRASIL A PARTIR DE 1990	20
1.1 O CONTEXTO DOS ANOS 90 NO BRASIL.....	20
1.2 O PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES.....	24
1.2.1 Partindo do ponto de vista da significação da palavra qualificação, o que é qualificação?	24
1.2.2 As novas exigências do mercado de trabalho: a qualificação profissional do trabalhador.....	26
1.3 PROFESSOR: “DOENÇA” E “CURA” DAS MAZELAS DA SOCIEDADE.....	28
1.4 A IDENTIDADE DOCENTE COMO ELEMENTO INDISPENSÁVEL À QUALIDADE DO ENSINO	32
1.4.1 O processo de tomada de consciência dos professores diante da importância da qualificação profissional.....	34
1.5 O DESPERTAR PARA O PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES.....	37
2 SOBRE A PESQUISA.....	43
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL GIRASSOL – ASPECTOS HISTÓRICOS E VIGENTES.	43
2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS.....	47
2.3 ANÁLISE DOS DADOS	49
2.3.1 A qualificação profissional sob a ótica dos professores do Ensino Fundamental da Escola Estadual Girassol.....	49
2.3.2 A qualificação profissional dos professores sob a ótica da coordenadora pedagógica da Escola Estadual Girassol – Análises e reflexões	94
2.3.2 A qualificação profissional dos professores sob a ótica da gestora escolar - Análise e reflexões	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS	122
APÊNDICES	130

INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada neste trabalho teve como eixo central de sua investigação a qualificação profissional de professores do ensino fundamental na Escola Estadual Girassol de Araguaína – TO. O interesse surgiu a partir da realidade vivida em nossas experiências durante o período de realização de projetos institucionais, Residência Pedagógica (RP), estágio no Ensino Fundamental e atividades curriculares realizadas no curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Araguaína, no qual percebemos a necessidade de nos dedicarmos um pouco mais à realidade da qualificação profissional dos professores que atuam na Educação Básica da escola pública e, mais especificamente, no Ensino Fundamental.

É importante destacar que apesar de este objeto de estudo não se configurar como desconhecido ou inovador, pelo fato de o mesmo vir sendo discutido e destacado em diversas políticas e programas voltados à educação brasileira nos últimos anos, o termo ainda está ligado, de certa forma, a uma realidade muito diferente do real significado da palavra empregada, assim como veremos mais frente.

Durante nossas experiências no Estágio Supervisionado Curricular (ESC), pudemos observar que alguns professores da Escola Estadual Girassol, após o término de suas graduações, não deram continuidade aos níveis de formação acadêmica (especializações, mestrado, doutorado, pós-doutorado), deixando que a necessidade do processo de qualificação profissional fosse “suprido” apenas com as formações continuadas obrigatórias oferecidas pelo Estado. Esse fato que despertou a nossa curiosidade para entender o motivo pela qual esses professores não acessaram suas qualificações, uma vez que muitos são professores efetivos (concursados) há pouco mais de dez anos.

Por este motivo, decidimos aprofundar esta temática, partindo do seguinte questionamento: Como os professores do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Girassol de Araguaína - TO, têm realizado a qualificação profissional no decorrer de sua trajetória como docente?

Neste contexto, estabelecemos como objetivo geral, investigar como ocorre o processo de qualificação profissional do professor do Ensino Fundamental da Escola Estadual Girassol de Araguaína – TO. E como objetivos específicos, identificar os principais problemas que envolvem a qualificação docente na escola; Identificar, como os professores do Ensino Fundamental da Escola Estadual Girassol percebem a qualificação profissional, para suas atividades docentes.

Na busca por resultados que esclareçam nossos objetivos, foram levados em conta, durante a coleta dos dados, outras questões essenciais e subsequentes que orientaram nossas observações e análises, tais como: o modo como a Escola Estadual Girassol de Araguaína – TO, têm favorecido esse processo de qualificação dos professores e a forma como este vêm sendo desenvolvido.

Neste sentido, acreditamos que a presente pesquisa é de essencial valor, pois traz à reflexão uma questão importante na vida do professor e que muitas vezes não são refletidas em profundidade.

Na condição de acadêmica e concluinte do Curso de Licenciatura em Letras, entendemos que esta pesquisa poderá nos auxiliar a compreender, de forma mais ampla, acerca da qualificação profissional, pois, ainda que se configure como um olhar limitado diante de um contexto muito maior e complexo, compreendemos que o mesmo torna-se significativo à medida que nos faz refletir acerca de uma questão real e presente em diversos contextos, isto é, sua importância como base para a melhoria da qualidade de práticas pedagógicas consistentes e devidamente fundamentadas mediante as exigências legais e mudanças ocorridas no contexto socio educacional, bem como sua importância como elemento de valorização desses profissionais, enquanto sujeitos sociais.

PRODECIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nossa investigação de finalidade acadêmica e social tem o intuito de avançar no desenvolvimento da ciência que estuda a formação de professores da rede pública no Brasil, mas precisamente a partir das análises realizadas acerca da Escola Estadual Girassol (EEG), contextos escolares de nosso país, conforme nos apontam os referenciais estudados na pesquisa, além de deixar de certa forma uma “semente”, uma fonte que sirva futuramente como base para outros estudos e pesquisas que visem quanti-qualitativa contribuir para a melhoria da formação/qualificação docente.

Logo, é importante destacarmos que os procedimentos metodológicos adotados, foram a revisão bibliográfica e a pesquisa de campo. Sobre a revisão bibliográfica ou “revisão da literatura é o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica (BIBLIOTECA PROF. PAULO DE CARVALHO MATTOS, 2015, p. 02)”. Já a pesquisa de campo, “procura o aprofundamento de uma realidade específica. É basicamente realizada por meio da observação direta das atividades do

grupo estudado e de entrevistas” (GIL, 2008, p. 10) que tem como intuito extrair dados diretamente da realidade do campo estudado.

No primeiro momento, realizamos a revisão bibliográfica. Optamos por ela por considerá-la uma etapa indispensável em pesquisas acadêmicas e científicas. Por meio dela conseguimos reunir dados, informações capazes de nos ajudar a esclarecer, de forma mais precisa, alguns aspectos históricos (político, econômico, sociais e culturais) que envolvem o nosso objeto de pesquisa. Diante disso, podemos dizer que os principais autores que contribuíram com esta pesquisa foram Antunes (2010), Minayo (1993), Sanches (1993), Shiroma (2011), Moraes (2011), Evangelista (2011), Frigotto (2006), Ciavatta (2006), Almeida (2008), Fidalgo (1996), Machado (1996), Romanowski (2007), Freire (1996/1997), entre outros.

Com relação à pesquisa de campo, optamos pela mesma por termos como eixo central de nosso estudo a busca pela realidade vivida pelos professores do ensino fundamental da EEG. Ou seja, por meio dela conseguimos obter dados e informações mais precisos da realidade que aqui estudada.

Analizamos o cenário do problema a partir de uma abordagem quanti-qualitativo, ou seja, utilizou-se de duas abordagens distintas, sendo eles: qualitativos e quantitativos, cuja finalidade foi obter resultados mais profundos e satisfatórios acerca do processo de qualificação docente.

Segundo Minayo e Sanches (1993, p. 247):

A relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um continuum, ela não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “ecológicos” e “concretos” e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa.

Embora as abordagens qualitativas e quantitativas, geralmente, sejam estudadas separadamente, sabemos que ambas acabam se voltando para um ponto ou ideia em comum, ou seja, durante toda a pesquisa essas duas abordagens irão se complementando.

Ainda sobre as abordagens quantitativas e qualitativas, Minayo e Sanches (1993, p. 247) dizem que:

A primeira atua em níveis da realidade, onde os dados se apresentam aos sentidos: “níveis ecológicos e morfológicos”, na linguagem de Gurvitch (1955). A segunda trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. A primeira tem como campo de práticas e objetivos trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis. Deve ser utilizada para abarcar, do ponto de vista social,

grandes aglomerados de dados, de conjuntos demográficos, por exemplo, classificando-os e tornando-os inteligíveis através de variáveis. A segunda adequa-se a aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente.

Nestas passagens, Minayo e Sanches buscam reforçar, através da caracterização dessas abordagens investigativas, que nenhum é mais importante ou melhor que o outro, isso levando em conta a adequação e compreensão de seus dados fundamentais durante a pesquisa.

Dito isso, podemos agora nos referir às técnicas de abordagem ou coleta de dados utilizadas. Foram realizadas por meio da observação participante, com aplicação de questionários e realização de entrevistas (com alunos e professores).

A escolha pela observação participante, justifica-se por ser uma técnica capaz de alcançar os dados da forma como realmente são. Ou seja, essa técnica “possibilita o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado”. (FERREIRA; TORRECILHA; MACHADO, 20012, p. 05).

Com relação às observações, estas foram realizadas durante os semestres 2018.2, 2019.1, 2019.2, período de um ano e meio de forma integrada ao Programa de Residência Pedagógica¹.

Já com relação à realização de entrevistas, buscamos a princípio, informações na secretaria escolar a respeito do quadro de professores que atuam na escola. Em seguida, com o auxílio da coordenadora, procuramos conversar e explicar, detalhadamente, como a pesquisa ocorreria, mostrando, inclusive, que o nome da escola e dos participantes seriam omitidos no texto. Porém, apenas quatro professores de um total de 19 que atuam na escola, se dispuseram a contribuir com nossa pesquisa, além, da coordenadora e da gestora da unidade escolar.

Com relação às perguntas, elaboramos 15 (quinze) questões para os professores e 12 (doze) questões para a gestora e para a coordenadora, tendo como norte de orientação nosso problema de pesquisa.

Durante as entrevistas, solicitamos autorização dos entrevistados para que pudéssemos gravar suas falas com auxílio de um aparelho celular, para que, posteriormente, pudéssemos

¹ O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. (CAPES, 2018).

fazer detalhadamente a transcrição das mesmas, de modo a preservar toda e qualquer informação.

Sendo assim, podemos concluir, dizendo que as atividades aconteceram por meio de pesquisa acadêmica, conduzidas pelo orientador e orientando com o objetivo de desvelar a realidade, a partir da análise concreta de elementos que nos permitam compreender o objeto o quanto mais próximo de sua essência.

A partir de tais métodos investigativos buscamos revelar os principais desafios docentes enfrentados dentro da instituição, e qual a percepção dos educadores com relação à necessidade de se ter uma formação contínua.

Deste modo, a pesquisa se organiza em dois capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos uma breve contextualização a respeito das mudanças ocorridas na sociedade a partir da década de 1990, no Brasil, com relação às novas exigências do mercado de trabalho, sobretudo, a respeito da qualificação profissional dos professores. Ainda, buscamos evidenciar, nesse capítulo, a atenção que foi voltada para os professores nessa década, colocando-os como protagonistas das muitas mudanças ocorridas e que ainda ocorrerem na sociedade. Falamos da identidade docente que foi e é colocada à prova, mediante a desvalorização da profissão de professor e como a educação, a qualificação dos professores, de certa forma, se impulsionou a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) de 1996.

O capítulo dois é dedicado à análise dos dados. Nele, buscamos evidenciar algumas das questões que estão por trás da qualificação da nossa amostra de professores.

1 O PROCESSO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES NO BRASIL

1.1 O Contexto dos anos de 1990 no Brasil

Nesta seção apresentamos uma breve reflexão acerca dos acontecimentos ocorridos na sociedade brasileira a partir da década de 1990, os quais acabaram, apesar de muitos problemas, dando maior notoriedade tanto para o “sistema educacional brasileiro” como para a “qualificação profissional” dos trabalhadores e dos professores, portanto, para justificarmos o recorte temporal, partimos dos anos 90 por entendermos que esse contexto é fundamental para analisarmos uma série de mudanças que geraram implicações diretas na organização do ensino, na formação de professores, na qualificação. E, como todo esse processo de reestruturação, de reformas, de mudanças interferiu e ainda interfere nas exigências e nas necessidades de qualificações, de organização do ensino. (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011).

Os anos que se seguem a partir de 1990 foram marcados, sobretudo, pela busca constante do Estado em se desvincular, se “libertar” das velhas ideologias, valores, dos “rastros” ocasionados pela forte crise econômica que assolou a década de 80. (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011, p. 45).

Almeida (2008, p. 72-73), ainda reforça, nos dizendo que:

[...] a reforma do Estado brasileiro, desenvolvida nos anos 1990, não aconteceu por acaso ou de forma imediatista, e sim devido a um conjunto de antecedentes históricos que conduziram a sua realização a exemplo da crise econômica dos anos 1970/80 que refletiu, entre outros motivos, no esgotamento do modelo produtivo taylorista²/fordista³ bem como do Estado de Bem-Estar Social, justificando, assim, a necessidade do estabelecimento de um novo paradigma produtivo e nova forma de gestão do Estado.

² Segundo Neto (1986), o Taylorismo é um método de produção criado por Frederick Taylor, cuja as principais intenções são voltadas para o aumento da produtividade e do lucro em um curto período de tempo, baseado em diversas técnicas, umas delas é o gerenciamento de trabalhadores, organizado a partir da racionalização da produção, divisão do trabalho, etc., ou seja, em poucas palavras, podemos dizer que esse modelo de organização e execução do trabalho passou a moldar o homem como se ele fosse uma máquina.

³ Segundo Almeida (2008, p. 51 *apud* Aranha, 2000, p. 161-162), o Fordismo pode ser entendido como um “Termo relacionado a Henry Ford, empresário norte-americano, que [...] aplicou e desenvolveu os princípios da organização do trabalho sistematizados por Taylor. Introduziu a esteira no processo de produção em linha de montagem, inovação que possibilitou intensificar ainda mais a produtividade do trabalho e diminuir os tempos mortos na produção. Essa inovação permitiu o deslocamento da peça trabalhada até ao trabalhador, a diminuição do tempo de produção, a sincronização do ritmo de trabalho e a eliminação do controle realizado anteriormente mediante o uso do cronômetro, introdução feita por Taylor [...]”.

Assim, podemos presumir que a crise econômica mundial de 1980, teve origem na década anterior, algo que veio acontecendo como um “efeito dominó”, algo histórico e de “substituição”, assim como muitas outras. Não foi algo que aconteceu de forma aleatória, e é por isso que se faz indispensável refletirmos um pouco mais a respeito dessa década e de seu legado que é tão mencionado até os dias de hoje dentro das políticas educacionais brasileiras.

De acordo com Frigotto (2006), os anos de 1980 no Brasil foi um período de forte estagnação, de crise. Isso, devido a muitos fatores, dentre eles: a crise do petróleo, o aumento das taxas de juros internacionais, as mudanças da moeda brasileira etc., e isso acabou ocasionando no crescimento da inflação, queda do produto interno bruto e conseqüentemente no aumento da dívida externa e interna, elevando assim, o índice de desemprego e pobreza no país etc.

A vista disso, Frigotto (2006, p. 34), destaca que:

Podemos assumir a visão de que a década de 1980 foi uma dura travessia da ditadura à redemocratização em que se explicitou, com mais clareza, os embates entre as frações de classe da burguesia brasileira (industrial, agrária e financeira) e seus vínculos com a burguesia mundial e destas em confronto com a heterogênea classe trabalhadora e os movimentos sociais que se desenvolveram em seu interior. A questão democrática assume centralidade nos debates e nas lutas em todos os âmbitos da sociedade ao longo dessa década.

Com isso, percebemos que apesar dessa década ser lembrada e mencionada por muitas pessoas apenas como uma década ruim, “perdida”, no final da década de 80, já com o final da ditadura (1985) e após a aprovação da Constituinte (1988), consegue-se perceber avanços significativos no país, com relação aos direitos políticos e social estabelecidos na constituição. Com relação a área da educação, que era considerada muito ruim e esquecida (devido ao longo período de ditadura que, marcou o processo educacional brasileiro com o desenvolvimento de práticas pedagógicas neutras, sem reflexões críticas etc., diante do autoritarismo, censura e repressão que constituíram este período), teve de certa forma um alavanque positivo, a partir das novas mobilizações, confrontos e luta, principalmente por parte das pessoas que se encontravam diretamente ligadas ao “poder”. Elas passaram a reivindicar por um “novo modelo” de governo, de trabalhador, educação (FRIGOTTO, 2006).

Neste sentido, podemos dizer que o modelo de produção fordista, que já vinha se mantendo de forma instável, sem muita força, foi deixando aos poucos de ser o único modelo de produção, dando assim, espaço para um “novo modelo”. Lembrando que, esse novo

modelo de produção, também conhecido como Toyotismo⁴, ou modelo japonês passou a ganhar força ainda na década de 70, com o enfraquecimento do fordismo que teve ascensão entre as décadas de 80/90 e é o modelo de produção até os dias de hoje. Como forma de se sobressair a crise, do desemprego, este modelo de produção buscou principalmente se distanciar da rigidez que é tão descrita no modelo fordista, passando a se sustentar em cima de um modelo dito flexível, tecnológico, com novas maneiras de fornecimento de serviços (por meio da desconcentração ou dispersão de serviços), além de buscar produzir de acordo com a demanda de mercado (ANTUNES, 1995).

Mas, afinal, qual foi a real intenção do Estado nessa busca por um novo modelo? De acordo com Santos (2016, p. 187 - 188), “o novo modelo previa criar políticas que fizessem com que as pessoas se “adequassem” ao atual modelo de “produção”. Ou seja, se engana quem pensa que essas reformas tinham como interesse tornar o cidadão, o trabalhador um ser crítico, empoderado, politizado. Pois, a formação consciente, política e ativa dos indivíduos era e é vista até hoje como uma ameaça para o próprio sistema, daí o porquê de sua qualificação possuir tantas dificuldades do ponto de vista da garantia de acesso e permanência.

Nesse contexto, os governantes passaram a arquitetar diferentes estratégias, reformas que de certa forma funcionassem como uma nova “revolução”, principalmente porque a própria sociedade capitalista passou a mostrar novas necessidades, novas demandas com relação ao mercado de trabalho, isso considerando os novos avanços tecnológicos, as novas formas de produção que se encaminhava para o século XXI, e ao qual o Brasil se distanciava cada vez mais, ocasionando perda de espaço no mercado (tanto no das exportações como no do trabalho) devido à grande competitividade, inclusive dentro do próprio país (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011, p. 45 – 46). Isso, claro, de acordo com o discurso capitalista que predomina até os dias de hoje e que se relaciona diretamente com as políticas voltadas a qualificação profissional dos professores, por exemplo.

⁴ Segundo Almeida (2008, p. 58 *apud* Antunes, 2001, p. 21), “[...] o Toyotismo (via particular de consolidação do capitalismo monopolista do Japão do pós-1945) pode ser entendido como uma forma de organização do trabalho que nasce a partir da fábrica Toyota, no Japão, e que vem se expandindo pelo Ocidente capitalista, tanto nos países avançados quanto naqueles que se encontram subordinados. Suas características básicas (em contraposição ao taylorismo/fordismo) são: 1) sua produção é muito vinculada à demanda; 2) ela é variada e bastante heterogênea; 3) fundamenta-se no trabalho operário em equipe, com multivariabilidade de funções; 4) tem como princípio o just in time, o melhor aproveitamento possível do tempo de produção e funciona segundo o sistema de kanban, placas ou senhas de comando para reposição de peças e de estoque (que, no Toyotismo, deve ser mínimo)”.

Com o alto índice de analfabetismo, da desqualificação profissional e consequentemente de desemprego no país, “Disseminou-se a ideia de que para “sobreviver” à concorrência do mercado⁵, para conseguir ou manter um emprego, para ser cidadão do século XXI, seria preciso dominar os *códigos da modernidade*” (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011, p. 47). Em contrapartida, o Estado seria mínimo⁶. Isso quer dizer que por meio de medidas muitas vezes implícitas os cidadãos deveriam buscar por maior qualificação profissional, maior produtividade, domínio das tecnologias, isso por traz de um sistema que não lhes davam condições. Então, como deveriam atingir a qualificação? Deveriam conseguir por meio de mérito próprio, passando por cima de valores éticos, morais, driblando a concorrência.

Por meio da implementação de políticas públicas educacionais mais vigentes e com o advento de novos movimentos, as novas reformas passaram a ser cada vez mais noticiadas, alcançando assim, um número muito grande de importantes “defensores do ensino” (governo, estado, pessoas que na verdade não eram defensoras, apenas desejavam “adequar” a educação aos novos parâmetros), principalmente após o compromisso assumido por muitos países na “Conferencia Mundial de Educação para Todos”⁷, um marco para educação, visto que, algumas de suas estratégias visavam priorizar a qualidade da educação, além de garantir e assegurar seu livre acesso para pessoas do sexo feminino, buscando superar todo e qualquer tipo de preconceito (UNESCO, 1998, p. 4). Ou seja, a partir do compromisso, “previa-se” que “todos” teriam iguais oportunidades de acesso a uma “educação de qualidade”.

Mas, tendo em vista essas novas ideologias disseminadas pelo Estado através de suas políticas públicas, podemos observar que elas não aconteceram como foram estipuladas, pois, seus objetivos eram outros, que na verdade se mantiveram camuflados por traz das reformas, dos discursos oficiais. Essas reformas não foram pensadas na busca por melhorias sociais,

⁵ Cabe aqui reforçar que a qualificação profissional dos professores não pode ser entendida apenas como uma exigência do mercado de trabalho, mas acima de tudo, como um instrumento de melhoria da educação, por meio da qualificação de seus profissionais.

⁶ O Estado mínimo é um modo de representar os limites de funções asseguradas pelo Estado. Ou seja, é uma forma do próprio Estado se afastar de muitas obrigações que muitas vezes são básicas e que podem acarretar sérias problemáticas, implicações para sociedade, como por exemplo a falta políticas públicas que assegure as condições dos professores para se capacitarem. (MORAES, 1996).

⁷ Foi uma conferência realizada na cidade de Jomtien, na Tailândia, em 1990, onde reuniram-se os representantes de nove países, entre eles, o Brasil. O objetivo desta conferência foi discutir como estava a “educação” destes países. Ou seja, sua preocupação estava centrada na busca pela “adequação” dos trabalhadores ao atual modelo de “produção”. Foram pensadas devido ao grande número de analfabetos, de pessoas mal formadas que não estavam conseguindo adentrar o mercado, que ainda não conseguiam manipular os maquinários que já estavam presentes naquela época.

nem em dar novas possibilidades para população que ficou alienada durante o período da ditadura. A intenção era adequar mão-de-obra às novas exigências que surgiram com o novo modelo produtivo, no qual requeria um conjunto de competências e habilidades capazes de contribuir para o processo produtivo de produção pautado, sobretudo, na flexibilidade e competitividade (FONSECA, 2006). Em vista disso, compreendemos que as reformas ocorridas nos anos 90 no Brasil não tinha como intenção a formação plena, crítica e reflexiva dos indivíduos.

Desse modo, as discussões a seguir mostrarão como essas reformas estabelecidas pelo sistema capitalista impactaram não somente na “organização do trabalho”, mas, sobretudo, nas ideologias, na cognição, no entendimento do “homem trabalhador” acerca do que estava acontecendo. Ou seja, por meio da propagação dos discursos capitalistas muitos trabalhadores podem ter sido influenciados tendo dificuldade para entender o real significado da “qualificação” tão exigida. Pensando nisso, iremos agora falar um pouco mais a respeito do significado desta palavra.

1.2 O processo de qualificação profissional de professores

1.2.1 Partindo do ponto de vista da significação da palavra qualificação, o que é qualificação?

Com base nas pesquisas que foram analisadas e consideradas até aqui, podemos perceber que com o passar dos anos o termo “qualificação” passou a ter diversas interpretações, ou seja, passou a se adequar constantemente de acordo com cada época e conforme as necessidades linguísticas e sociais de seu povo.

No contexto dos anos 1990, houve um “boom” incessante pela busca da qualificação no âmbito da educação e nos diversos saberes sociais. Isso aconteceu devido as exigências que se propagaram principalmente nos discursos oficiais, os quais, justificavam que a busca pela qualificação profissional era algo necessário, pois, somente por meio dela que a educação poderia ter uma maior qualidade. Desta forma, os trabalhadores passaram a buscar cada vez mais por essa “qualificação”, sem saber que por trás disso teria uma outra ideologia escondida, pois o modelo herdado pelo regime militar, de certa forma, se manteve, ganhou apenas novas roupagens. Ou seja, o modelo educacional continuou a ser guiado pelas ideologias pragmáticas, da praticidade, do ensino tecnicista, da eficácia e da produtividade (FRIGOTTO, 2006).

Neste sentido, Shiroma, Moraes e Evangelista (2011) nos dizem que a palavra “qualificação” deve ser questionada, pois a maneira como os discursos se colocam fogem da sua verdadeira essência. A palavra “qualificação” em si deveria proporcionar uma educação efetiva e satisfatória para todos. No entanto, observamos que a que se encontrava propagada na voz dos governantes da época e que se mantem até os dias de hoje, encontra-se escondida por trás das ideologias políticas que geralmente servem para atender a uma exigência completamente diferente, a da “adequação”, a de interesses privativos, particularistas. (FIDALGO, 1994).

No Brasil, foi também na década de 1990 que este termo passou a ser mais impulsionado, no âmbito do trabalho e do desemprego, ou seja, diretamente ligado ao contexto de ensino e trabalho. Geralmente, era comum aparecer durante a fala da elite, nos discursos políticos que a citavam a “qualificação” como solução para os problemas sociais, políticos e econômicos do país (ao qual, falaremos mais à frente) (TARTUCE, 2004).

Nesta lógica, verificamos, que existem muitos termos ligados de alguma forma ao significado do termo “qualificação”, aqui considerado. Termos como: “formação”, “capacitação”, “competência”, dentre muitos outros (ao qual são objetos de muitas discussões, por isso, não entraremos em detalhes aqui). Pois, assim como nos diz Tartuce (2004, *apud* Pedrosa, 1995, p. 104), “grande parte dos recentes estudos brasileiros não explicita o que ‘qualificam’ como qualificação”.

Assim, compreendemos que para entender o real significado da palavra em estudo, devemos considerar a época em que a palavra “qualificação” foi ou é utilizada e quais as ideologias utilizadas por traz dos discursos.

Ainda sobre o conceito de qualificação, Araújo (1999, p. 07) ressalta:

A qualificação significa uma codificação, pressupõe as grades de classificação, de caráter coletivo, que representa a existência de indivíduos portadores de capacidades e de empregos aos quais são atribuídas remunerações. A qualificação é o principal determinante de atribuições no posto de trabalho, sua remuneração e sua promoção (Tanguy, 1997c). Pode ser apresentada como capacidade potencial de trabalho. [...] A qualificação profissional, em última análise, baseia-se sobre conhecimentos teóricos formalizados com vistas a pôr em prática uma profissionalidade [...].

Ou seja, a noção de qualificação, apesar de não possuir um único conceito aceito socialmente, reforça o fato de seu uso está associado ao reconhecimento legal da capacidade teórico de um indivíduo executar atividades práticas e principalmente, pertinentes a sua profissão de forma remunerada, levando sempre em conta que teoria (conhecimentos adquiridos por meio de cursos de aperfeiçoamento: “especializações, mestrado, doutorado, pós-doutorado, etc.”) e prática (conhecimento adquirido por meio das experiências

vivenciadas na “escola”) não podem ser pensadas separadamente, sem deixar de citar as questões sociais e, de certa forma, políticas que se fazem totalmente presentes nestes contextos.

Por isso, é importante destacarmos que o significado aqui considerado tem relação estrita com a qualidade do trabalho e de seus trabalhadores, ou seja, com a “qualificação profissional” dos trabalhadores, assim como nos diz de forma sucinta Tartuce (2004, *apud* Friedmann, 1946, 1950, 1956, 1977): “a qualificação está relacionada principalmente à complexidade da tarefa e à posse de saberes exigidos para desenvolvê-la; ou seja, à qualidade do trabalho e ao tempo de formação necessário para realizá-lo”. Isto é, o significado aqui empregado está totalmente em acordo com as nossas intenções da pesquisa.

Assim sendo, apresentamos na próxima subseção reflexões acerca da relação entre a “qualificação profissional” e as “novas exigências” impostas ao trabalhador, ao professor.

1.2.2 As novas exigências do mercado de trabalho: a qualificação profissional do trabalhador

Com a reestruturação da sociedade nos anos 80/90, os “empregadores” passaram a requerer cada vez mais de seus trabalhadores, cobrando deles maior desempenho, ou seja, que tivessem conhecimentos que fossem muito além do simples ato de realizar ou fazer determinada tarefa, um conhecimento que os tornassem capazes de inventar, se reinventar, criar, resolver problemas, ter conhecimentos tecnológicos, etc.

De acordo com Júnior, (1996, p. 59):

O novo trabalhador tem de ser flexível e com maior capacidade de abstração. As pessoas aptas a este novo modelo precisam dominar diversos códigos linguísticos, possuírem adaptação ao uso da computação, preocupada com custos, sensíveis à questão da qualidade e multifuncionais. Além disso, têm que ser facilmente padronizáveis, ou seja, pessoas que possibilitem, com facilidade, a padronização do seu comportamento, habilidades e hábitos pessoais de trabalho. Ao mesmo tempo, espera-se que tenham flexibilidade na conformação a um determinado leque de padrões referentes aos processos e aos produtos [...].

O novo modelo integrado e flexível, altamente competitivo, necessita trabalhar a “competitividade”, o poder de “iniciativa”, a “atividade cognitiva”, a “capacidade de raciocínio lógico” e o potencial de criação “para possibilitar respostas imediatas por parte da força de trabalho.

Ou seja, é esse novo perfil de trabalhador “flexível” (“trabalhador borracha”, “super-herói”, “adaptável”) que terá mais chances de assegurar ou conseguir emprego, sua vaga no mercado, pois este trabalhador estará a todo instante se desdobrando, se moldando para driblar

a concorrência e atender as exigências impostas por meio dos novos mecanismos de produção.

Notemos, que essas novas exigências requerem que os trabalhadores tenham uma “formação ampla”, claro, que do ponto de vista do acúmulo de atribuições, de habilidades para o desenvolvimento de um número maior de competências. Contudo, as condições propostas pelo Estado acabaram diminuindo, porque o Estado em si também diminuiu e, conseqüentemente muitos não conseguiram acompanhar essas mudanças “sozinhos”, ou seja, essa nova reestruturação do sistema econômico e político acabou resultando em um agravamento ainda maior com relação a exclusão social, a miséria. (FRIGOTTO, 2006).

É importante destacar que atrelado aos problemas citados acima, verifica-se ainda um risco maior de adoecimento dos trabalhadores, inclusive com a forte aparição de problemas psicológicos, de saúde mental do trabalhador, pois além do esforço físico, passou-se a exigir ainda o esforço mental, cognitivo do trabalhador devido as exaustivas e estressantes rotinas de trabalho, sem falar do sentimento de desesperança, insatisfação, falta de motivação para com a sua vida profissional e pessoal (AREIAS; COMANDULE, 2006).

Ainda, com base nessa ideologia imposta, em que a “educação” foi vista como a única solução para o trabalhador adentrar o mercado de trabalho acaba incumbindo o indivíduo a se “desdobrar” a qualquer “custo” pela busca da “adequação”, isso ao mesmo tempo que acaba “transferindo” a culpa do fracasso, do analfabetismo e do desemprego, para os trabalhadores “desqualificados”, estes que não conseguem se “ajustar”, se “profissionalizar” por conta própria, o que em nosso entendimento, reflete o quão cruel é a lógica do mercado, do sistema, que só coloca como prioridade os interesses dos mais abastados, enquanto os mais pobres se esforçam para conseguir sobreviver.

Assim, por meio dos estudos realizados até aqui, podemos compreender que a reestruturação do sistema, ao qual foi propagada em seus discursos a buscar por se desvincular, se desconectar das “velhas” ideologias, consequência da findada ditadura militar, podemos então perceber que com essa reestruturação não mudou muita coisa, sobretudo, com relação a centralização do poder que se manteve ao mesmo modo, “na mão da burguesia” e o da exploração “na mão do proletariado”.

Notemos que, o trabalhador, de modo geral, mais uma vez é entendido como instrumento de maximização, de resultados, lucros, em detrimentos de sua qualidade de vida. E entender como isso vem ocorrendo com o trabalhador da educação é nosso objetivo neste estudo, buscando perceber, inclusive, como esses profissionais percebem a qualificação ou a ausência dela em sua vida profissional, identificar, segundo esses sujeitos, que relação pode

ser percebida entre qualificação e a qualidade do processo de ensino aprendizagem, e buscar entender de que maneira essas exigências vêm sendo interpretadas, percebidas pelos professores, se a própria oportunidade à qualificação é limitada, ou seja, estes profissionais não conseguem, em muitos casos, sequer compreender a complexidade da relação que girão em torno do assunto.

É importante deixar claro que nosso estudo, parte da compreensão de que a qualidade da educação e do processo de ensino aprendizagem está diretamente associada à qualificação docente, incentivo salarial, políticas públicas permanentes, escolas com estrutura física e pedagógica adequadas à realidade dos sujeitos.

Isto posto, falaremos agora a respeito da grande responsabilidade que foi colocada “nas costas” dos professores após as reformas educacionais. Esses que passaram a serem vistos inclusive, como responsáveis tanto pelo sucesso como pelo fracasso da reforma, da adequação dos trabalhadores.

1.3 Professor: “doença” e “cura” das mazelas da sociedade

Em vista dos conflitos que se cercaram em volta da organização do “ensino”, do “preparo” dos trabalhadores, dos professores, parece-nos pertinente neste momento falarmos um pouco a respeito da responsabilidade atribuída ao professor com relação tanto as novas mudanças, a incumbência de estar qualificando a massa trabalhadora, assim como também a responsabilidade atribuída pelo fracasso da não qualificação desses trabalhadores, que também foi atribuído devido à falta de qualificação, de capacidade dos professores.

Com as novas exigências do mercado de trabalho, advindas com o processo de reformas dos anos 90, os professores passaram a ser considerados “agentes de mudanças”, profissionais responsáveis pelas mudanças que deveriam acontecer na sociedade. Assim, passaram também a ser cada vez mais cobrados, exigindo que apresentassem ótimos resultados em um curto espaço de tempo. Tal como nos dizem Shiroma; Moraes; Evangelista (2011, p. 58): “o professor tido como agente de mudança, é o responsável pela realização do ideário do século XXI [...]. [...] recomenda que os professores devam ser treinados⁸ para reforçar o conjunto de ideias a prevalecer no futuro [...]”.

⁸ O que é ser treinado? É se tornar em um curto espaço de tempo um “mecanismo” “ajustável”, “adaptável”, “imediato” para assumir as diversas funções do cargo ocupado. Ou seja, se colocar na condição de agente, de mercadoria a ser consumida (sua mão de obra, seu “suor”), ser usada. (ROSA, 2010, p. 156).

Faz-se necessário neste momento dizer que, é muito comum encontramos a palavra “treinamento” fazendo referência as palavras “qualificação” ou “formação”⁹. Mas, é importante destacar que ao utilizá-la na citação acima, buscamos evidenciar o contexto de “ajuste”, “adaptação” ao qual os professores foram obrigados a passar na década de 1990 e que se estende até os dias atuais.

Neste sentido, entendemos que a qualificação docente, assim como a qualificação profissional dos demais trabalhadores brasileiros, deveria ser uma prerrogativa para o desenvolvimento de sua função no decorrer de sua vida profissional, considerando o fato de que o conhecimento está em permanente processo de mudança e evolução, assim como a sociedade de modo geral. Contudo, o que devemos compreender é como esta qualificação vem sendo proporcionada a esses trabalhadores, mediante a suas necessidades e as exigências legais instituídas nos últimos anos.

E, foi neste cenário de busca constante em ligar a educação com o mercado de trabalho, que as incumbências dos professores passaram a assumir um papel mais abrangente (do ponto de vista prático, “técnico”) dentro do ensino, passaram a exercer funções mais voltadas para o desenvolvimento profissional (formações profissionalizantes) dos alunos, “preparando” os assim, para as novas condições impostas aos trabalhadores.

Com a reestruturação do sistema educacional, no contexto dos anos 1990 no Brasil, muitos professores, assim como os demais trabalhadores, se viram despreparados para apresentar os resultados focalizados pela reforma em tão pouco tempo (assim como ainda acontece até hoje). E, tendo em vista essa necessidade de também estar recuperando, aperfeiçoando esse professor, passaram a surgir muitas declarações, discursos que desqualificavam, denegriam, “manchavam” de certa forma o ofício, a imagem desse profissional, alegando serem incapazes de assumir tais funções.

Acerca desta época, os autores Nóvoa (1998, p. 26), ressaltam:

Os professores têm de afirmar a sua profissionalidade num universo complexo de poderes e de relações sociais, não abdicando de uma definição ética –e, num certo sentido, militante – da sua profissão, mas não alimentando utopias excessivas, que se viram contra eles, obrigando-os a carregar aos ombros o peso de grande parte das

⁹ Severino (2006, p. 621), refere-se ao termo formação como “um complexo conjunto de dimensões que o verbo formar tenta expressar: constituir, compor, ordenar, fundar, criar, instruir-se, colocar-se ao lado de, desenvolver-se, dar-se um ser. É relevante observar que seu sentido mais rico é aquele do verbo reflexivo, como que indicando que é uma ação cujo agente só pode ser o próprio sujeito. Nessa linha, afasta-se de alguns de seus cognatos, por incompletude, como informar, reformar e repudia outros por total incompatibilidade, como conformar, deformar. Converte apenas em transformar...”.

injustiças sociais. A causa do mal-estar dos professores prende-se, sem dúvida, à defasagem que existe nos dias de hoje entre a imagem idílica da profissão docente e as realidades concretas com que os professores se deparam no seu dia-a-dia. Sem uma compreensão exacta desta crise é impossível encontrar novos caminhos para educação e para os professores.

Na citação acima, os autores destacam a preocupante questão de os professores serem vistos e colocados ainda nesta época, como “salvadores da pátria” (indivíduos com atribuições capazes de “remodelar”, “ajustar” os trabalhadores, a sociedade globalizada, ao qual, buscavam elevar os dados quantitativos sem considerar as condições reais das escolas, estrutura, recursos, etc. Isto é, os professores são avaliados, ao mesmo tempo “avaliam” seus alunos, mas mediante a lógica quantitativa, a aprendizagem não é o foco desse processo), e que apesar de permanecermos em um sistema político vergonhoso, de favorecimento próprio (de poder) não devem deixar se abater. Esses profissionais devem assegurar seu profissionalismo, respeitando os limites de suas profissões, de suas vidas.

Neste sentido, observamos que é evidente que, ainda hoje os professores são vistos, em muitos casos como salvadores da pátria, como culpados pelos problemas de aprendizagem, sendo vistos como incompetentes, despreparados. Mas, afinal quem são realmente os responsáveis por tantos problemas na educação, na aprendizagem? De fato, existem muitos aspectos, argumentos que podem ser utilizados para responder a esta pergunta, sendo que, boa parte deles envolvem duas vertentes em especial, sendo elas: “a falta de políticas públicas que garantam condições de acesso e permanência desses profissionais para se qualificarem” e a “falta de identidade docente” que gera desânimo e falta de entusiasmos em buscar melhorias para o desenvolvimento da função docente.

Ao nosso ver, o problema da falta de qualificação profissional da “sociedade brasileira” ainda é visto e abordado, de certa forma, com a falta esclarecimento do povo. Isto é, a população, com pouca escolaridade e pouco acesso à leitura, informação de qualidade, política, etc. (algo que também está fortemente ligado com os problemas educacionais do Brasil), acaba se tornando vulnerável socialmente, e isso, faz com que sejam facilmente manobradas pelos discursos e suas alienantes ideologias políticas.

Nessa perspectiva, podemos entender que o problema da falta de qualificação profissional dos professores não é um problema atual, mas que vem se perpetuando por muitas décadas.

Até aqui, não é mais novidade que a maioria dos discursos políticos são camuflados com inverdades (assim como dissemos mais atrás). Em meio a palavras bem colocadas, oratórias cuidadosamente bem pensadas a educação vem sendo cada vez mais prejudicada, pois, ainda não é realmente encarada como prioridade em nosso país.

A cada dia um novo “jargão” se apresenta à sociedade, com ele um palavreado que exibem novas propostas, visam a conciliação, resolução de problemas, mas, na verdade são estratégias que reafirmam as velhas políticas, como nos diz Frigotto (2006, p. 29): é a “modernização do arcaico”, é uma verdadeira “troca de roupa”, o que consiste na elaboração de “novas leis” capazes de disfarçar as ideologias que vem se perpetuando por muitas décadas, a de desprezo pelos pobres, pelos menos abastados.

Neste sentido, ainda sobre as ideologias que “mascaram” as discussões de “nossos representantes políticos” ao se referirem a necessidade da qualificação profissional dos professores, quando principalmente, insistem em apresentar nossos professores como “salvadores da pátria”, podemos dizer que não deveria ser esse o foco principal do Estado e sim a atuação dos representantes políticos na garantia de políticas públicas inclusivas e voltadas para a formação do professor, assim, como também a garantia de condições adequadas de trabalho, carga horária, remuneração, número de alunos por sala, etc.

Diante disso, a sociedade, deve estar mais atenta com as questões sociais, e passar a exigir mais de seus representantes, principalmente com o que diz respeito a questões que envolvem a qualidade do ensino e a valorização do professor de nossas escolas públicas.

Ao falar em valorização profissional, não estamos apenas interligando este termo a questão salarial, mas a valorização no sentido de dar condições para que os professores possam estar se atualizando, aprimorando seus conhecimentos acerca das novas exigências do mercado de trabalho, das salas de aula (tendo em vista que nossos alunos estão de certa forma mais envolvidos com o uso das novas tecnologias digitais, faz-se indispensável que o professor esteja preparado para se comunicar com seus alunos e gerar uma ponte entre o conhecimento tecnológico e o conhecimento pedagógico dos conteúdos). Mas, acima de tudo que essa qualificação possibilite a ressignificação da prática educativa, no sentido de melhor possibilitar a aprendizagem dos alunos a partir de um processo dialógico, participativo e libertador, capaz de gerar mudanças reais na sociedade. Para que isso aconteça, é necessário também que nossos professores sejam valorizados no sentido de serem incentivados a reaprender, a se entusiasmar, a buscar pela valorização tão almejada, justa, digna de sua profissão.

Em suma, podemos ainda englobar uma outra vertente que também contribui com a insatisfação na aprendizagem, na qualidade do ensino, na educação: a “falta de identidade docente” ao qual iremos nos referir a seguir.

1.4 A identidade docente como elemento indispensável à qualidade do ensino

Inicialmente, é importante dizer que para se entender a questão da identidade docente é preciso enxergar o sujeito como um ser em construção, em constante mudança, ou seja, conforme as muitas transformações que ocorreram e vêm ocorrendo na sociedade, a identidade do indivíduo também está em constante modificação com seu meio social. Um exemplo simples dessa situação, foi a necessidade de adequação dos cidadãos aos efeitos e desempregos decorrentes da forte “crise econômica” que assolou o Brasil na década de 80, desencadeada por muitos fatores, dentre eles, o aumento da dívida externa e interna do país, no qual muitos cidadãos tiveram que rapidamente se reinventar, buscar novas soluções para contrapor o desemprego (IZA et al, 2014).

Somado a isto, os autores Marcelo e Antunes (2009, p. 4 *apud* BEIJAARD, MEIJER e VERLOOP, 2004) nos dizem que:

É preciso entender o conceito de identidade docente como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional. O desenvolvimento da identidade acontece no terreno do intersubjetivo e se caracteriza como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto.

Neste sentido, entende-se que assim como o aprendizado, a identificação docente também é um processo contínuo do indivíduo, que se desenvolve de acordo com o meio sociocultural. Dessa forma, podemos entender que mesmo antes de os professores serem inseridos no sistema educacional, nos cursos de formação inicial, graduações, já trazem dentro de si, alguns conhecimentos que tem relação direta com a questão da identidade profissional docente, mesmo que de forma inconsciente. Pois, passaram anteriormente, por um processo de ensino que começou lá atrás, na educação básica, tendo contato direto com essa profissão, com os professores. Contato este, que muitas vezes pode influenciar tanto de forma positiva como negativa na escolha ou inserção dessas pessoas nos cursos de formação inicial, na profissão de ser professor (IZA et al, 2014).

Diante disso, passamos a entender a necessidade de nos reconhecermos como um ser em construção, no qual as relações, as diversas situações as quais passamos durante toda a nossa vivência tem total conexão com o nosso reconhecimento, a nossa identidade para com a nossa profissão.

Quando não há esse reconhecimento, isso acaba impactando automaticamente no nosso processo de construção da identidade docente, na falta de reflexão e conexão da teoria com a prática, e isso faz com que muitos problemas acabem sendo expandidos, agravados. Um exemplo disso é a falta de entusiasmo do professor ao ministrar suas aulas, a falta de empatia entre professores e alunos, ou seja, situações que interferem imediatamente no processo de aprendizagem, sem contar as questões mais extremas que podem se desenvolver, como é o caso dos problemas psicológicos que vêm crescendo bastante nos últimos anos, principalmente com relação aos professores.

Diante dessa realidade, compreendemos que durante esse processo de construção, reafirmação ou consolidação da identidade docente, a qualificação profissional e pessoal dos professores é algo imprescindível, principalmente diante de tantas mudanças que ocorreram e vem ocorrendo na sociedade contemporânea em que muitas exigências são postas ao perfil do trabalhador, e do professor em especial. Muitas vezes este profissional não consegue acompanhar a rapidez das informações, comunicações, tecnologias e sem qualificação se sente inferior, incapaz para estarem desenvolvendo seus trabalhos de forma satisfatórias. Em suma, podemos dizer que a qualificação profissional dos professores pode contribuir na busca desses profissionais por um melhor entendimento com relação a “sua prática, podendo investigá-la, se conhecer enquanto pessoa e profissional, mas também precisa aprender a compreender e conviver com discursos sobre a sua culpabilidade, sobre as influências das condições de trabalho, sobre o próprio sistema educacional” (IZA et al, 2014, p. 277), que muitas insistem em culpá-los pelos problemas da aprendizagem em nossas escolas.

Todavia, é importante destacar que a questão da falta de identidade docente não pode ser vista apenas como um problema que ocorre devido à falta de políticas públicas mais eficientes, voltadas para a qualificação profissional dos professores, para essa profissão em geral, pois, conforme nos dizem (IZA et al, 2014, p. 289)

[...] o processo de construção da identidade docente não depende apenas de fatores externos – como dos cursos de formação, dos formadores, dos currículos, etc. –, pois é também influenciada por fatores internos à própria pessoa, como, por exemplo, uma tomada de consciência de seu papel, um compromisso assumido com os alunos.

Dito isso, compreendemos que é de fundamental importância que a escola passe a organizar medidas como forma de conscientizar seus professores, para que estes passem a refletir e buscar entender a cada dia mais a respeito de sua profissão, de seu desempenho dentro e fora da sala de aula, buscando se qualificar, mesmo que de forma autônoma, pois é a

partir daí que se percebe a responsabilidade e comprometimento do professor com sua profissão.

Diante disso, compreendemos que é de fundamental importância entendermos como funciona esse processo de tomada de consciência dos professores com relação à necessidade de se ter uma formação contínua e o que faz com que não haja essa tomada de decisão, de busca pela sua qualificação. Pois, esse é mais um problema curioso dentro do sistema de ensino, que está inteiramente ligada com a questão da identificação profissional e com o comprometimento dos profissionais (ANTUNES, 2010), e ao qual tentaremos entender a seguir.

1.4.1 O processo de tomada de consciência dos professores diante da importância da qualificação profissional

Até aqui, entendemos que o indivíduo é um ser em constante construção e que os professores necessitam estar constantemente se qualificando. Mas, o que geralmente vemos em nossa sociedade é um grande desalinho, pois, muitos professores ao término de suas graduações, acabam não dando continuidade aos níveis de formação acadêmica. Ao longo dos períodos de estágio, em que tivemos contato com boa parte do corpo docente das escolas, percebemos que, muitos desses recém-formados (ou não) professores acabam sendo inseridos quase que imediatamente nas salas de aula, ao qual permanecem durante um bom tempo.

Devido a isso, podemos perceber que ao se deparar com as dificuldades da sala de aula, muitos professores mesmo que com sua pouca (ou não) experiência acabam de fato conseguindo se sobressair de tais situações, enquanto outros professores acabam não sabendo o que fazer, podem simplesmente atropelar ou até mesmo colocar de lado tal situação, o que acaba por aumentar ainda mais o problema e que por sinal poderia ser revolido, entendido, a partir do momento em que o professor começa a refletir sobre sua prática da sala de aula e passa a entender a necessidade de estar se qualificando, porém, é importante destacarmos que é indispensável que haja condições de trabalho reais para que isso ocorra (ANTUNES, 2010).

Nas palavras de Imbernón (2000, p. 408):

[...] o professor deve questionar sua própria prática de ensino e buscar respostas a esses questionamentos. Esse é um caminho para que ele desenvolva novas formas de compreensão e pode ajudá-lo a desvendar e resolver problemas ligados ao processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para modificar seu conhecimento, seu pensamento e instigá-lo a trabalhar mais com a tomada de decisões.

Tendo em vista essa realidade, devemos ter em mente que da mesma forma que se exige do aluno a tarefa de estudar, também requer do professor uma relação “inevitável” entre a sala de aula, a pesquisa, o estudo, uma vez que é de fundamental importância para que se obtenha maior aproveitamento na profissão, na vida.

Quando se pensa em profissão, o indivíduo deve estar informado quanto as exigências e eventuais dificuldades que poderão surgir ao longo da vida profissional, não deixando de lado a necessidade de estar sempre se “comprometendo a ensinar” e principalmente, ao aprender. Mesmo não sendo a profissão sonhada, deve-se ter em vista que deverá exigir ainda mais de si, procurando estabelecer vínculos entre a satisfação e a auto realização com um trabalho docente de qualidade.

Mas, que fatores interferem para que os professores não realizem a qualificação? Diante do cenário em que se encontra nossa sociedade, nossa educação, citaremos a seguir alguns dos motivos dados pelos professores com relação ao fato de até então não terem buscado ou conseguido dar um novo passo com relação a sua qualificação profissional, principalmente tendo em vista as mudanças que ocorreram na sociedade nas últimas décadas, incluindo os avanços tecnológicos relacionados à internet.

Diante das reformas trabalhistas dos anos 1990, as quais os trabalhadores deveriam se adequar, muitas entidades como por exemplo o sistema S (SENAI, SENAC, SESI, SEBRAE (serviços voltados, principalmente, à adequação e ao treinamento de profissionais para atuar em indústrias), UFs, (Universidades Federais), IFs (Institutos Federais) passaram a oferecer cursos de qualificação para os trabalhadores, o que tornou de certa forma essa realidade da qualificação profissional disseminada pela elite um pouco mais acessível para os professores (SOUZA, 2015).

Nos últimos anos, verificamos uma grande “enxurrada” de ferramentas de aprendizagem que foram e estão sendo disponibilizadas para a sociedade, principalmente tendo em vista a grande disseminação das ferramentas digitais, oferecidas por instituições/portais e até mesmo por meio de sites, blogs, etc. (NETO, 2008, p. 80-157). Essas ferramentas passaram a oferecer cursos, ensinamentos “online”, com a intenção de orientar ou informar seu público por meio de recursos audiovisuais, o que acaba despertando cada vez mais o interesse da sociedade, e que em muitos casos são oferecidos gratuitamente em suas plataformas (NETO, 2008, p. 56).

Dentro dessa nova modalidade de ensino, podemos nos referir ao Ensino a Distância (EADs), que abrangem diversos cursos de educação superior e que vem ganhando força em nosso país. Muitos desses cursos já são inclusive oferecidos de forma gratuita pelo Estado

(embora ainda seja muito inacessível para o povo), e com um valor bem reduzido (se compararmos é claro, com os valores cobrados por muitas instituições privadas que oferecem cursos presenciais) (NETO, 2008, p. 45).

Ainda com relação ao Ensino a Distância, o portal do Ministério da Educação (MEC) (2019), nos diz que os “processos de ensino e aprendizagem ocorrem com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.” Ou seja, apesar de sabermos que existem muitos impasses que giram em torno dessa forma de ensino, como por exemplo, o distanciamento entre alunos e professores (e ainda a falta de fiscalização com relação a qualidade desses cursos), muitos professores acabam optando ‘por esta forma de ensino por acreditarem que ao mesmo tempo que estão se qualificando, estão pagando um valor mais acessível e ainda poderão realizar estes cursos de acordo com sua disponibilidade de horários, locais.

No entanto, mesmo sabendo dessas muitas “facilidades”, “o fato é que, apesar dos estímulos frente à qualificação, percebemos uma intensa resistência por parte de alguns professores, que não querem se qualificar (LINHARES, 2012, p. 04)”, fato que se mostrou ainda mais visível durante o período de estágio na escola em estudo, pois, encontramos professores apenas com a graduação, professores estes que são em sua maioria efetivos (concurados) a um bom tempo e que não demonstram grande interesse em estudar, qualificar-se.

Diante desta situação, acreditamos que os motivos que fazem com que não haja essa tomada de decisão, de busca pela sua qualificação profissional podem estar possivelmente ligados a questões por exemplo, familiares (não ter com quem deixar os filhos pequenos ou marido não permitir que estejam se qualificando), falta de acessibilidade e permanência (não conseguir ingressar em universidades, entidades de ensino público), questões financeiras (não ter condução para chegar até o local, não ter como pagar as mensalidades), não possuir cursos públicos que realmente sejam adequados às necessidades dos professores; falta de investimento, planejamento por parte da escola; ainda, questões muito conhecidas, como a falta de valorização profissional/salarial dos professores que acaba desencadeando outros fatores, como: o desânimo e a falta de entusiasmos), falta de consciência por parte dos professores com relação a necessidade de se estar se atualizando, a acomodação (não querer dedicar seu tempo para tal atividade), em buscar melhorias para o desenvolvimento da função docente, e conseqüentemente contribuindo para o agravamento dos problemas educacionais de ensino aprendizagem.

Neste sentido, Freire (1996, p. 36) evidencia que:

O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica [...].

Como se pode ver, Freire (1996) defendia a ideia de que o professor deve ter a consciência de seu próprio processo de qualificação, buscando se dedicar, se desdobrar ao máximo para atender as necessidades de sua profissão, e ainda ter autonomia na busca pelo conhecimento, pelo querer saber que é tão próprio do homem, desse ser inconcluso, inacabado, inconcluso.

Portanto, é pensando sobre essa triste realidade social e política que envolve os novos desafios lançados sobre os professores, suas identidades, suas formações, suas qualificações é que apresentamos a próxima sessão, na qual falamos sobre as novas ideologias, os novos olhares e fomentos com relação a qualificação profissional dos professores no atual contexto.

1.5 O despertar para o processo de qualificação profissional dos professores

De acordo com Romanowski (2007, p. 20), antes da década de 1990, os professores já manifestavam grande interesse com relação ao reconhecimento, a melhoria de suas formações profissionais, a valorização de suas profissões. Algo que durante o regime militar (1964-1985) parecia cada vez mais distante, e, somente com a grande agitação que os movimentos principalmente trabalhistas trouxeram para esta década (1990), é que a educação, a profissão do professor que estava praticamente em estagnação passou a se reerguer e avançar, mesmo que com passos muito lentos. O que de fato, confirma a importância desses acontecimentos na história da qualificação docente no Brasil.

Com relação ao incentivo e apoio para com a formação destes profissionais, Nóvoa (1999, *apud* Cunningham, 1992, p. 55) ressalta que: “apesar dos ataques da direita política e do seu eco na imprensa, parecia existir em 1990 uma tendência ascendente no que diz respeito ao apoio público aos professores e a uma apreciação favorável do seu papel”. Assim como pode ser comprovado com os dados divulgados por Martins (2000, *apud* INEP 1998, p. 49-50), aos quais foram levadas em conta a taxa de crescimento das funções dos professores e dos níveis de qualificações dos professores entre os anos de 1990 a 1998, mostrando que houve sim um impulso no processo de qualificação dos professores, embora ainda fosse considerado preocupante, pois ainda era insuficiente.

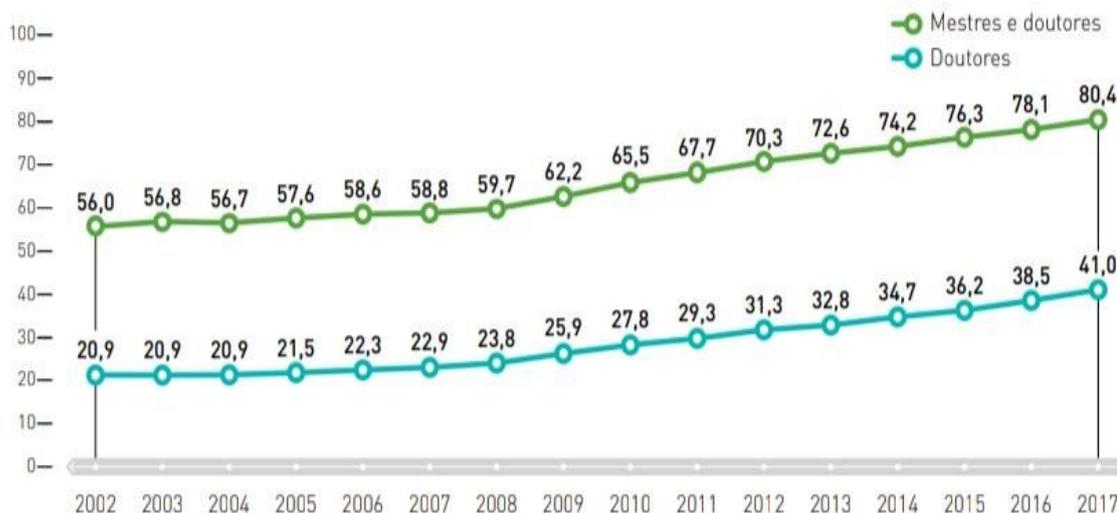
Tabela 1 - Distribuição e taxa de crescimento das funções dos professores em exercício, segundo regiões e o aumento de suas titulações

Regiões/ Grau de Formação	1990		1998		1990/98 %	Regiões/ Grau de Formação	1990		1998		1990/98 %
	Total	%	Total	%			Total	%			
Brasil	131.641	100,0	165.122	100,0	25,4	Sudeste	73.021	100,0	86.759	100,0	18,8
Sem Pós-Graduação	45.352	34,5	30.890	18,7	-31,9	Sem Pós-Graduação	24.396	33,4	15.085	17,4	-38,2
Especialização	41.597	31,6	57.677	34,9	38,7	Especialização	21.363	29,3	27.822	32,1	30,2
Mestrado	27.753	21,1	45.482	27,5	63,9	Mestrado	14.997	20,5	23.121	26,6	54,2
Doutorado	16.939	12,9	31.073	18,8	83,4	Doutorado	12.265	16,8	20.731	23,9	69,0
Norte	4.151	100,0	7.148	100,0	72,2	Sul	24.567	100,0	33.963	100,0	38,2
Sem Pós-Graduação	1.629	39,2	1.870	26,2	14,8	Sem Pós-Graduação	7.808	31,8	5.666	16,7	-27,4
Especialização	1.395	33,6	3.011	42,1	115,8	Especialização	9.797	39,9	13.182	38,8	34,6
Mestrado	885	21,3	1.764	24,7	99,3	Mestrado	4.991	20,3	10.156	29,9	103,5
Doutorado	242	5,8	503	7,0	107,9	Doutorado	1.971	8,0	4.959	14,6	151,6
Nordeste	22.293	100,0	25.479	100,0	14,3	Centro-Oeste	7.609	100,0	11.773	100,0	54,7
Sem Pós-Graduação	8.771	39,3	5.704	22,4	-35,0	Sem Pós-Graduação	2.748	36,1	2.565	21,8	-67,0
Especialização	6.305	28,3	8.966	35,2	42,2	Especialização	2.737	36,0	4.696	39,9	71,6
Mestrado	5.422	24,3	7.488	29,4	38,1	Mestrado	1.458	19,2	2.953	25,1	102,5
Doutorado	1.795	8,1	3.321	13,0	85,0	Doutorado	666	8,8	1.559	13,2	134,1

Fonte: Martins (2000, *apud* BRASIL, 1998, p. 49-50).

Os dados apresentados, expõem alguns avanços ocorridos tanto com relação ao aumento de funções dos professores, como também, uma maior notoriedade com relação à inserção desses professores nos diversos níveis de qualificação profissional de diferentes regiões brasileiras entre os anos de 1991 a 1998. Neles, podemos observar que houve sim, naquela época, uma maior apreciação do Estado, com relação a qualificação dos professores, assim como falamos anteriormente, principalmente com relação ao ingresso nos cursos de graduação, mesmo ocorrendo de forma tão lenta. Já entre os anos de 2002 a 2017, podemos verificar no gráfico abaixo certo aceleração com relação as taxas de ingressos nos cursos de mestrado e doutorado no país.

Gráfico 1 - Aumento de professores ingressos nos cursos de mestrado e doutorado no Brasil entre os anos de 2002 a 2017



Fonte: Anuário Brasileiro da Educação Básica (2019, p. 101, *apud* MEC/Inep/DEED – Sinopse Estatística da Educação Superior).

Os dados apresentados, expõem alguns avanços ocorridos entre os anos de 2002 a 2017, com relação ao processo de qualificação dos professores, em especial com relação ao aumento de professores ingressos nos cursos de mestrado e doutorado no Brasil. A partir desses dados, podemos perceber que esses avanços são de certa forma, frutos das muitas iniciativas que ocorreram desde a década de 90, com as diversas movimentações acerca da necessidade da qualificação.

Como vimos, houve nos últimos anos muitos avanços com relação as políticas educacionais, principalmente na área de ofertas e estímulos à qualificação profissional dos professores. Todavia, apesar de tanto os cursos de mestrado, como os de doutorado se mostrarem de forma positiva na tabela, esses dados ainda são capazes de evidenciar que o processo de qualificação dos professores no Brasil ainda necessita de maior atenção, acessibilidade e investimentos, principalmente tendo em vista as dificuldades enfrentadas pelos professores em sala de aula, a existência de muitos professores sem o nível básico de ensino, a graduação (como podemos perceber na tabela 01), e em especial, com relação as últimas movimentações políticas ocorridas no ano de 2019, com relação a priorização e o investimento na área da educação.

Ainda, com relação as medidas que foram direcionadas para a qualificação profissional dos professores, na busca por solucionar os problemas que surgiram diante do processo de globalização, chamamos atenção para algo importante. Nota-se, neste período que, com as alterações das funções dos professores os mesmos também passaram a perder uma boa porcentagem de seu prestígio, principalmente após esses profissionais serem

expostos e colocados como incapazes (como falamos anteriormente), o que instituiu na criação de uma enxurrada de projetos e programas que prometiam atender as necessidades da qualificação dos professores e que não trouxeram melhorias tão satisfatórias.

A esse respeito, Tanuri (2000, p. 85) relata que:

Apesar de todas as iniciativas registradas nas duas últimas décadas, o esforço ainda se configurava bastante pequeno no sentido de investir de modo consistente e efetivo na qualidade da formação docente. O mais grave é que as falhas na política de formação se faziam acompanhar de ausência de ações governamentais adequadas pertinentes à carreira e à remuneração do professor, o que acabava por se refletir na desvalorização social da profissão docente, com consequências drásticas para a qualidade do ensino em todos os níveis.

Quanto ao que foi citado acima, vale lembrar que nesta época o foco das atenções ainda se mantinha mais voltado para a formação inicial¹⁰ dos professores, não dando muita importância para a formação continuada¹¹. Uma prova consistente disso, foi o caso de uma das primeiras iniciativas voltadas para a qualificação profissional dos professores, o “aperfeiçoamento do magistério”, que de certa forma trouxe alguns resultados satisfatórios para época, mas, acabou assim como muitos outros, chegando ao fim em 1991.

Mas, nítido está que muitas medidas ainda se faziam necessárias com relação as políticas educacionais do final do século XIX. Tendo em vista a grande necessidade de reformulação da educação, e após muitos anos de tramitação no congresso, a nova Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), foi sancionada. Há exatos 35 anos da primeira LDB (1961).

Com relação à qualificação dos professores, a nova lei determina no Título VI, Dos Profissionais da Educação, artigo 61, que:

¹⁰ Quanto ao termo: formação inicial, vale lembrar que, o termo formação inicial refere-se a um espaço de tempo destinado para a educação profissional, ou seja, para o preparo “legal” dos indivíduos para a vida profissional, no qual pode se utilizar como exemplo os cursos de licenciatura regulares (Letras, Geografia, História, etc.), “aperfeiçoamento do magistério (que chegou ao fim em 1991)” citado anteriormente ou o programa PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores (Segundo o Ministério da Educação, este programa busca de forma rápida atender aos professores das redes públicas, que já se encontram em exercício da profissão dentro da rede pública de ensino, e que não possuem curso superior ou que lecionam em área diferente da sua formação, tendo como principal intenção a melhoria na formação desses professores (Ministério da Educação,).

¹¹ Já o termo formação continuada, assim como já diz a própria palavra, está ligado ao processo contínuo de aprendizado no qual o indivíduo em exercício deve estar passando constantemente, com intuito de complementar, aperfeiçoar seus conhecimentos (ROMANOWSKI, 2007).

Art. 61. A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos:
I - a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço;

Entretanto, sabe-se que a nova lei não teve o poder de mudar de forma profunda os problemas da qualificação profissional dos professores no Brasil, mas, muitos foram avanços com relação a legislação educacional.

A respeito desta lei, Silva e Meyer (2015, p. 23446) declaram:

Com a discussão proposta a LDB de 1996 apresenta-se como um avanço na legislação educacional, uma vez que consolida a importância de se discutir, elaborar e implementar projetos e ações de formação continuada para professores da escola básica. [...] as leis anteriores a 1996 não tratavam do tema ou apenas faziam referências e citações.

Com a Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, um novo desdobramento passou a surgir em volta da qualificação, do preparo dos profissionais de ensino, com relação ao que fora colocado nas versões anteriores da LDB, era realmente algo novo, que ainda não fora dito tão claramente antes. Desta forma, acreditamos que a referida lei, juntamente com outras iniciativas, impulsionou muitas ações importantes para a história da qualificação docente no Brasil que vinha ocorrendo de forma ainda mais lenta

Apesar de já termos findado quase três décadas após as reformas educacionais que foram impostas a sociedade brasileira após o golpe militar, olhamos hoje para trás e vemos o tempo que passamos para percorrer um acanhado caminho. Ainda é possível enxergar os lentos passos que foram dados com relação a qualificação profissional dos professores no Brasil, mesmo sabendo dos avanços, progressos alcançados nas últimas décadas.

Com o aumento dos cursos de aperfeiçoamento: especializações, mestrados¹², doutorados, pós-doutorados, etc., podemos observar o crescente número de alunos que passaram a se direcionar para eles, ao término de suas graduações. Claro que até então não podemos deixar de citar as questões de desigualdades sociais e de certa forma políticas que ainda se fazem totalmente presentes nestes contextos de aprovações, além das questões que envolvem a crise de identidade do professor, assuntos que comentaremos mais à frente.

¹² Segundo o Dicionário Aurélio (2010, 502), Mestrado é um “curso de pós-graduação que capacita o graduado à execução de pesquisas em uma área de conhecimento”.

Com relação aos professores em exercício, podemos destacar que uma vez inserido, ele passa a ser envolvido e obrigado a participar de outras formas de qualificação profissional oferecidas pelo governo, município, são elas: “cursos promovidos pelas próprias secretárias de educação e/ou a participação em simpósios, congressos, encontros orientados de alguma forma a seu desenvolvimento profissional” (CANDAUI, 2011, p. 52).

Os cursos promovidos pelas próprias secretárias de educação, são as conhecidas formações continuadas, cursos que geralmente deixam a desejar, pois, dispõem de informações sucintas e que muitas das vezes não levam em conta a realidade vivida pelo professor, na maioria das vezes são aulas mal preparadas (DUARTE; LEITE, 2004, p. 03).

Ainda, de acordo com a fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foi inserido dentro do sistema de ensino, um novo programa de formação inicial e continuada para professores em exercício, o PROFIC. Para participar, os professores da educação básica podem cadastrar currículos na Plataforma Freire e solicitar vagas em cursos do Programa de Formação Inicial e Continuada para Professores da Educação Básica (PROFIC).(CAPES 2017). O PROFIC, como percebemos, é mais uma iniciativa voltada não só para a formação inicial, mas, também, para qualificação profissional contínua dos professores da educação básica. Por isso, entendemos que, é algo muito rico e importante para o desenvolvimento profissional dos professores, principalmente tendo em vista que ainda são poucos os investimentos na educação, na qualificação dos professores. Qualificações estas, que realmente ocorra de forma satisfatória, levando em conta a realidade de cada professor.

Neste sentido, percebemos que a busca pelo processo de qualificação profissional dos professores, que vêm ocorrendo, sobretudo a partir da década de 1990, trouxeram importantes avanços para a educação brasileira, em especial, a partir da promulgação da LDB (1996) e do incentivo ao desenvolvimento de muitos programas voltados para esta causa.

Tais iniciativas, contribuíram essencialmente para esse processo, colocando em evidência as metodologias de ensino que vêm sendo utilizadas para a qualificação dos professores, nos fazendo perceber que, esse processo deve ser visto e repensado como algo que vai muito além da grande realidade pelo qual o encontramos hoje, deve ser reexaminado com prudência, levando em conta sua real importância e necessidade para um processo de ensino aprendizagem eficaz, pois como disse os autores Duarte e Leite (2004), esse processo representa a base para uma escola de qualidade.

2 SOBRE A PESQUISA

Nesta seção, temos como propósito apresentar os dados obtidos durante nossa pesquisa de campo, que teve como objeto de estudo, a qualificação profissional de professores do Ensino Fundamental na EEG. Neste sentido, vale ressaltar que, como técnica de abordagem ou coleta de dados foram utilizados a observação participante e a realização de entrevistas com 6 (seis) sujeitos, sendo eles: a gestora, a coordenadora e quatro professores do ensino fundamental de diferentes disciplinas, com perguntas relacionadas à vida pessoal e profissional dos professores.

Assim, apresentamos agora uma breve contextualização acerca da escola em que tivemos como base para realização desta pesquisa. Para isso, buscamos por informações obtidas durante conversas informais com funcionários e ainda por meio do acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Com isso, temos como finalidade analisar o cenário escolar e buscar perceber algumas situações que podem estar por trás do processo de qualificação dos professores dentro da escola.

2.1 Caracterização da Escola Estadual Girassol – aspectos históricos e vigentes

A EEG, fica localizado na cidade de Araguaína - TO, em um setor periférico da cidade.

Conforme está descrito no PPP da instituição, a Escola foi construído inicialmente a partir de uma doação de um terreno por um senhor que era um dos pioneiros da região. A princípio, foram construídas apenas duas salas de aulas, uma cozinha, uma sala para secretaria, uma cisterna (para retirada e consumo de água) e um banheiro (que foi construído de forma improvisada, de acordo com o modelo muito utilizado na época (a privada). Com essa primeira construção, ela já passou a funcionar em três turnos (manhã, tarde e noite). A iluminação noturna, ocorria também de forma improvisada, pois ainda eram utilizados um equipamento chamado “lâmpião”.

Ainda de acordo com o PPP, em 1981 a EEG passou a funcionar sob o convênio entre Estado e Município, e a partir de 1985, passou a atender alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio. Ao longo deste tempo de funcionamento, a demanda cresceu bastante, e muitas foram as mudanças, reformas que ocorreram na instituição, a última e mais evidente que consta no PPP, é a do ano de 1989, em que: “o Governador do Estado reformou e ampliou a Escola com um pavilhão com mais salas e área administrativa, incluindo uma Biblioteca (PPP, 2019, p. 28)”.

Em 2015, uma gestora com formação em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT assume a direção da EEG, e está à frente até os dias de hoje. Segundo o PPP, a mesma buscou se aprimorar de acordo com os anseios da comunidade local, procurando manter os projetos já instituídos, fazendo a reforma predial e a construção de uma quadra poliesportiva (a reforma mais evidente dentro da instituição desde 1985). (PPP da EEG, 2019).

De acordo com o PPP, escola conta com um quadro de 61 funcionários (dentre os quais 19 são professores do Ensino Fundamental, com formação entre graduação e pós-graduação, sendo 7 professores de português).

Segundo informações da secretaria escolar, dentro da mesma podemos contar com o quadro de 457 alunos matriculados, sendo que destes, 256 são do Ensino Fundamental, distribuídos em: 130 alunos no Matutino e 126 no Vespertino. Já no Ensino Médio conta-se com 201 alunos, distribuídos em: 81 alunos no Matutino e 41 alunos no Vespertino e ainda, 79 alunos que estudam em horário noturno. Há também a presença de alunos do Ensino Especial, que frequentam a sala de recursos que funciona no “contra turno”, sendo acompanhados quase que exclusivamente por uma única professora.

Já com relação ao público que é atendido, pode se dizer de acordo com o PPP e também conforme relatos de alguns funcionários da instituição, e dos próprios alunos durante o período de estágio, que são atendidos na escola os alunos internos (que moram no mesmo bairro em que é localizada a escola) e alunos residentes de bairros vizinhos e da Zona Rural (Pilões e Brejão) no município.

Conforme as informações obtidas durante a pesquisa, os alunos pertencem às classes socioeconômicas diversificadas em que, a renda mensal familiar pode variar de um (1) a quatro (4) salários, mas, que em sua maioria situa-se na classe social de baixa renda, ou “E” (termo que vem sendo utilizado pelo IBGE nos últimos anos), com renda média de até um (1) salário mínimo. Assim trazem para a escola níveis diversos de conhecimentos morais, religiosos e culturais.

Já com relação ao grau de instrução dos pais ou responsáveis pelos alunos, pode se considerar que é de Nível Fundamental quase que em sua totalidade (PPP da Escola Estadual Girassol, 2019).

Ainda sobre os responsáveis legais pelos alunos, e segundo relatos da coordenadora da instituição e demais funcionários, muitos pais comparecem raramente, mesmo nos encontros que geralmente acontecem nos finais dos bimestres, que servem para que os pais fiquem por dentro da evolução dos filhos, dos métodos que eles aprendem, e o que a escola está fazendo

ou planejando. Muitos pais acabam não comparecendo nas reuniões escolares.

Já com relação aos meios de comunicação utilizados pelos alunos, ainda são rádio e TV, mas, aos poucos estão se inserindo ao mundo das novas tecnologias, do celular, da internet. É notório que as novas tecnologias são utilizadas pelos alunos dentro da escola, principalmente, para acessarem redes sociais e raramente contemplar as atividades dirigidas pela escola, o que deve ser revisto e repensado pela equipe escolar.

Como já dito anteriormente, os alunos em sua maioria são residentes nos bairros periféricos da cidade e muitos sofrem com problemas psicológicos como por exemplo: a depressão. Tendo também vários jovens com problemas relacionados ao uso de substâncias entorpecentes. Segundo informações da equipe pedagógica da Escola, os funcionários têm se esmerado no combate a esta prática no recinto escolar, buscando por meio de palestras com profissionais qualificados, monitoramento interno no pátio e aconselhamento individualizado com os alunos e familiares para reverter tais situações. Todavia, durante o período em que estivemos presentes na escola/campo de pesquisa, foi observado que há de fato alguns indícios do que foi relatado pelos funcionários da escola. Notamos, que ainda há um número de incidências desses casos (problemas psicológicos, problemas relacionados ao uso de substâncias entorpecentes, etc.) dentro da escola, e isso é algo que precisa ser combatido diariamente a partir do envolvimento de toda a comunidade escolar e com o auxílio de profissionais especializados em determinados assuntos.

Com relação à infraestrutura da escola, percebemos que tem: alimentação escolar adequada para alunos e funcionários, água filtrada (disponibilizada em um único bebedouro que fica localizado no pátio da escola), possui água e energia da rede pública, fossa, lixo destinado apenas à coleta periódica (não há coleta seletiva), possui (na medida do possível) acesso à internet banda larga apenas para professores, sendo que o sinal é muito ruim.

Já com relação aos equipamentos, observamos que são muito limitados, há alguns computadores (boa parte destinada para os trabalhos administrativos e outra destinada para alunos na sala multimídia (cujo acesso é reservado mediante a recomendação e a necessidade dos professores, alguns ainda disponíveis para pesquisas dos alunos que comparecem no contra turno)), TV, DVD, copiadora/impressora (sendo que dificilmente são liberadas para impressão de atividades elaboradas pelos professores aos alunos, e quando liberadas possuem quantidade de cópias muito limitada.), aparelho de som, Projetor multimídia (Datashow), etc.

Conforme foi observado, notamos que a estrutura física da escola possui pouco espaço de circulação, está aparentemente em condições razoáveis. Possui oito salas de aulas (sendo que algumas turmas do ensino fundamental dispõem do apoio de uma assistente de turma ou

acompanhante de alunos que necessitam de um atendimento especializado), ainda sobre as salas de aula, possuem tamanho razoável, mas com janelas muito antigas e pequenas (e com pouco espaço de ventilação), possuem dois ventiladores de paredes (quando desligados para que se possa explicar alguma atividade/conteúdo, torna-se insuportável a permanência na sala, pois, é muito quente o ambiente), cada sala de aula possui dois aparelhos de ar condicionado (mas, há anos apenas uma única sala possui seu aparelho funcionando (a sala do 6º ano), mas, segundo informações da coordenadora, não há previsões para a troca desses aparelhos e nem para manutenção, pois, não possui verbas). As salas são extremamente escuras, as paredes são pintadas na cor azul escuro (o que acaba dando a impressão de que as salas são ainda mais escuras e quentes), e a situação ainda se torna pior por um lado, tendo em vista que há do lado fora de cada sala uma cobertura frente à janela, um quebra sol, feito de lona. As classes são organizadas com auxílio de cadeiras, mesas (grande parte delas já não se encontram em um bom estado de conservação). Já com relação à organização dos alunos nas salas de aula, geralmente são organizadas em fileiras, sendo uma atrás da outra conforme o mapeamento da sala (documento organizado pelas coordenadoras e professores da turma. Esse documento fica exposto na parede da sala de aula).

As dependências da escola, possuem: sala de diretoria; sala de professores (muito pequena, apertada e pouco ventilada); laboratório de informática/sala multimídia (sala pequena, com alguns computadores (sendo que a maioria não funciona), na sala é notável a presença de mofo no ambiente, pois, apresenta cheiro fortemente desagradável. Com relação à disponibilidade do local para alunos e funcionários, o ambiente deixa a desejar, pois na maioria das vezes não se consegue reservar horário para uso, pois, ele é reservado quase que exclusivamente para o programa Mais Educação, que também acontece na escola durante todo o ano. Outra questão a se pensar, é que quando os professores conseguem realizar alguma atividade no local, os mesmos têm que dividir espaço com os alunos de outros turnos que geralmente estão presentes realizando trabalhos/pesquisas ao mesmo tempo que os alunos cuja o horário foi reservado, o que acaba causando bagunça, desordem); cozinha (com uma dispensa, reservada para guarda de alimentos); biblioteca (relativamente pequena, possui apenas 4 (quatro) mesas pequenas e algumas banquetas, um (1) único ventilador de parede (que já está muito ruim), a biblioteca também se encontra com cheiro muito forte e característico de poeira, mofo (que pode ter sido causado devido à presença de goteiras no teto, o que acaba gerando excesso de umidade no local e facilitando a presença de ácaros), além do fato dos livros se encontrarem dispostos de forma muito amontoadas), na biblioteca não à presença ou acompanhamento a respeito da entrada e retirada de livro; banheiros

masculinos e femininos separados (dentro de cada um a um compartimento reservado para alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, porém, todos são muito precários, com alguns compartimentos interditados e com quase todas as portas destruídas); sala de secretaria relativamente pequena; almoxarifado (reservado para materiais de limpeza e etc.). No geral, a escola possui um ambiente relativamente pequeno, mas sobretudo com pátio coberto, pequena área verde, além de uma quadra de esportes coberta.

Mesmo diante do que foi exposto acima, percebemos que o que se encontra descrito no PPP, é que ela possui um ambiente acolhedor, confortável, seguro e que possui corredores adequados para ventilação natural, que vem estimulando o bem-estar de todos (o que de fato não é totalmente descabido). Mas, com relação ao que foi observado durante os dias em que estivemos presentes na instituição, é que ele conta com pouco espaço para o desenvolvimento adequado das atividades pedagógicas. No pátio da escola (lugar que em sua maioria é ocupada pelos alunos em horários de intervalo e durante as aulas de educação física) possui duas (2) quadras de pingue-pongue, esta área se encontra totalmente exposta ao sol durante o dia, e por falta de outras alternativas legais, muitos alunos acabam se arriscando ao entretenimento, divertimento. Percebemos que durante a brincadeira muitos ficam muito soados, incomodados com o ambiente, mas, por se tratar de uma das únicas distrações, recreações na escola durante o intervalo, o local acaba sendo muito disputado, pois muitos acabam optando por estar ali.

Com relação a proposta pedagógica da escola, a coordenadora relatou que a mesma é direcionada através do PPP, que contempla os projetos elaborados pela equipe escolar (conforme as orientações da SEDUC e Diretoria Regional de Ensino), como: Educação Financeira, Escravo Nem Pensar etc. Ela também relata que a perspectiva de trabalho na escola acontece através de projetos pedagógicos em que se privilegia a interdisciplinaridade e preza pela abertura à comunidade (principalmente com acolhimentos dos pais de alunos) e a parcerias com outras instituições.

Ainda, segundo a coordenadora, a organização administrativa e pedagógica da Escola, segue princípios de gestão democrática de acordo com o PPP, obedecendo alguns processos, como: autonomia pedagógica, administrativa e financeira da escola, corresponsabilidade entre o poder institucional e comunidade escolar, transparência dos mecanismos administrativos, financeiros e pedagógicos.

2.2 Caracterização dos sujeitos entrevistados

Durante esta etapa de realização de entrevistas, convidamos outros professores para que pudessem contribuir com nossa pesquisa, mas, mesmo informando a eles que o nome da escola e o nome deles não apareceriam na pesquisa, apenas quatro professores que trabalham no Ensino Fundamental II se dispuseram a participar. Assim, as entrevistas foram gravadas mediante o consentimento dos participantes, aos quais, logo após foram transcritas.

Desta forma, com intuito de preservar a identidade dos participantes (assim como havíamos combinado), eles foram identificados da seguinte forma: os professores foram identificados pela letra “P”, seguida dos números de 1 a 4, exemplo: P1, P2, P3, P4. Já a coordenadora pela letra “C”, seguida pelo número 1, ficando C1, e a diretora identificamos pela letra “G” seguida pelo número 1, ficando G1. O quadro a seguir nos ajudará a entender de forma mais dinâmica algumas especificidades destes sujeitos.

Quadro 1 - Características dos sujeitos entrevistados

Entrevistados	Tempo de profissão	Tempo de graduação	Tempo atuando na Escola Estadual Girassol	Qualificação atual	Professores efetivos (concurados) e o tempo
P1	27	14	25	Especialização	14
P2	19	17	8	Especialização	10
P3	23	2	1,5	Graduação	10
P4	15	4	5	Especialização	5
C1	21	15	18	Especialização	10
G1	5	12	5	Especialização	Somente como professora

Fonte: Autoria própria.

P1 é uma professora que segundo ela, já está quase se aposentando. É concursada pelo Estado, trabalha como professora há vinte e sete anos. Possui graduação em Letras pela UFT, aos quais, concluiu o curso no ano de dois mil e cinco, e especialização (EAD) em leitura e escrita pela UFT. P1, atualmente atua no Ensino fundamental II e Ensino Médio, onde ministra aulas referentes à disciplina de Português.

P2 é uma professora concursada que exerce a profissão a dezenove anos. Ela possui graduação em geografia pela UFT, tendo concluído em dois mil, e especialização (EAD) em geografia pela UNINTER, a qual concluiu em dois mil e dois. P2 atua ministrando aulas em sua área de formação, na disciplina de Geografia no Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

P3 é um professor que exerce sua profissão há vinte e três anos. Ele possui graduação em Matemática pela UFT, a qual concluiu em dois mil e dezessete, e ainda não possui

especialização. P3 atua ministrando aulas de Matemática, Física e Química no Ensino Fundamental II E Ensino Médio.

P4 é o professor ao qual tivemos mais contato, pois acompanhamos durante um ano e meio nos períodos de estágio e desenvolvimento do Programa RP, ao qual ele é preceptor. Ele é um professor concursado que exerce a profissão de professor a dezoito anos, possui graduação em Letras pela UFT, e concluiu no ano de dois mil e quinze, com especialização (EAD) em leitura e escrita também pela UFT. P4 atua ministrando aulas de ALE (Aperfeiçoamento de Leitura e Escrita), Redação, Arte e Português no Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

C1 é a coordenadora pedagógica da Escola Estadual Girassol, ela é concursada no cargo de professora, mas exerce a profissão de coordenadora na Escola Estadual Girassol a dezoito anos, possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, tendo concluído o curso no ano de dois mil (2000), e possui especialização (EAD) em coordenação pedagógica, pela UNOPAR. Segundo o PPP da escola, C1 atua desenvolvendo atividades de acompanhamento e supervisão das atividades escolares.

G1 é a gestora da Escola Estadual Girassol, ela é concursada no cargo de professora, mas, exerce a profissão de gestora na escola a cinco anos, possui graduação em Letras pela UFT, e concluiu sua graduação no ano de dois mil e sete, possui especialização em gestão escolar, pela UNOPAR.

A partir de tais caracterizações, podemos agora iniciar nossa seção de análise das falas dos seis sujeitos entrevistados, sendo capazes de compreender e associar melhor cada posicionamento e contexto escolar.

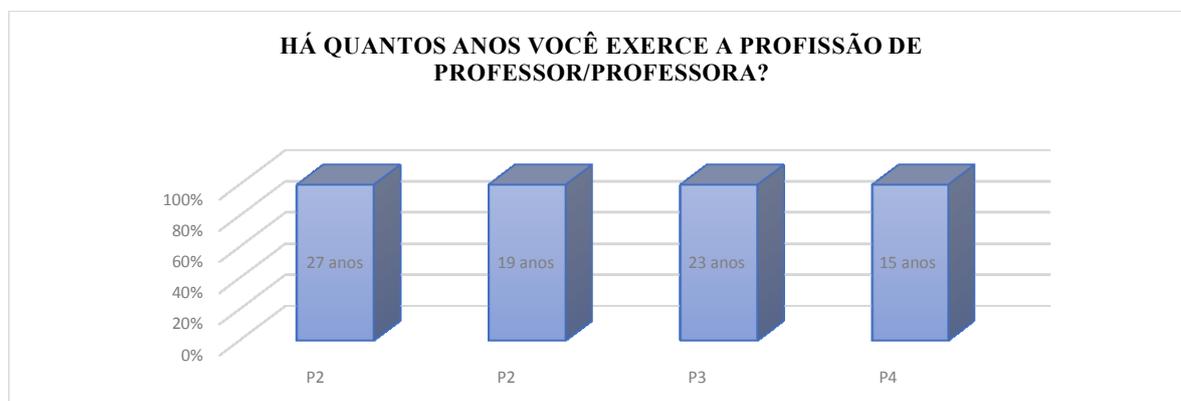
2.3 Análise dos dados

No primeiro momento serão analisadas as entrevistas realizadas com os professores P1, P2, P3 e P4. Em seguida serão analisadas a entrevista com a coordenadora pedagógica da escola e na sequência a entrevista com a gestora escolar, assim como podemos verificar a seguir.

2.3.1 A qualificação profissional sob a ótica dos professores do Ensino Fundamental da Escola Estadual Girassol

Na primeira parte da entrevista, as perguntas realizadas se referem às questões profissionais e, ao mesmo tempo, às questões pessoais da vida dos professores entrevistados, conforme o gráfico e a tabela a seguir.

Gráfico 2 - Tempo de profissão



Fonte: Autoria própria.

Tabela 2 - Tempo de formação (graduação) e de profissão

PROFESSORES	TEMPO DE FORMAÇÃO (GRADUAÇÃO)	TEMPO DE PROFISSÃO
P1	14 anos	27 anos
P2	17 anos	19 anos
P3	2 anos	23 anos
P4	4 anos	15 anos

Fonte: Autoria própria.

Os dados acima, têm por objetivo evidenciar o envolvimento dos professores, para com o contexto de sua profissão.

Diante do que foi exposto no gráfico e na tabela acima, percebe-se que, 100% dos professores entrevistados já vem exercendo a profissão de professor/professora a no mínimo quinze anos (desde as décadas de 1990 até os dias de hoje). E que todos possuem curso de graduação em área específica. E, isso é algo muito importante, pois, demonstra que os professores conhecem as particularidades das áreas que atuam (mesmo, sendo comum ainda permanecer algumas deficiências após a formação inicial) e ainda a entender a necessidade dessa formação. Mas, o que nos chama mais atenção nesses casos, é o fato de que todos possuem mais tempo de profissão, como professores, do que de formação (graduação).

Neste sentido, Castro (2007, p. 25) evidencia em sua pesquisa que, entre 1996 e 2005,

As funções docentes de 5^a à 8^a séries, no mesmo período, também mostravam alguns avanços, mas, principalmente, resistências: em 1996, 25,3% dessas funções eram exercidas por docentes apenas com o ensino médio (índice de 45,8% no Nordeste); em 2005, o índice nacional havia caído para 16,8% (33,3% no Nordeste). Nessa etapa do ensino fundamental, a LDB exige nível superior, mas havia no País mais de 142 mil funções docentes (55,4% delas localizadas no Nordeste) exercidas por professores sem a formação prescrita na lei.

Os dados acima podem ser analisados como reflexo das medidas tomadas pelo Estado e suas políticas educacionais, que obrigaram os trabalhadores a estarem se qualificando, buscando a adequação do sistema educacional brasileiro para o período de fortes modificações que o mundo estava passando. A partir de 1990, o Estado passou a recomendar aos sindicatos e instituições de formação de professores, muitas propostas, dentre elas a reestruturação dos cursos de formação de professores (licenciaturas, cursos de pedagogia) e a extinção dos cursos de habilitação em magistério (que já vinha sendo considerado insuficiente) (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011), o que acabou desencadeando um cenário de grandes competições, onde as vagas de emprego na maioria das vezes permaneciam nas mãos dos mais qualificados.

Diante desse cenário, de formação de professores, é importante frisarmos a respeito da Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 - LDB, no Título VI, “Dos Profissionais da Educação”, que diz respeito a formação mínima dos professores:

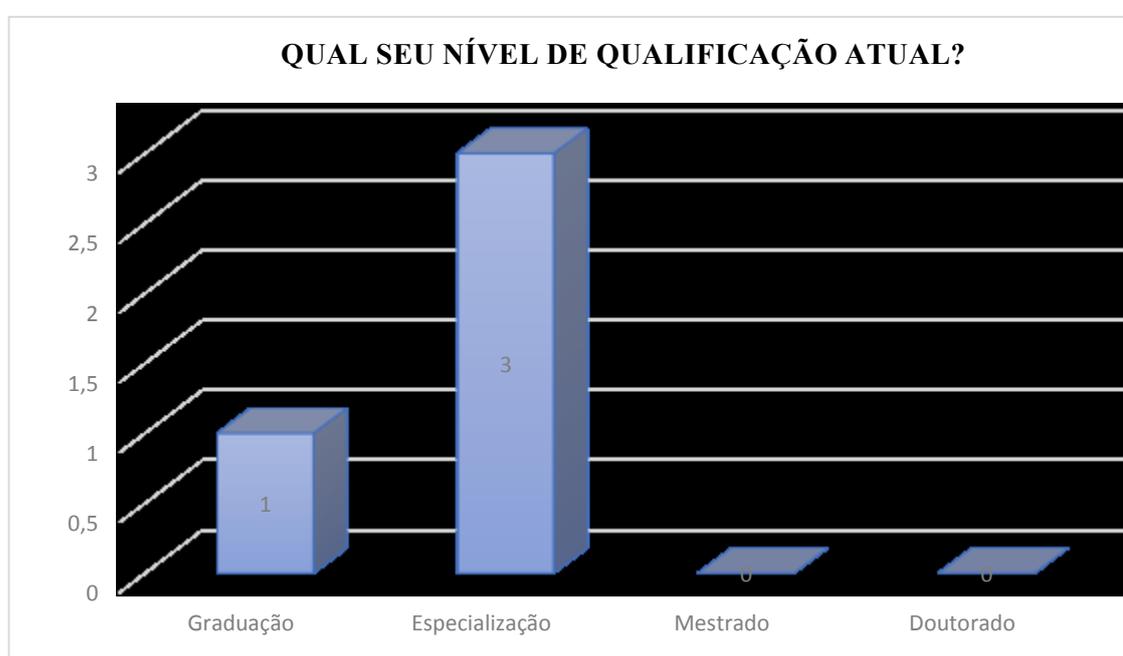
Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

A Lei, de alguma forma, trouxe muitos benefícios, impulsionou muitas ações positivas para a educação brasileira, como por exemplo, a exigência da formação superior (graduações) e o impulsionamento das discussões em torno da qualificação contínua dos professores, que antes não era vista com tanta importância. Em contra partida, a esse impulso, houve aí certo prejuízo, falha, pois, o Estado não garantiu com que todos os professores tivessem uma formação em tempo “normal” e de uma maneira adequada. Ou seja, ao mesmo tempo que houve prejuízo, houve também benefícios, porque os professores foram motivados, incentivados a buscar pela formação, principalmente por meio das instituições privadas, inclusive na oferta de EAD (cujo modo, como vêm sendo implantada por muitas instituições,

vêm servindo de alicerce para o desencadeamento de muitas discussões, pois, percebe-se que nem tudo ocorre como dizem), para que todos pudessem em dez anos (que foi o tempo determinado) realizar um curso superior (CASTRO, 2007).

É diante deste cenário, a sociedade precisou se reestruturar, passou-se a exigir um outro perfil de trabalhador, de professor, que a qualificação profissional passa a ser vista com novos olhos, passa a ser ressignificada, entendida como algo necessário, mediante as novas exigências sociais. Observemos agora o gráfico e o quadro a seguir.

Gráfico 3 - Nível de qualificação atual dos professores entrevistados



Fonte: Autoria própria.

Quadro 2 - Nível de qualificação atual dos professores entrevistados

PROFESSORES	NÍVEL DE QUALIFICAÇÃO ATUAL
P1	Especialização
P2	Especialização
P3	Graduação
P4	Especialização

Fonte: Autoria própria.

Os dados acima, representam muito bem exposto anteriormente, sobre as exigências de maior qualificação profissional, ao incentivo em conquistar novos níveis de qualificação que vem surgindo (mesmo que ainda muito devagar) nos últimos tempos, em que os

trabalhadores para conseguir ou assegurar seus empregos tiveram que buscar formas de se destacar, sobressair-se dos demais professores. E foi justamente isso que 75% dos entrevistados optaram por fazer, buscaram se qualificar a nova exigência do mercado, dos modos de produção, por meio dos cursos de especialização, que foram realizados por meio da EAD, que vem se destacando cada vez mais entre os métodos de qualificação, sobretudo por apresentarem maiores possibilidades de sucesso e adequação às condições de trabalho dos professores e ainda por fazerem parte das estratégias de ensino nas atuais políticas educacionais do país, sendo muito solicitado pelos professores. Isso pode ser justificado por muitos motivos, alguns deles podem ser representados na fala da professora P1, que nos diz:

Optei por fazer essa especialização a distância, porque somos muito cobrados dentro dessa profissão, e não temos apoio de ninguém para isso, então vi esse curso como uma oportunidade de estar me atualizando de uma forma que eu pudesse pagar e que desse para mim fazer de acordo como o tempo que eu tenho disponível.

Apesar de compreendermos que esta escolha de estar se qualificando por meio da modalidade de ensino EAD, seja algo bom, do ponto de vista profissional, em especial, devido às exigências e às condições de trabalho, além é claro, da possível melhoria salarial, percebemos por meio de sua fala que essa busca por algo mais rápido e ao mesmo tempo viável, acaba refletindo, muitas vezes, em uma imagem negativa do ponto de vista de seu comprometimento com a sua profissão, e, é algo que, geralmente, pode estar associado a cultura da instituição, ao comodismo, etc.

Dando continuidade à análise do quadro, outra questão que nos chamou atenção, foi o fato de P3 (que atua ministrando aulas de Matemática (área ao qual é graduado), Física e Química no Ensino Fundamental II e Ensino Médio.), que representa 25% dos entrevistados, ainda não ter realizado e nem iniciado nenhum outro nível de formação acadêmica (especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado) após o término de sua graduação (que já tem dois anos). Isso nos chama atenção, principalmente, por se tratar de um professor que já vem exercendo a profissão a um pouco mais de vinte anos e que se manteve durante tantos anos afastado, fora deste contexto de qualificação. Além do fato de ter demonstrado durante a entrevista certa insegurança ao se referir a sua vida profissional. Mas, o que está por traz disso? Do fato desse professor não ter dado continuidade ao seu processo de qualificação profissional após o término de sua graduação?

Sabemos, que existem muitos motivos para isso, alguns deles podem ser justificados inclusive, devido as muitas adaptações que os professores são obrigados a realizar, pois, é

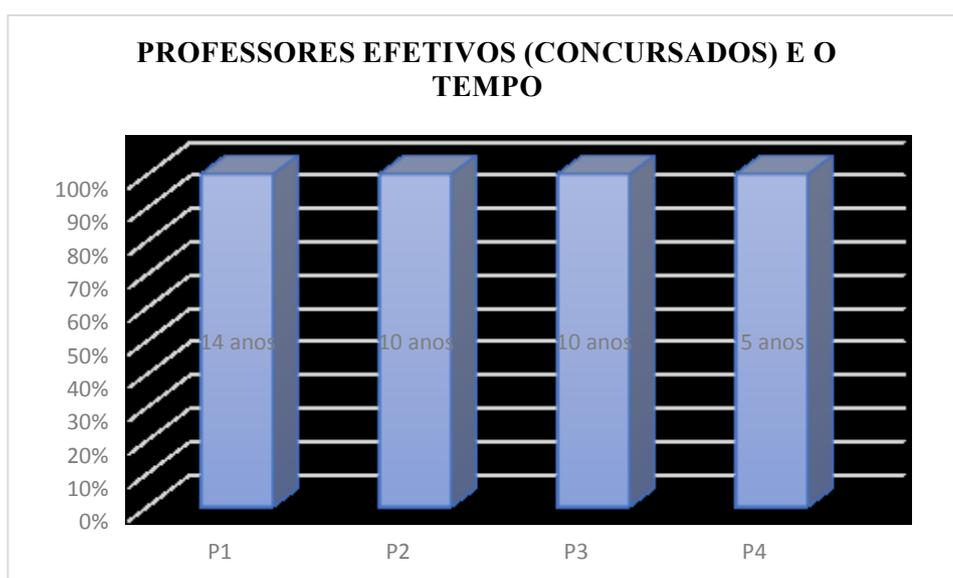
submetido a trabalhar com três disciplinas em diferentes séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio, isso, como forma de completar a carga horária que lhe é exigida. Essa realidade que também remete a vida profissional de muitos professores acaba de certa forma tornando “seu trabalho alienado, comprometendo ou descaracterizando a atividade docente (BASSO, 1998, p. 01)”, e, conseqüentemente, sua qualificação.

Outra questão que cabe respaldo dentro deste contexto, está atrelado ao comodismo. Quanto a isso, Linhares (2014, p. 04) diz que:

[...] apesar dos estímulos frente à qualificação, percebemos uma intensa resistência por parte de alguns professores, que não querem se qualificar, apesar de serem ofertados cursos através de programas do governo federal, a falta de disponibilidade de alguns profissionais, é uma forte variável para fortalecer a dicotomia entre a teoria (ou ausência desta) e a prática pedagógica. Ou mais ainda, o desinteresse na capacitação, poderá levar a uma prática desprovida não só de teoria, mas de uma prática renovada.

De acordo com Linhares (2014), o professor deve estar inteiramente comprometido com a qualidade de seu trabalho, de sua profissão e conseqüentemente de sua qualificação, pois, quando ele se insere dentro deste contexto educacional, da sala de aula, ele acaba se tornando também responsável pelos resultados obtidos ali, por meio de sua prática, por isso, é preciso assegurar seu profissionalismo e busca continua pelos conhecimentos científicos, pedagógicos, etc. Os dados a seguir ajudam-nos a entender ainda mais esta situação.

Gráfico 4 - Professores concursados



Fonte: Autoria própria.

Neste momento, é importante considerarmos o modo como a profissão docente foi escolhida pelos professores entrevistados.



Fonte: Autoria própria.

Perguntamos aos professores a respeito do que levou cada um deles a escolher a profissão de professor, 50% justificou sua resposta relacionando-a a questões alusivas ao prazer e ao gosto pela área da educação e outros 50% justificou sua resposta como sendo devido à falta de opção.

A esse respeito, a profissão docente não deveria ser algo que fosse escolhida de forma aleatória, sem pensar nas nossas próprias aptidões, capacidades, especificidades e nas características do meio ao qual iremos trabalhar. Isto é, o engajamento das pessoas com o ambiente de trabalho é algo que deveria ser visto como inseparável, indispensável, pois, refletem de forma significativa nos resultados (tanto positivo, como negativo) dos trabalhos desenvolvidos (TEIXEIRA; CASTRO; CAVALHEIRO, 2008).

Além disso, esse cenário educacional, de escolha pela profissão e também da qualificação, nos remete a uma questão muito importante, a identidade docente. A identidade docente cumpre papel de grande importância no momento de escolha (assim como veremos mais à frente).

Com relação as falas de P1 e P2, que representam 50% dos professores entrevistados, justificaram suas escolhas pela profissão docente como sendo devido à falta de opção. Isso

nos mostra claramente que, a princípio, nenhuma dessas docentes tinham realmente interesse por ser professoras.

A exemplo disso, observemos como as respostas das professoras se apresentam, conforme o quadro abaixo.

Quadro 3 – Escolha da profissão

O que levou você a escolher esta profissão?	
P1	Não foi nem uma escolha, primeiro foi a oportunidade que me apareceu. [...] tô sobrevivendo com isso...
P2	Falta de opção, na época não tinha outra faculdade, não tinha outro curso.

Fonte: Autoria própria.

As falas acima, nos mostram que 50% de nossa amostra não buscou por esta profissão por uma questão de identidade com a docência, com a profissão docente, ou por uma questão de busca pelo conhecimento e interesse em estar contribuindo com o desenvolvimento da educação, da sociedade. Mas, buscou sobretudo, por essa profissão, porque foi a única opção possível em um determinado momento da vida deles, não havia outra alternativa naquele momento e viram os cursos de licenciatura, como algo possível de se fazer, de cursar, de estarem se mantendo, se profissionalizando dentro das suas condições e possibilidades.

Neste sentido, Nóvoa (1999, p. 25), diz que, “é preciso contrariar a lógica de uma “passagem pelo ensino”, à espera de encontrar uma coisa melhor: “Se há falta deles; se até ganha uns trocos (oh tempo! Oh chances!) enquanto não se arranja outra coisa mais... enfim...; se até o desemprego diminui [...]”.

Nóvoa (1999), nos faz refletir ainda mais a respeito de algo muito recorrente dentro do contexto profissional de nossa sociedade, em que, a profissão docente acaba sendo escolhida por muitos como uma forma de “fuga da realidade”, como uma profissão “tapa-buraco”, isto é, apenas realizada para suprir uma determinada realidade (que pode ser temporária ou não). Além disso, nos faz pensar a respeito da quantidade de professores que se encontram dentro das salas de aulas, mas, que não possuem o mínimo de identidade docente, o que acaba muitas vezes “mantendo no ensino professores a contragostos, que buscam por uma identidade (pessoal e social) noutras atividades (NÓVOA, 1999, p. 25 *apud* COSTA, 1989)”.

Segundo Santos e Silva (2016), a identidade docente dentro do universo de escolha pela profissão vem se tornando cada vez mais limitada, ou seja, percebe-se um distanciando de nossos jovens com relação a escolha pela profissão docente. Isso pode ser justificado por

muitos fatores, como: “status social, remuneração, formação, contexto histórico e mercado de trabalho”.

Desta forma, pertinente dizer que, embora a profissão docente não seja para muitos a profissão tão sonhada, esses profissionais devem ter o compromisso com aquilo que se deseja de um professor e ter a consciência que deve se empenhar ainda mais em ensinar e ao mesmo tempo em aprender, para que possa desenvolver seu trabalho com qualidade. Ou seja, devem buscar cada vez mais superar deficiências e dificuldades que se encontram conscientes e principalmente inconscientes, por meio da qualificação. A esse respeito, Nóvoa (1999), destaca que, “é necessário criar dispositivos que permitam que situações fundamentais para o aprofundamento da carreira docente – por exemplo, a possibilidade de trabalhar durante um período de tempo fora da escola ou frequentar formações longas”. (NÓVOA, 1999, p. 25).

Em se tratando de P3 e P4, podemos observar uma outra realidade, que corresponde a 50% dos professores entrevistados, que demonstram por meio de suas respostas, um outro lado, deste cenário. As respostas dos professores se apresentam conforme o quadro.

Quadro 4 - O que levou você a escolher esta profissão?

O que levou você a escolher esta profissão?	
P3	Eu gosto da área que trabalho, eu gosto de exatas e minha experiência foi quando eu tinha dezoito anos, eu entrei na sala de aula para ministrar aula para o pessoal do quinto ano, e aí eu gostei e nunca mais sai.
P4	Olha, eu vejo a profissão do professor como uma missão, um bem comum da sociedade... Então, me sentia muito incomodado em não poder contribuir de forma efetiva e direta na construção de uma nação, do Brasil em especial. Então, o que me comoveu e levou a ser professor foi essa vontade de participar da formação ativa da nação brasileira, contribuindo com esse objetivo e principalmente fazendo parte dele.

Fonte: Autoria própria.

De acordo com a fala de P3, vemos que sua capacidade de ensinar foi principalmente descoberta durante o início do período de escolarização, ou seja, quando teve seus primeiros contatos com a sala de aula em uma turma do quinto ano. Isso demonstra que ele buscou seguir a carreira docente por uma questão aparentemente de identidade, que passou a ser construída lá atrás.

Possivelmente, os primeiros contatos com a sala de aula podem tê-lo feito se sentir desafiado a ensinar, a enfrentar os desafios que surgem diariamente dentro dessa profissão, o que pode ser ainda justificado diante dos resultados (tanto negativos ou positivos) que podem ter sido ocasionados lá na turma do quinto ano, quando teve sua primeira experiência como professor.

Tal realidade, nos faz pensar a respeito do que é esperado do professor (algo que abordamos lá atrás), ou seja, que ele ao mesmo tempo que exija de seu aluno a tarefa de estudar, ele também questione sua prática, seu modo de ensino, seu aprendizado e procure estar a todo instante buscando respostas para tais questionamentos, se qualificando. Assim, percebemos que, o fato de P3 estar atuando na profissão de professor a vinte e três anos, e só ter se graduado a dois anos, acaba demonstrando certa distorção com relação as suas repostas, principalmente quando ele relata ter dificuldade diariamente na execução das atividades (assim como veremos mais adiante), pois, aparenta certo grau de descomprometimento, desleixo com sua prática de ensino, conforme pudemos observar nos momentos em que o acompanhamos em sala de aula.

Já com relação ao sujeito P4, sua fala demonstra preocupação e comprometimento com a área da educação e ainda o reconhecimento da importância que uma educação de qualidade tem na vida de seus alunos, de uma sociedade.

No geral, pudemos perceber que esses profissionais vêm desenvolvendo diariamente suas atividades, levando em conta os conteúdos estipulados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no PPP da escola, assim como também cumprindo adequadamente suas cargas horárias estipuladas. Isso, a grosso modo, demonstra certo grau de comprometimento do professor com sua profissão, mas, acaba evidenciando que o cumprimento das normatizações é mais importante para o aprendizado do aluno do que a qualidade do ensino em si.

Em contrapartida, ao compararmos o que foi dito pelos professores (P3 e P4), com suas práticas de sala de aulas, percebemos que há aspectos contraditórios, o que pode ser relacionado com questões que envolvem a falta de comprometido e seriedade para com sua profissão.

Com relação à atuação desses dois professores em sala de aula, geralmente suas práticas demonstram certo despreparo para lidar com questões recorrentes e comuns a rotina de um professor, principalmente tendo em vista as muitas exigências que vem ocorrendo nos dias de hoje. Vemos que, quando estão à frente da sala de aula, há ali, ainda, uma mentalidade marcada pelo autoritarismo, pela detenção do saber por parte do professor, pela formalidade, variedades de regras, punições como forma de garantir a obediência do aluno, machismo e

preconceito, o que são reflexos de um ensino tradicionalista, não no sentido de preservar algo bom, as “tradições”, mas, no sentido arcaico e que devido as fortes transformações da sociedade, já consideramos ultrapassado, não se adequa nem atende ao contexto atual.

Diante do que foi dito acima, podemos citar alguns exemplos ocorridos e presenciados durante as aulas ministradas pelo professor P4, ao qual tivemos a oportunidade de acompanhar mais de perto durante um ano e meio no Programa de RP e Estágios Supervisionados I, II, III e VI. Observemos agora o recorte do relato descrito no quadro abaixo.

Quadro 5 - Recorte do diário de campo/aula que ocorreu no dia: doze de abril de dois mil e dezenove, com o desenvolvimento de uma dinâmica, desenvolvida no pátio da escola)

A princípio, o professor fez a contagem de alunos, a fim de saber quantas meninas/alunas e quantos meninos/alunos haviam comparecido à aula naquele dia. Então, ele separou a turma em dois grupos, um sendo de meninas e outro de meninos. Desta forma, realizou ainda mais dois sorteios, a fim de dividir ambos os grupos em dois, totalizando dois grupos de meninas e dois grupos de meninos, de forma que não houvesse junção entre ambos os sexos (meninas e meninos).

Por alguns instantes, parecíamos não acreditar no que o professor estava fazendo, pois o que nos transpareceu com aquela atitude foi intenções totalmente machistas, deixando claro a sua ideia de que meninas não deveriam brincar no mesmo grupo que meninos.

Fomos para quadra da escola, lá, as atividades ocorreram da seguinte forma: com os grupos organizados diante do professor, o professor com o auxílio do dicionário, deveria citar uma palavra para cada grupo, no qual o grupo sorteado deveria soletrar a palavra citada pelo professor e ao final dizer o significado de cada uma. Caso o grupo acertasse todo o processo, ele deveria chutar a bola contra a trave de gol, se acertasse, ganharia uma pontuação e passaria a vez para o próximo grupo, de forma que todos participassem.

Durante o desenvolvimento da atividade, houve momentos em que foram citadas palavras com dígrafos, como por exemplo os com “ss”, “sc”, muitos alunos demonstraram bastante dificuldade ao soletrar tais palavras, até que um dos alunos perguntou para o professor porque se utilizava “ss”, o professor simplesmente disse que, “era porque deveria ser assim, e que não havia regras” (o que demonstrou não só para nós, mas também para os alunos a falta de conhecimento do professor com relação ao assunto, ao mesmo tempo que revelou a falta de conhecimento prévio para execução da atividade, além da falta de humildade em assumir que não sabia responder, mas que procuraria saber e trazer alguma resposta em um outro momento). Mas, os alunos não demonstraram contentamento com a resposta dada pelo professor, até que se dirigiram a nós (residentes) a pergunta, e quando fomos responder, ele simplesmente disse: “Essas aulas são minhas! Quem sabe o que é ou não sou eu!”, até que todos se calaram e deram continuidade a dinâmica, utilizando desta

vez outras palavras.

Ao contrário do que se poderia imaginar, o ocorrido acima, não nos reprimiu diante de nossa prática à frente da sala de aula, pois, só demonstrou ainda mais a insegurança que o professor sentiu diante de nossa presença, também nos fez refletir bastante a respeito da prática do professor, nos fez pensar a respeito do ambiente em que se encontram ainda hoje as nossas salas de aula, com tamanho machismo, autoritarismo e falta de preparo, onde ainda se vê que em muitos lugares apenas a voz do professor é que tem vez, o que nos impulsionou de certa forma, a “correr” desta prática “desapropriada”, buscando assim, estar cada vez mais nos qualificando.

Fonte: Relatório de estágio (GOMES, 2018, p. 22-23).

Diante deste fato, é impossível não traçarmos relações com uma prática autoritária e incapacitada, do ponto de vista profissional, sobretudo, por se posicionar frente aos alunos por meio de uma prática autoritarista, ofensiva e rígida, acabamos desencadeando como consequência muitas respostas negativas, como por exemplo, a falta de empatia do aluno com o professor, a falta de respeito, a repreensão da criatividade, pois os alunos percebem a insegurança do professor por meio de sua prática, o que acaba muitas vezes resultando em uma maior indisciplina e confronto dentro da sala de aula (FREIRE, 1996).

Por isso, devemos ter em mente que “bater de frete (no sentido de disputa)” com nossos alunos nunca é a melhor saída, para isso devemos ser sempre francos e a cada vez que nos sentirmos confrontados, questionados, estar revendo, questionando nossa própria prática de ensino e conseqüentemente estar buscando melhorá-la, aprendendo mais, nos qualificando.

Por outro lado, é importante ressaltar que, o fato de um professor ser bem qualificado cientificamente, com certificação dos diversos níveis de qualificação, não significa que, ele terá necessariamente uma ótima prática de ensino, que não seja autoritário, etc., pois, há professores e professoras cientificamente preparados, mas autoritários a toda prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor (FREIRE, 1996).

Ainda dentro deste contexto de perguntas, procuramos saber a respeito do grau de satisfação desses profissionais com a profissão docente, principalmente sabendo que já atuam na área a no mínimo quinze anos. Montamos o gráfico abaixo como forma de ilustrar melhor o grau de satisfação e identificação desses profissionais para com a profissão ao longo desse período de docência em sala de aula.

Gráfico 6 - Nível de satisfação dos professores/professoras com sua profissão



Fonte: Autoria própria.

Com relação ao nível de satisfação, 50% alegaram estarem satisfeitos com suas profissões e outros 50% mostraram-se indiferentes com suas respostas, o que pode ser melhor entendido a partir do quadro abaixo.

Quadro 6 - Satisfação dos professores

Você se sente realizada por tê-la escolhido? Por quê?	
P1	Sim... Na época era um sonho. Igual estou te falando... Eu não tive outra chance, não tinha condições, não tinha dinheiro para cursar o que eu queria de verdade. Então, foi o que apareceu, fiz o concurso, logo passei para Letras, aí já entrei, tô sobrevivendo com isso...
P2	Serve... Não é uma frustração, mas, também não é compensativo como remuneração, mas não é tão frustrante.
P3	Sim.
P4	Sim, todos os dias de minha vida eu me sinto... Por mais que muitas vezes a gente é criticado e não é reconhecido, mas, eu acredito que eu estou aqui por uma força muito maior do que o pensar ou criticar alguém. Eu estou aqui porque desejo contribuir para uma nação melhor que é nosso Brasil, principalmente com os nossos jovens que são tão perseguidos por um sistema muito cruel e que realmente não valoriza nossos jovens como eles deveriam. Então, estou muito satisfeito e feliz por estar exercendo essa missão/profissão de professor.

Fonte: Autoria própria.

Com relação aos primeiros 50% que se mostraram satisfeitos, percebe-se aí aspectos contraditórios, pois, tanto os que relatam satisfeitos quando insatisfeitos ou indiferentes, denunciam algumas das frustrações e insatisfações da profissão, como por exemplo, a falta de

valorização profissional/salarial, que na maioria das vezes acaba resultando na falta de motivação desses profissionais, inclusive, para se qualificar.

É importante destacar que, essa questão de insatisfação/satisfação, ainda poderia ser vista por um outro viés, que pudesse contradizer o que falamos acima, mas, claro, levando em conta a realidade qual presenciamos durante as aulas desses quatro professores, podemos dizer que os professores que se disseram insatisfeitos, não estão insatisfeitos pelo fato de não aceitarem essa realidade da educação, no sentido de estar procurando meios de se reinventarem, melhorarem o ensino, mas sim, no sentido de estarem frustrados com a educação e não estarem de fato buscando por alguma razão, meios para reverter isso. Da mesma forma, os que se disseram satisfeitos, podem ser analisados pelo viés da aceitação, da satisfação por terem um emprego, principalmente tendo em vista o cenário atual brasileiro e a falta de oportunidades de emprego.

Ao longo da entrevista, procuramos tomar conhecimento a respeito do tempo de profissão desses quatro professores dentro da Escola Estadual Girassol. Assim como podemos observar claramente, no gráfico abaixo.

Gráfico 7 - Tempo de trabalho dos professores na Escola Estadual Girassol



Fonte: Autoria própria.

Com base na amostra acima, podemos perceber que P1, já trabalha na escola em foco a vinte e cinco anos. Isso representa dois anos a menos que seu tempo total de profissão/professorado e seis anos a mais do que seu tempo total de formação, de graduação,

ou seja, é bastante tempo sem estar participando de ações que promovam a qualificação profissional na escola.

Já com relação a P2, esta já trabalha na escola a oito anos, o que representa onze anos a menos que seu tempo total de profissão e de término de sua graduação.

Com relação a P3, o mesmo trabalha na escola a um ano e meio. Isso quer dizer que ele possui vinte dois anos e meio a menos do tempo total de profissão, e apenas seis meses a menos que seu tempo de término do curso de licenciatura.

Com relação a P4, este trabalha na escola a cinco anos, isso representa dez anos a menos que seu tempo total de profissão e um ano a mais que seu tempo de término da graduação.

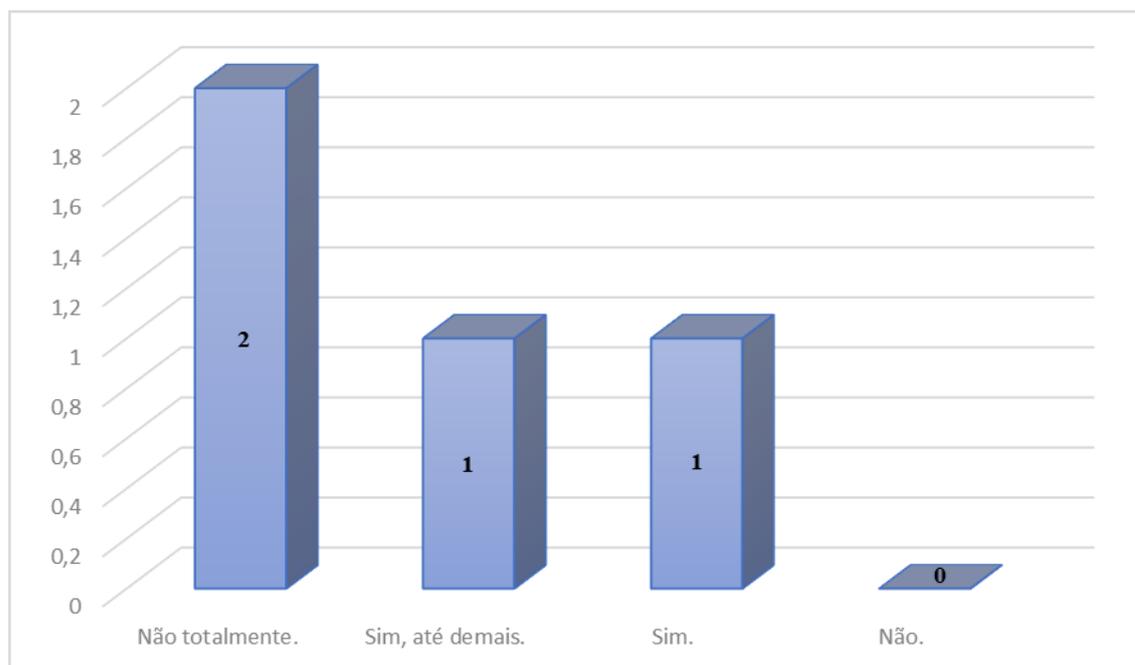
Percebe-se que embora a maioria dos professores possuam um tempo considerável na docência e na escola, pouco se buscou e participou em relação a qualificação.

E, sabendo que a escola deve realizar medidas como formas de contribuir com o processo de qualificação de seus professores, essa questão revela que, boa parte da qualificação profissional desses professores, deveria ter sido desenvolvida ao longo desses anos dentro desta escola, com iniciativas que promovessem sua qualificação de forma efetiva.

Diante desse cenário, percebemos durante o período de observação e de entrevistas que os funcionários da escola não possuem muito engajamento com a necessidade de estarem se qualificando.

Neste sentido, procuramos entender um pouco mais e saber o que cada professor tem a dizer sobre sua capacidade e preparo profissional à frente da sala de aula. Observemos o gráfico a seguir.

Gráfico 8 - Você se sente preparado (a) para sua atual profissão?



Fonte: Autoria própria.

Podemos perceber que, 50% dos professores entrevistados, sendo P1 e P4 disseram que não se sentem totalmente preparados. Já P2, disse que sim, “até demais”. E P3, disse apenas que sim. Dito isso, observemos agora mais detalhadamente as respostas a partir do quadro.

Quadro 7 - Você se sente (a) para sua atual profissão?

Você se sente preparado (a) para sua atual profissão?	
P1	Vou te falar... Se algum professor disser que está preparado para lecionar, ele tá mentindo. É um desafio... Na época que eu entrei, os alunos tinham outra cabeça, era outra “clientela”. Para hoje, para os dias atuais, se disser assim que tem um professor aqui que está preparado, não está! Por mais que a gente esteja graduado, pós-graduado, que tem alguém que esteja com mestrado, tem algum colega meu, mas, a gente nunca, sempre está, nessa atual circunstância, não.
P2	Sim, até demais.
P3	Olha, na atualidade, nós temos essa questão dos recursos tecnológicos, então, a gente tem que tá... os professores têm que tá se adaptando a isso. Eu me vejo um pouco sem auxílio nesta questão, porque os professores têm que se adaptar, a gente tem que se virar sozinho na maioria dos casos, na maioria das partes.
P4	Totalmente não, porque o conhecimento, buscar o saber ele é infinito. Então, a gente tem sempre que estar buscando a qualificação, buscando uma formação, e eu digo que é

fundamental... o professor é um estudante também. Então, sempre buscar estar buscando se aperfeiçoando cada vez melhor faz parte do papel do professor que também é um estudante.

Fonte: Autoria própria.

Podemos perceber por meio da fala de P1, que ela é uma profissional consciente da necessidade de estarmos sempre nos atualizando, pois, nos reconhece como indivíduos inacabados e em constante desenvolvimento, constante aprendizado. Por isso, o fato de ser conhecedora de seu inacabamento e incompletude, nos leva a refletir a respeito de sua jornada pela qualificação profissional, principalmente por se tratar de uma profissional que já vem atuando como professora a quase trinta anos.

Conforme os dados obtidos na pesquisa, verificamos que P1, ao longo de sua vida profissional cursou licenciatura e logo após realizou um curso de especialização EAD em leitura e escrita. Após finalizar o curso, não buscou estar se inserindo em nenhum outro processo de qualificação. Isso, nos leva a perceber uma certa contradição entre sua fala e sua realidade. Sabemos, que diante deste processo de qualificação profissional, existem muitos fatores envolvidos, dentre eles, o envolvimento, engajamento da escola, e principalmente, do Estado com suas políticas públicas que favoreçam esse processo.

Porém, não podemos fechar os olhos para tal situação, pois, como vimos, já se passaram quase trinta anos. Por isso, ao mesmo tempo que, percebemos P1 como um ser consciente do inacabamento humano, e da necessidade de estarmos nos qualificando quanto indivíduos, quanto professores, ela acaba se contradizendo por meio de sua realidade e da necessidade de estar sempre aprendendo. A esse respeito, Freire (1996, p. 24), destaca que:

[...] para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível.

De acordo com o que foi dito acima, podemos entender que P1 acaba se colocando como um ser exterior a esse processo de aprendizagem, pois, ao longo deste período de término da especialização, ela não buscou dar continuidade aos demais níveis de qualificação, ou seja, ela acabou se isolando, interrompendo seu percurso científico de forma muito precoce. O que pode ser justificado principalmente pela falta de identidade docente que pode também ter sido interrompida ao longo de seu percurso na profissão, pelas muitas frustrações e

problemas que estão atrelados ao universo educacional e ao qual não ter visto seu trabalho como algo valorizado, além, é claro, das más condições de trabalho, das extensas jornadas, o que acabou por impulsionar a falta de motivação, de vontade e busca por estar a cada dia se renovando.

Outro fator a ser considerado, é o fato de P1 já estar as vésperas de sua aposentadoria e aparentar-se cansada, desgastada, o que pode estar relacionado a sua acomodação diante de seu processo de qualificação profissional.

Percebemos também, durante sua resposta que ela acaba se referindo aos alunos com o uso do termo “clientela”, e como sabemos, isso vem causando polêmicas, sobretudo na comunidade acadêmica, visto que, com o uso deste termo, os alunos, a educação passam a ser vistos pela lógica do mercado, como algo que pode ser comprado, e sabemos que apesar de haver instituições privadas, em que para se ter acesso ao ensino é necessário o pagamento, essa não é a principal intenção ali. Devido a isso o uso desse termo ao se referir aos alunos é visto como inapropriado, tendo em vista que o cliente compra, e o aluno, aprende.

Já na fala de P4, que representa dentro de nossa amostra, 50% dos professores que disseram que não se sentem totalmente preparados. Podemos perceber, ao correlacionar sua fala com sua prática, certo comodismo, principalmente tendo em vista que P4 é preceptor do Programa de RP dentro da escola ao qual trabalha e dificilmente busca estar contribuindo, se atentando aos conhecimentos científicos e práticos que são desenvolvidos dentro da escola e fora dela, na UFT, em dias específicos e em acordo com sua carga horária.

Se referindo a P2, podemos perceber claramente por meio de sua fala, que, ela se reconhece como uma profissional autossuficiente, que não tem humildade, principalmente por dizer se sentir “preparada até demais” para o desenvolvimento de sua função. O que nos faz refletir sobre sua área de atuação, que diante de sua fala, poderia ser vista como algo subestimado, fácil, devido ao empenho necessário para execução do mesmo, ou ainda duvidar de sua própria prática e de seu comprometimento com sua profissão, pois, como analisado anteriormente, o professor deve ser um profissional consciente de seu inacabamento, ao qual, deve estar sempre se questionando e buscando respostas para os seus questionamentos.

Em se tratando da fala de P3, percebemos que o mesmo acabou direcionando sua resposta apenas para uma dificuldade reconhecida por ele, ao estar trabalhando com os recursos tecnológicos. Mas, apesar de sabermos da grande importância e dificuldade dos professores em estar se atualizando e aprendendo a utilizar certos mecanismos tecnológicos,

compreendemos também que a qualificação profissional vai muito além disso, desde a teoria à prática.

Ainda, o professor menciona durante sua fala que apesar de saber da importância da qualificação em sua formação, ele se sente sozinho dentro desse processo de busca, o que pode ser entendido devido à falta de intervenção adequada tanto do Estado, como da escola mediante o processo de qualificação profissional dos professores.

Em suma, podemos dizer que, esta questão pode ter sido respondida por ambos os professores, levando em conta, principalmente o “medo” de serem vistos e taxados como “incompetentes” ou “incapazes” de estarem realizando determinadas atividades dentro de sua profissão. Devido a isso, nenhum dos entrevistados se arriscou em dizer que “não” se sente preparado para tal profissão. Logo, isso poderia parecer algo contraditório, pois, o fato de estarem realizando determinada função e de possuírem a formação inicial para isso, acaba reafirmando sua capacidade para assumir a profissão.

Deste modo, as reflexões anteriores, a respeito da consciência dos professores com relação a importância de estarem se qualificando pode ficar ainda mais clara ao observarmos o gráfico abaixo.

Gráfico 9 - A importância da qualificação dos professores



Fonte: Autoria própria.

Esses dados sinalizam que, nossa amostra de professores compreendem a qualificação profissional como algo indispensável dentro do processo de ensino, pois, é capaz de contribuir

tanto com a aprendizagem do professor como do aluno. Porém, também percebem que, para que, esse processo de qualificação profissional realmente tenha êxito, deve-se ter um ensino, metodologias de qualidade, que estejam realmente comprometidas e em acordo com a realidade dos participantes. Ou seja, que levem em conta o contexto ao qual os professores e alunos estão inseridos e suas reais necessidades. O quadro 05, nos ajuda a entender melhor o ponto de vista de cada professor.

Quadro 8 - A importância da qualificação dos professores

P1	Sim, sim... É igual tô te falando... cada dia os alunos chegam na escola de uma maneira diferente. Quando nós começamos era PCNs, hoje nós estamos vendo a BNCC... Mudou muita coisa, muita coisa, muita coisa... Aí, nós professores ainda não estamos ainda abertos para trabalhar a BNCC, porque a gente não conhece, porque a gente não estuda. Tem colegas que não sabe nem o que é uma BNCC.
P2	Isso é relativo, porque as qualificações quando a gente chega lá é pior que nós professores. A qualificação é importante, mas, tem que ser com profissionais além da nossa capacidade. Vou te dar um exemplo, a dezenove anos eu trabalhava com a música:” Terra, Planeta Água”, e no ano passado eu fui em uma capacitação, formação continuada e foram passar essa música para gente como sugestão de uma aula diferenciada. A dezenove anos eu já trabalhava essa música.
P3	Sim, os professores eles têm que estar sempre procurando melhorar para ter os objetivos alcançados em sala de aula, que é o aprendizado do aluno.
P4	Olha, a gente ver tantas cobranças para os professores aplicar determinadas teorias, inovações, mas, a qualificação mesmo, para chegar e dizer: professor, isso tem que ser feito assim e nós vamos lhe preparar para isso. Isso não existe! Mas, nós temos que realmente buscar para essa qualificação para um melhor desempenho dos nossos alunos.

Fonte: Autoria própria.

Como podemos perceber, os professores demonstram ser profissionais cientes das mudanças que vêm acontecendo em nossa sociedade, principalmente com relação a forma de agir, pensar e questionar de seus alunos. No entanto, diante da falta de estudo, de qualificação, alguns professores percebem-se como profissionais despreparados, com métodos de ensino ultrapassados, o que acaba gerando, inclusive, bloqueios diante da necessidade de estarem se abrindo para o novo, para os atuais mecanismos de ensino.

Neste sentido, podemos concluir que, os professores entrevistados reconhecem a necessidade de estarem sempre se atualizando, se qualificando, buscando estar à altura das muitas exigências de sua profissão, mas, dentro deste contexto de qualificação, também

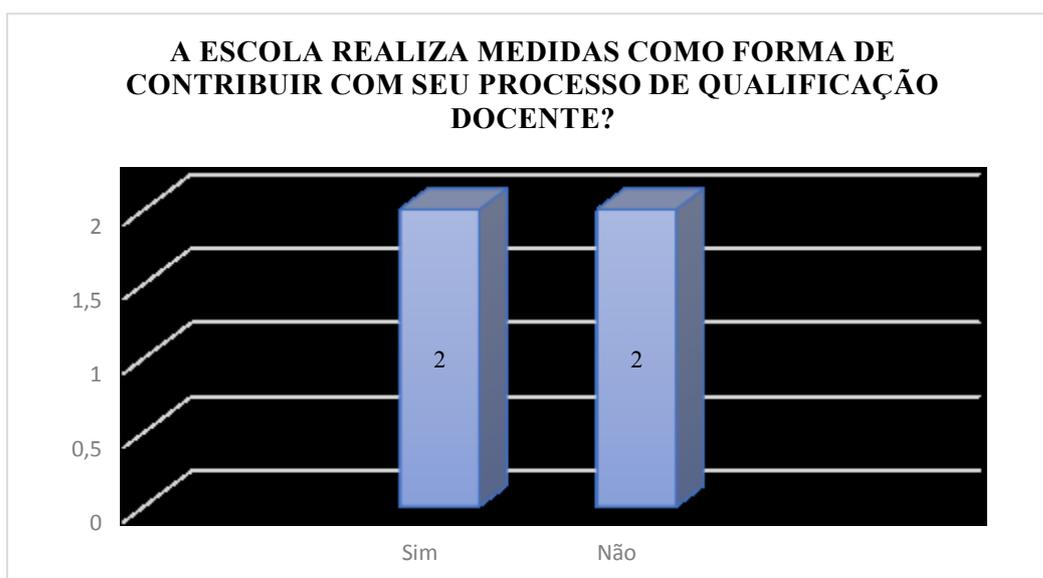
colocam em evidência outro grande problema que, gira em torno das formações continuadas oferecidas pelo Estado (a que é mais acessível para eles). Relatam que, quase sempre os profissionais que atuam ministrando aulas nos programas de formações continuadas oferecidos pelo Estado, acabam deixando a desejar, pois, surgem com metodologias de ensino antigas, descontextualizadas, ou com conhecimentos sucintos a respeito de determinado assunto, não levando a sério o processo de qualificação dos professores que deveria ser algo bem pensado (DUARTE; LEITE, 2004).

Por isso, a preocupação do Estado e principalmente a dos professores, não deveria ser apenas a de se ter certificações de programas de formações continuadas, mas, deveria ser sobretudo, pensada na qualidade do ensino, ou seja, que além de dar condições aos professores para realizarem essas qualificações, tenham formadores (professores) realmente preocupados com a realidade das salas de aulas, dos professores.

Partindo deste entendimento, buscamos entender quais as contribuições da Escola Estadual Girassol, dentro do processo de qualificação de seus professores.

Durante a pesquisa, perguntamos aos professores entrevistados se a escola realizava medidas como forma de contribuir com o processo de qualificação de seus funcionários (professores). Houve respostas diferentes, assim como pode ser melhor compreendido no gráfico 10, abaixo.

Gráfico 10 - Participação da escola no processo de qualificação dos professores



Fonte: Autoria própria.

Com base nos dados obtidos com nossa amostra, podemos dizer que 50% dos professores entrevistados responderam que a escola realiza sim, medidas, e os outros 50% disseram que não, a escola não realiza.

Diante desta oposição de respostas, podemos melhor entender a partir do quadro 08, abaixo.

Quadro 9 - Participação da escola no processo de qualificação dos professores

P1	Sim, a gente tem a formação, mas, é uma formação que já vem ali no calendário, tudo... É pra seguir mesmo o calendário. A formação mesmo que parta da escola a gente não tem... Já tivemos... A gente já fez bastante, mas hoje a gente já não tem mais... Porque se fosse, aí já requer gastos, requer custeios... Já houve muitas épocas, eu já participei de várias, por exemplo: a gente quando foi pra trabalhar com computador a gente não sabia, veio aquilo outro, mas hoje zerou. A escola não disponibiliza porque tudo tem que ter custeio e a escola não tem.
P2	Sim, eles trazem palestrantes para gente, traz oficinas.
P3	A unidade escolar procura ajudar a gente sempre que possível, mas, os recursos do governo é que é pouco para isso. Sempre nos projetos, o PPP, os projetos que todos os professores faz, a escola procura estar nos orientando para tá trabalhando com material mais concreto para os alunos, porque aí facilita mais para o aluno aprender, o aprendizado. Então, o foco deles aqui nessa unidade aqui, o principal é esse, trabalhar com recursos mais concretos para o alunado aprender.
P4	Através de cobranças sim. O que eu diga, as formações que nós temos aqui são repassas, somente repassas. O que vem lá de cima das instâncias superiores aí são repassados para gente, mas, dizer que é uma formação como está no planejamento, é somente no papel, mas na hora de assim, qualificar o professor... E eu digo que não é nem função da escola em si, eu digo que nós temos que ter das instâncias superiores essas qualificadores, essas pessoas realmente preparadas para não cobrar, mas, mostrar como se faz o serviço. Então, eu também faço parte da escola, e sei que os coordenadores, os diretores dão o melhor de si, mas nós precisamos realmente é de uma parte efetiva de como é esse melhor de si para chegar até os nossos alunos.

Fonte: Autoria própria.

De acordo com os dados acima, podemos perceber na fala de P1 (que é funcionaria na escola a vinte e cinco anos), e P4 (que é funcionário na escola a cinco anos) que atualmente a escola apenas coordena as formações continuadas que já vêm prontas, dentro do calendário e

que são repassadas pelo Estado. Mas, P1, conta que a escola já propôs (a muitos anos atrás) algumas iniciativas como forma de contribuir com o processo de qualificação de seus professores, contudo, isso não acontece mais. Segundo a professora essas medidas não vêm mais acontecendo devido “à falta de verbas”. No entanto, embora saibamos dessa triste realidade de limitações de verbas para realizar tais medidas, sabemos também que dentro da escola poderiam ser realizadas algumas iniciativas (que levassem em conta as principais dificuldades identificadas dentro da escola) de “baixo custo”, que envolvessem apenas os funcionários da escola, comunidade ou até mesmo em parceria com alguns professores da UFT (que buscam promover a troca de ensino entre escolas e universidade), como forma de promover a qualificação dos professores, iniciativas estas, como: oficinas, reuniões pedagógicas, seminários, grupos de estudo etc.

De acordo com a fala de P2, podemos perceber que, há certa contradição, pois, durante o período de um ano e meio ao qual, estivemos na escola não foi verificada nenhuma iniciativa que partisse exclusivamente dela (da escola). O que foi verificado durante este período foram algumas iniciativas que partiram do Estado, por meio do Programa de Formação Continuada, que não acontecia a mais de dois anos na escola (segundo P4), e que aconteceu em um único turno (matutino), além de iniciativas de alunos (residentes do Programa de RP (que embora, ainda sejam vistas apenas como alunas em formação, vêm trazendo muitos resultados positivos para escola, mas, que não é devidamente reconhecido pela escola (diretora, coordenadora, e alguns professores), pois, é algo que exige atenção, estudo)), juntamente com seus preceptores, coordenadores e demais professores da UFT, na busca por estarem alertando, informando, a respeito de problemas muito recorrentes nos dias de hoje dentro da escola, na sociedade em geral, cujo tema foi: “Vulnerabilidade emocional de crianças e adolescentes: O papel do professor/escola”. Esta iniciativa, teve como ponto de partida os muitos relatos de alunos residentes, aos quais, vivenciaram na “pele” estes problemas dentro da sala de aula durante o período de residência, assim como podemos perceber no relato descrito no quadro 06, abaixo.

Quadro 10 - Recorte do diário de campo – Residência Pedagógica

Antes mesmo de adentrar a sala de aula, fomos recebidas por uma aluna já na porta da sala, aluna esta que só compareceu à escola naquele dia para nos entregar uma suposta atividade, ao qual, propomos na aula anterior.

Entretanto, no dia seguinte (em um sábado), quando começamos a fazer a leitura da atividade da aluna, percebemos que, na verdade, se tratava de uma carta “suicida”. A princípio nos

sentimos apavoradas, buscando formas para ajudar aquela garota. Então, de imediato, tentamos contato com o professor (preceptor) ao qual é chefe da turma na sala (e nosso contato mais próximo da garota), contamos o que estava acontecendo, perguntamos se havia alguma forma dele entrar em contato com a diretora, com a família da garota para que pudéssemos de alguma forma tentar evitar quaisquer tragédia. Mas, no mesmo instante, fomos informadas que não poderíamos fazer nada, só confiar em Deus, e aguardar até chegar à segunda-feira para que pudéssemos ter certeza que a carta da menina foi apenas um desabafo de adolescente.

Na segunda-feira, a aluna não compareceu à aula. Procuramos a coordenação da escola com o orientador educacional, não tivéssemos muitos resultados, pois, apenas fomos informadas que não poderiam fazer muita coisa, pois, isso era coisa dessa fase, da adolescência, mas, que tentariam conversar com a aluna.

Diante deste acontecido, ficamos meio indignadas por perceber o total descaso e despreparo da instituição escolar para lidar com uma situação tão séria e preocupante.

Fonte: Diário de campo da RP (GOMES, 2018, p. 08)

Tal situação nos revelou, total despreparo, desqualificação por parte da escola e de seus professores para lidar com uma situação tão séria e recorrente na escola e em nossa sociedade como algo que precisa ser visto de perto. E, isso nos fez refletir a respeito do modo como a escola intervém ou não em situações que merecem atenção. Revela ainda, a falta de qualificação da escola, principalmente quando se trata de realizar medidas que contribuam com processo de qualificação profissional dos professores e demais funcionários, para que também saibam resolver ou tentar ajudar diante de situações tão recorrentes dentro das salas de aula.

Neste sentido, os problemas institucionais acabam ficando de lado, pois, seus funcionários, diretora, que dificilmente é encontrada na escola, coordenadora, orientadora, não sabem lidar com tais situações e nem procuram estar incentivando seu corpo docente a se qualificar, a aprender, para intervirem de forma adequada nos diferentes momentos do processo de formação dos alunos.

Faz-se necessário destacarmos que, essa falta de tomada de decisões por parte principalmente da escola, pode estar relacionada a muito outros problemas, dentre eles, a extensa carga horária destinada aos professores, mas, dentro deste contexto, a escola deveria se fazer mais atenta aos horários disponíveis ao seu quadro de professores.

Já com relação a fala de P3, apesar de percebermos em alguns instantes a falta de compreensão, de conexão com nosso objeto de pesquisa, podemos entender que, o mesmo se refere a organização do PPP como uma iniciativa própria da escola, mas, sabemos que o PPP,

apesar de ser um elemento que revela a identidade escolar é também obrigatório a todas as escolas brasileira, assim como nos revela o artigo 12 da Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996: “Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica”. (LDB, 1996).

Este professor também menciona que as principais iniciativas da escola estão mais relacionadas ao incentivo de os professores estarem buscando desenvolver suas atividades levando em conta materiais concretos, ou seja, são obrigados a buscar desenvolver suas atividades com materiais que sejam de fácil acesso tanto para os professores, como para os alunos, principalmente tendo em vista o difícil acesso e disponibilidade de recursos dentro da escola. Pois, como diz Almeida M (2004, p. 168):

[...]As escolas sofreram intensa deterioração e, como consequência, têm oferecido condições cada vez mais precárias para o trabalho docente e para o estudo dos alunos. Isso gera sentimentos de fracasso e de frustração, que minam as possibilidades de os professores realizarem um trabalho positivo.

O que foi dito acima, se torna ainda mais evidente dentro da escola, pois verificamos que muitos professores são obrigados a trabalhar quase que exclusivamente com o auxílio do livro didático (isso, quando não acabam investindo quase que espontaneamente do seu próprio bolso em recursos, como é o caso da impressão de atividades, visto que, a escola possui um número muito limitado para disponibilização de tal recurso para os trabalhos dos professores), em razão, a uma limitação muito grande com relação aos demais recursos. Ou seja, isso demonstra que “por insuficiência dos recursos destinados à educação, os professores e as escolas têm vivido dificuldades enormes (ALMEIDA, 2004, p. 168)”.

Neste sentido, sabemos que isso não é o ideal, pois, acabam desprezando principalmente, o uso das TICs (tecnologias da informação e comunicação) e da internet, que hoje é algo fundamental na escola. Para Fagundes (1999) ter o acesso da rede, significa aprender é descobrir e elaborar novas sínteses que criam elos (nós e ligação) entre parte e todo, unidade e diversidade, razão e emoção, individual e global relacionados com a realidade.

Segundo Silva (2001) Se a escola não inclui a internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história, alheia ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo exclusão social ou exclusão da cibercultura. A tecnologia vem facilitando a inserção de computadores nas escolas, possibilitando e aprimorando o uso da tecnologia pelos alunos, o acesso a informações e a realização de múltiplas tarefas em todas as dimensões da

vida humana, além de qualificar os professores por meio da criação de redes e comunidades virtuais.

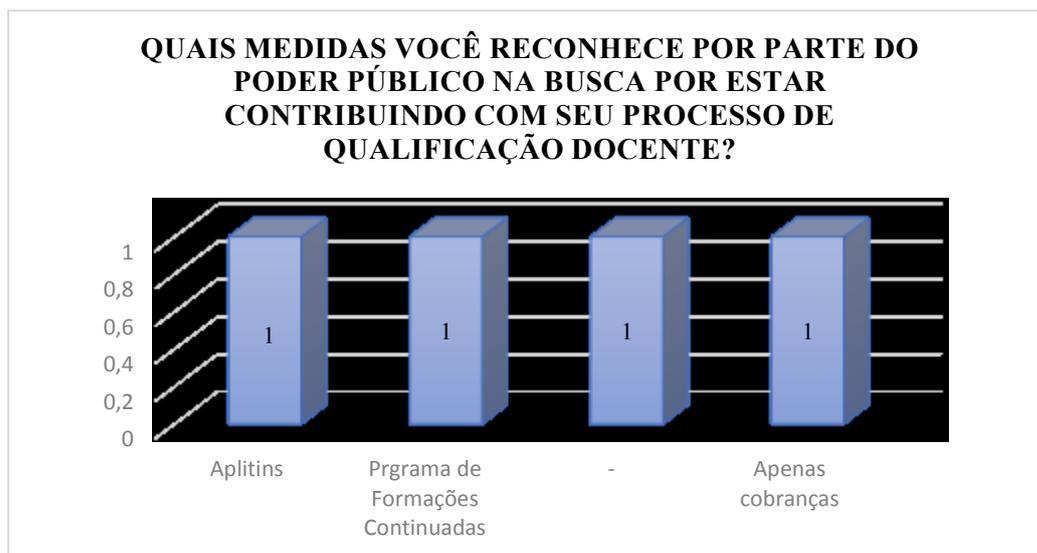
Apesar da escola possuir alguns computadores na sala multimídia, cujo acesso é, na medida do possível, facilitado para os alunos da escola, sabemos que ainda há muitos problemas associados a inclusão das tecnologias nas escolas. Um exemplo disso, é o fato da funcionária que é considerada (por muitos funcionários) como a mais qualificada (que é responsável pela sala multimídia), com relação ao uso dessas tecnologias na escola, não possuir conhecimentos básicos e fundamentais para manusear os equipamentos disponíveis na sala, como por exemplo: computador, Datashow etc. Neste sentido, não presenciamos durante o período que estivemos na escola, nenhuma forma de qualificação profissional tecnológica ou não, que fosse oferecida para os funcionários dentro da escola, que auxiliasse no uso desses recursos.

Neste sentido, Nóvoa (1992, p. 28) diz que, “o desenvolvimento profissional dos professores tem de estar articulado com as escolas e os seus projetos”. Mas, ao contrário disso, o que percebemos dentro da Escola Estadual Girassol é algo negativo, pois, demonstra que a falta de qualificação profissional desses professores do Ensino Fundamental, tem a ver com essa confusão que está acontecendo dentro desse ambiente, com professores mal formados, professores com muito tempo de serviço, sem ter tido acesso a formação continuada. E, diante deste cenário, percebemos que a escola possui tanto problemas estruturais, como pedagógicos que refletem bastante na postura profissional desses professores, no que eles fazem, reflete a cultura escolar e conseqüentemente o tipo de educação que está sendo construída nesse ambiente.

Neste sentido, buscamos também entender quais as meninas reconhecidas pelo Estado durante esse processo de qualificação profissional dos professores.

Assim, decidimos direcionar essa pergunta a quatro professores da Escola Estadual Girassol, assim como podemos observar no gráfico a seguir.

Gráfico 11 - Contribuição do Estado durante o processo de qualificação dos professores



Fonte: Autoria própria.

Por meio do gráfico acima, percebemos que 75% de nossa amostra de professores realmente compreenderam a pergunta, são eles: P1, P2 e P4. Já os outros 25%, que é representado por P3, demonstra que o mesmo não compreendeu a pergunta, pois, passou a falar de outras questões que não contemplaram a questão apresentada a ele. Observemos agora, de forma detalhada as falas que estão transcritas no quadro abaixo.

Quadro 11 - Contribuição do Estado durante o processo de qualificação dos professores

P1	Tem um projeto chamado APLITINS que é muito bom pro pessoal de inglês..., mas, não, eu não sei... Porque a gente for fazer um mestrado mesmo assim você ainda tem que trabalhar, eles não te deixa livre para fazer o mestrado. Aqui nós temos nosso colega professor que está igual um zumbi, tadinho. Porque eles não liberaram pra gente fazer, eles não investem... Tu têm que tá trabalhando, já fica bem claro: você quer fazer um mestrado, mas, você tem que ficar conciliando com a escola.
P2	No caso seria só formação continuada, que não contribui em nada para minha formação, porque se eu quiser algo melhor eu tenho que procurar para mim, porque lá não conseguimos, entendeu?!
P3	O que eu vejo na unidade escolar é somente o laboratório, o laboratório de informática, que todas as escolas públicas na questão de recursos, o que ele nos oferece é o laboratório de informática.
P4	Até agora só cobranças, pouca formação... Muita cobrança.

Fonte: Autoria própria.

Durante as entrevistas com os professores, podemos perceber que, suas falas caminham em um único sentido, mostrando que há poucas iniciativas voltadas realmente para a qualificação dos professores por parte do Estado. Isso inclusive, pode ser melhor compreendido ao verificarmos que um dos projetos citados, o Projeto APLITINS (Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado do Tocantins), que foi mencionado por um dos professores como iniciativa do Estado, é um projeto organizado pela UFT e é uma associação sem fins lucrativos e que é estendido apenas para os professores de Língua Inglesa do Tocantins.

Neste sentido, percebemos que a única medida citada que é realmente do Estado, é o “Programa de Formação Continuada”, programa este que também foi citado como sendo algo que deixa a desejar, que não ajuda, pois, acabam trazendo para as aulas, assuntos e metodologias consideradas velhas e descontextualizadas. Isso nos mostra que a precariedade ou “ausência de políticas de formação contínua no interior dos sistemas de ensino acaba enfraquecendo a capacidade de atuação dos professores e contribuindo para o empobrecimento da escola (ALMEIDA M, 2004, p. 172)”.

Ainda nesta mesma lógica, nos chama atenção o fato de P2 dizer que essas formações continuadas repassadas pelo Estado, não contribuir em nada com o seu processo de qualificação, isso, além de revelar as questões que comentamos acima, da baixa qualidade das de muitas destas formações, também coloca em evidencia a questão desmotivação dos professores devido as suas condições de trabalho.

Algo que também é bem evidente na fala de uma das professoras, é o fato de ela mencionar que não consegue se qualificar, pois, devido as condições de trabalho, a lógica do sistema, ela não consegue se afastar da escola. Ou seja, apesar do Estado exigir que os professores estejam se qualificando, ao mesmo tempo, ele não investe, não dá condições para que isso ocorra. Em outras palavras, para que os professores se qualifiquem, eles devem buscar conciliar a extensa carga horário de trabalho, com a busca pela qualificação, o que acaba sendo quase impossível, pois, ao final do dia os professores já se sentem esgotados de suas rotinas diárias, cansados e desmotivados, além de ao mesmo tempo necessitarem resolver questões de sua vida pessoal.

O fato de os professores não terem essa abertura para se distanciar da escola por um determinado período de tempo, enquanto se qualificam, pode estar relacionado com a falta de investimento do Estado, pois, para que o professor consiga realizar sua qualificação, afastado de suas atividades laborais, o Estado precisa investir em recursos novos, de forma que um

outro profissional assuma a carga horária em aberto. Ou seja, o fato de não haver um plano de carreira, que assegure e incentive o professor a estar se dedicando, a estar buscando por este processo de qualificação profissional, apenas reafirma velhas políticas, pois, demonstra que o Estado ainda não vê esse processo como uma prioridade.

Vivemos tempos difíceis, em que ao mesmo tempo que existe a necessidade e a cobrança da qualificação profissional dos professores, existe também uma realidade cruel, de poucos investimentos, prioridades e garantias por parte do poder público durante o desenvolvimento desse processo e isso acaba fazendo com que esse professor se mantenha nesse patamar, desmotivado, sentindo-se ultrapassado e ao mesmo tempo sozinho. Por isso, é importante que principalmente nossos representantes políticos, tenham em mente que:

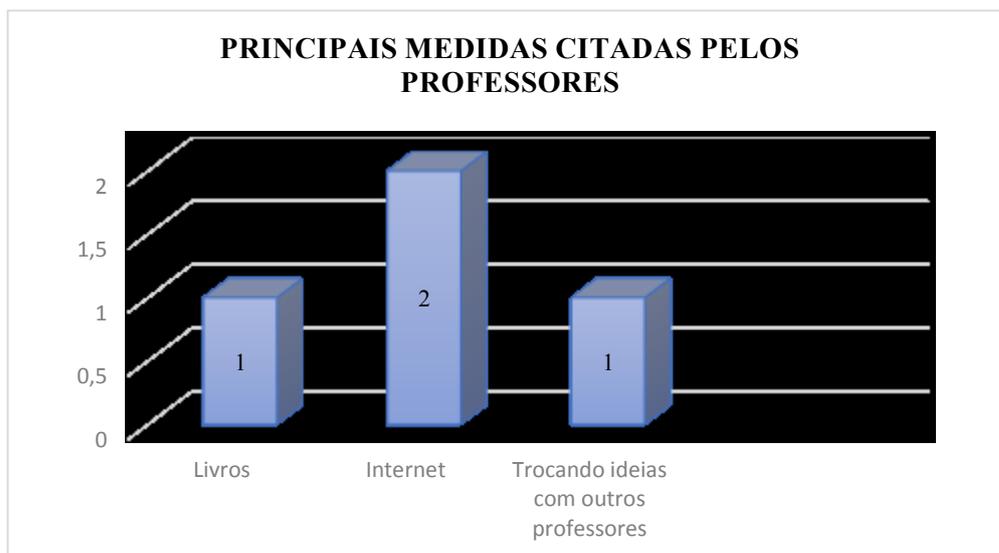
Para se redefinir o sentido da escola e assegurar que ela tenha a qualidade que os alunos, os pais e a sociedade desejam há que se levar a sério a ideia, muito presente nos debates, mas não na ação, de que é preciso investir na melhoria da formação dos professores e das condições em que eles exercem sua profissão. (ALMEIDA M, 2004, p. 167).

Diante desta citação, entendemos que a profissão do professor e sua qualificação profissional deve ser vista e colocada como algo prioritário, central, sobretudo no processo educacional, quando se almeja uma escola e um ensino de qualidade.

Desta forma, falaremos a seguir, um pouco mais a respeito da necessidade da qualificação profissional dos professores, que é colocado pelo Estado como uma exigência aos professores e que deve ser vista sobretudo, por eles, como uma questão de consciência, de entender sua importância.

Assim, diante dos resultados obtidos com nossa amostra de professores, podemos perceber que o Estado e a escola em si, pouco vem fazendo como forma de estar contribuindo com a qualificação profissional dos professores da Escola Estadual Girassol, no entanto, sabemos dessa necessidade de buscarmos, mesmo que “independentes”, por esta qualificação profissional. Neste sentido, nosso foco neste momento é entender o que nossa amostra de professores vem buscando fazer, como forma de estar se qualificando. Dito isso, observemos o gráfico abaixo.

Gráfico 12 - Iniciativas dos próprios professores, na busca pela sua qualificação profissional



Fonte: Autoria própria.

Diante do gráfico acima, podemos perceber que não foram citados em nenhum momento os seguintes níveis de qualificação: cursos de extensão, especializações, mestrado ou doutorado. Níveis estes que geralmente são necessários que se tenha horários e locais fixos. Em contrapartida, as principais iniciativas mencionadas pelos professores, como forma de estarem se qualificando, são iniciativas que ocorrem geralmente sem a necessidade de se ter um horário ou local fixo, ou seja, podem estar realizando-os em qualquer momento ou lugar, o que reafirma nossas análises anteriores acerca da falta de políticas que assegurem um tempo reservado a qualificação profissional dos professores.

No entanto, mesmo reconhecendo esse triste cenário, de políticas públicas educacionais com garantias mínimas, entendemos que,

nosso papel político no mundo não deve ser o de quem apenas constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências, constatando não apenas para se adaptar, mas para mudar, pois, constatando é que nos tornamos capazes de intervir na realidade. (BERNARDELLI, 2007, p. 09 *apud* FREIRE 2002).

Ou seja, diante da necessidade da qualificação profissional docente, precisamos ter em mente que não podemos apenas ficar à espera de soluções que partam apenas da escola, do Estado, uma vez que, devemos também estar nos empenhando, encorajando à busca de

melhores condições de vida, que certamente requer de nós trabalhadores, uma melhor qualificação profissional naquilo que fazemos.

E, como podemos ver, as medidas citadas no gráfico acima, são medidas consideradas de “fácil” acesso, e que podem também estar ligadas a busca de soluções rápidas e muitas vezes ligadas a acomodação em que se tem percebido muitos professores, que preferem não dedicar seu pouco tempo para o estudo, para sua qualificação. Nessa lógica, percebemos que alguns professores não se mostram comprometidos com sua profissão, pois, demonstram não ter a consciência da necessidade e do dever de desenvolver uma prática cada vez mais contextualizada e de acordo com os desafios e necessidades da educação (FREIRE, 1996).

De forma mais ampla, buscamos resgatar muitas das informações dadas pelos professores até aqui, percebendo principalmente uma realidade muito recorrente e comum à vida desses professores. Porém, é necessário ressaltar que nossa intenção não é de desmerecimento ou negação à política, mas, de evidenciar um outro cenário, muito preocupante dentro do ensino, a conjuntura de resistência, acomodação e conformismo, de negligência por parte dos professores na busca por suas qualificações. Dito isso, observemos o quadro a seguir.

Quadro 12 - Iniciativas dos próprios professores, na busca pela sua qualificação profissional

P1	A gente ainda tá muito a quem, ainda tá muito escasso essa formação. Até agora nós só temos um professor que passou para mestrado, porque a gente já vive cansado. Muitas vezes não é nem porque a gente não queira, mas, são outras questões que aparecem que ele não faz.
P2	Lendo muito, estudando muito, novos textos, busca de novos conteúdos, informações atuais, internet, tudo isso me ajuda muito.
P3	Para mim, me qualificar? Sozinho? Assim, eu procuro sempre o apoio da internet, ideias de outros professores. Eu vejo na sala de aula quais as dificuldades que o aluno tem quando eu tô ministrando a matéria e dali procuro ideias que possa sanar, igual eu falei, a escola quer que a gente trabalhe sempre com material concreto, então, daquilo ali, eu tiro... das dificuldades dos alunos eu tiro algo para tentar aprimorar dentro da medida escola, por exemplo, eu estou trabalhando com escalas, então, eu tô conversando com os alunos para gente fazer uma maquete, então, nós estamos trabalhando com isso ai. Das dificuldades dos alunos a gente tira o que a gente pode fazer na prática para o alunado aprender.
P4	Tenho bastante livros, compro bastante livros, pesquiso em internet, tô sempre forte buscando me reformular. O professor é um inovador, porque principalmente ele nunca recebe o mesmo aluno todos os anos, sempre são pessoas novas, pessoas diferentes... Então, o professor também tem que estar nesse processo, estar se inovando, se referenciando aos novos métodos.

É uma busca constante. Isso é necessário como o professor tem que ser não só uma pessoa que procura renovar, mas uma pessoa que se modifica também.

Fonte: Autoria própria.

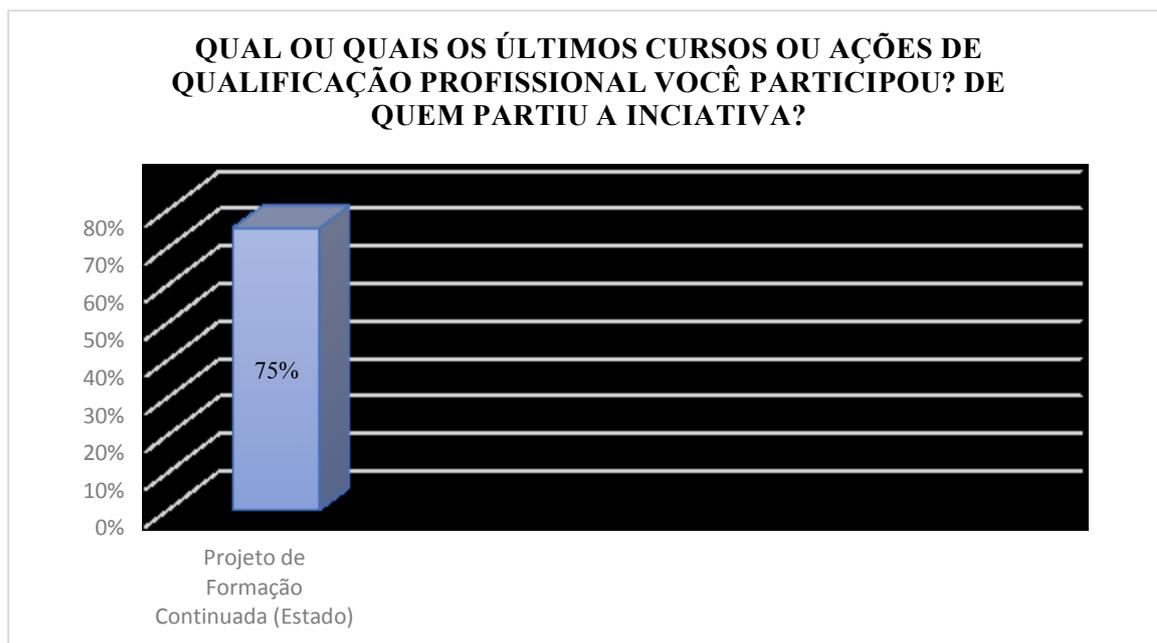
Diante da fala de P1, podemos entender que a mesma não demonstra buscar por nenhuma maneira de qualificação, pois, como ela mesma diz: já se sente muito cansada. Tendo em vista que, ela já está aguardando pela sua aposentadoria, esse cansaço é algo que se torna muitas vezes evidente e ao mesmo tempo muito preocupante, principalmente pelo fato de sabermos que ela é uma professora ainda em exercício e que assim como já dissemos, o professor não pode se abandonar, esquecer da importância de suas práticas para a formação de crianças e jovens, por isso precisam estar sempre se renovando, se qualificando.

Nota-se, no entanto, ao longo da fala dos demais professores, em especial na de P2 e P4, que eles são profissionais que a todo instante vêm reafirmando seu profissionalismo por meio de suas respostas bem elaboradas, engrandecidas, relatando até mesmo que se sentem “preparados” até demais, “que vem sempre buscando estar se reformulando, se renovando”, etc. Contudo, percebemos que tal respostas revelam a falta de segurança, que se torna evidente ao nos mostrar que estão fora deste contexto de desqualificação, pois, apenas apontam para os problemas, não se enxergando como parte dele.

Mas, o que percebemos é que além desse discurso bem elaborado, eles pouco têm buscado pela qualificação, principalmente com relação aos conhecimentos científicos, acadêmicos (mestrado, doutorado, etc.). Logo, tais situações reforçam a necessidade de constantemente revermos nossa prática, nosso modo de agir e pensar, principalmente quando estamos inseridos no processo de ensino. Ou seja, devemos levar a sério o ensino, mostrando não só por meio de nossas falas (que muitas vezes são fragmentadas), mas, também na prática de sala de aula que estamos realmente envolvidos com o ensino e aprendizagem de nossos alunos.

A partir desta análise, ao qual, se tornou evidente que há muita resistência e acomodação por parte de nossa amostra de professores, com relação a se integrarem a algum processo de qualificação profissional, buscamos saber quais os últimos cursos ou ações de qualificação profissional que eles haviam realizado, e de quem partiu a iniciativa para se inserirem neste contexto. Observemos o gráfico a baixo.

Gráfico 13 - Últimos cursos ou ações de qualificação profissional realizados por nossa amostra de professores



Fonte: Autoria própria.

Durante a entrevista, P1, P3 e P4, que corresponde a 75% de nossa amostra, fizeram referência apenas a uma ação ao qual eles participaram, sendo ela dentro do Projeto de Formação Continuada, que é oferecido pelo Estado sendo obrigatório a todos os professores da rede estadual de ensino assim como mencionamos por muitas vezes até aqui, como algo que muitas vezes desconsidera a realidade e a necessidades dos professores dentro das salas de aula da Escola Estadual Girassol. Sobre isso, falaremos mais à frente. Observemos detalhadamente as falas no quadro a seguir.

Quadro 13 - Últimos cursos ou ações de qualificação profissional realizados por nossa amostra de professores

P1	Foi a formação continuada, trabalhamos a BNCC.
P2	Sem novidade, mas de mim eu faço outras coisas para o meu crescimento pessoal, mas, deles mesmo...
P3	Eu não participei de nenhum... Nas formações as únicas coisas que a gente trabalhou foi a BNCC, mas, é igual eu tô te falando, na questão de recursos tecnológicos, eu vejo que a gente tem uma deficiência muito grande, uma falta de apoio muito grande para cima disso daí, porque os alunos hoje tudo que eles querem, se você for observar quem está dentro da sala de aula, o aluno não quer mais quadro, o aluno não quer mais só escrever, ele quer ampliar o campo dele de aprendizado. Então, eu... a escola, as unidades escolares, o estado cobram disso da gente, só que não capacita as pessoas dessa forma. Como eu disse, na minha opinião, eu me sinto sozinho nessa situação, como professor, me sinto só, porque eu não vejo apoio de

	nenhum lado, tem a cobrança, mas, não tem apoio de nenhum lado, não têm recursos suficientes para gente fazer isso, aí os professores vão improvisando, inventando alguma coisinha para ver se consegue.
P4	Olha, nós ficamos inaptos cinco anos, sem a Regional ofertar sequer uma formação para nós. A partir de meados de dois mil e dezoito foi que nós começamos novamente uma formação, mas, muito assim, rápida. Igual essa semana, nós tivemos uma formação de meio dia para tarde, um processo muito assim: só pra dizer que fez. Acho que precisamos ter realmente um paralelo, professor trabalhar em sala de aula, mas, tivesse uma formação também ao mesmo tempo que ele tá trabalhando em sala de aula, mas que tivesse uma formação continuada que fizesse um trabalho extenso para que o professor realmente se sinta capacitado para desempenhar o que as instâncias superiores cobram.

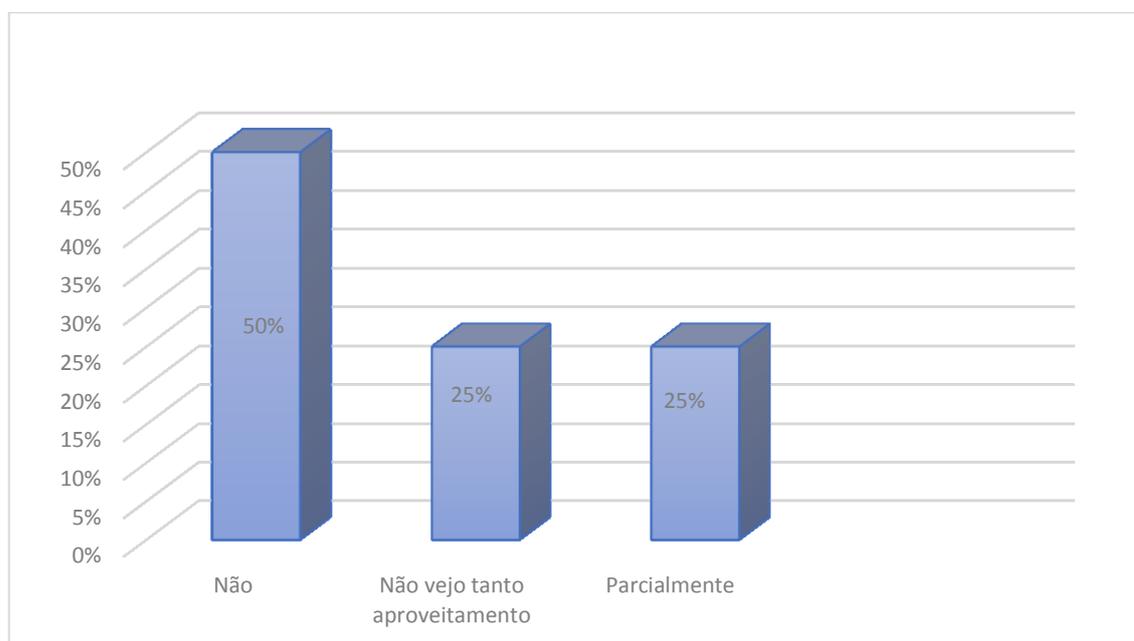
Fonte: Autoria própria.

O quadro acima reafirma o que vimos analisando acerca da Escola Estadual Girassol, no que diz respeito aos professores que possuem muitos anos de trabalho na docência, mas, com uma baixa qualificação. Dentro deste contexto, percebemos que existem vários fatores que podem interferir nesse processo, um deles é a questão política, outra é a organização da instituição escolar ao qual trabalham.

O quadro também evidencia que o fato desses professores saberem que o processo de aprendizado deles é algo que deve acontecer de forma contínua, que não pode ser interrompido, pois, caso isso ocorra, pode suscitar em uma prática sem fundamentos, e para que isso não aconteça, alguns professores, inclusive P2, diz realizar por conta própria, em razão de se sentirem sozinhos, ou seja, com muitas exigências a cumprir, porém, com pouco apoio para se contar, conforme nos disse P3.

P3, também relata que essa falta de apoio para se qualificarem, acaba muitas vezes refletindo em práticas de ensino improvisadas, inventadas e vazias ou seja, aulas de “fazem de conta”, pois, o meio mais acessível que eles encontram para estarem se qualificando são por meio das formações continuadas oferecidas pelo Estado, mas, que apesar de contribuírem de alguma forma, são raras acontecer e quando acontecem são de forma muito rápida, parece ser algo que realizam apenas para cumprimento de exigências, para dizer que essa obrigatoriedade que é repassada pelo Estado a respeito da qualificação dos professores está sendo cumprida, realizada. E esta, certamente é uma realidade de muitos professores que, sem incentivos e condições favoráveis a qualificação, acabam “deixando de lado” esse processo. Isto é, não conseguem, sequer, vislumbrar como algo possível e que faz parte do desenvolvimento de sua profissão.

Quadro 14 - O Projeto de Formação Continuada que é oferecido pelo Estado contribui de forma efetiva, principalmente tendo em vista suas necessidades em sala de aula?



Fonte: Autoria própria.

Ao analisarmos o gráfico acima, percebemos que, 100% de nossa amostra de professores responderam à questão de forma compreensiva. No entanto, suas respostas evidenciaram que está oferta de cursos que são propostos pelos setores da Seduc para o desenvolvimento profissional de seus servidores no decorrer do ano letivo, não vem se mostrando como algo produtivo para o favorecimento da qualificação profissional dos professores, assim, como podemos perceber melhor, nas falas organizadas no quadro abaixo.

Quadro 15 - O Projeto de Formação Continuada que é oferecido pelo Estado contribui de forma efetiva, principalmente tendo em vista suas necessidades em sala de aula?

P1	Eles não suprem muita necessidade não... Eles são benéficos, mas, ainda precisa avançar mais, por exemplo, questões de disciplina é terrível. Então, vem só aquelas filosofias de como trabalhar bonito, fazer aquilo ou aquilo outro, mas, é ali ao pé da letra, a medida pra gente fazer eles não mandam. Ele já vem pronto, tem que cumprir, tá no calendário, tem que fazer.
P2	Para nós de geografia não, eu vejo outros professores comentando que foi bom, mas, para nós não, como eu te dei o exemplo, né?! Teve até colegas que questionou: “você chama isso aqui de formação continuada? A pessoa que vai dar o curso não sabe nem para ele e acha que a gente está atrasada, mas, a gente está muito mais a quem, do que a pessoa que ta

	dando o curso... A gente poderia... Não precisava nem de formação continuada... Vou te dar um exemplo: se a gente tivesse tempo de estar buscando nosso conhecimento pela mídia, pelos livros, pela internet, se a gente tivesse tempo para ler, para buscar novos textos, novas teorias... a gente já estava fazendo uma formação. Agora, tiram a gente da sala de aula, do nosso planejamento, que é o tempinho que a gente tem para buscar mais para o aluno, para trazer coisa diferente... para ir para uma “formação” que não ajuda em nada. Eu se eu tivesse lendo, estudando, pesquisando para mim eu tava muito mais me capacitando do que indo nesses lugares assim. Infelizmente é a realidade.
P3	(Neste momento, o professor sorri e acena com a cabeça com sinal negativo, mas, ainda em tom de riso dá a resposta a seguir.). As formações... elas te dão algumas ideias, você não pode dizer que é cem por cento inútil, por que não, mas você tira algum proveito sim, algumas ideias são boas, mas na nossa realidade, no geral, não vejo tanto aproveitamento. Essa questão de formação, as ideias que chegam são muito regionais... Entendeu?! Para nossa realidade eu não vejo adequada, assim de forma geral... A formação é para o alunado, mas, ela não mostra a realidade nossa, aqui do estado do Tocantins, tem muita, muita coisa mesmo que não mostras. Então, eu vejo dessa forma, não é adequada do jeito que eles fazem.
P4	Parcialmente, porque toda formação é válida, não existe nenhuma formação que não seja válida. Mas, a contribuição é parcial, mínima. Em compensação as cobranças que nós recebemos, são muito poucas essas formações que nós temos continuada ainda. Temos que ter mais dinâmica nessas cobranças e principalmente mostrar como se faz realmente esse trabalho que eles querem, não apenas... falar é muito fácil, fazer é que é o complicado.

Fonte: Autoria própria.

As manifestações acima, apontam que o Projeto de Formação Continuada, que é oferecido pelo Estado, pouco vem contribuindo com o crescimento profissional desses professores, pois, como eles mesmos dizem: são organizados por professores (qualificadores, formadores) muitas vezes com pouca qualificação, apresentando metodologias atuais, mas, totalmente em desacordo com a realidade, com a prática das escolas de educação básica.

Nesta perspectiva, sabemos que, os qualificadores ou “os formadores precisam não apenas compreender as questões da formação de professores como também conhecer e dominar questões das salas de aula e escolas de educação básica nas quais trabalham ou trabalharão os professores”. (MEC, 2009, p. 77). Isso, também não quer dizer que esses professores qualificadores devam levar receitas prontas para os professores, mas, buscar estar relacionando ao máximo essas qualificações ao contexto de cada escola, de forma a englobar também os conhecimentos externos a esse meio.

Ainda, relatam que precisam ser melhor qualificados para que possam aprender a lidar com as muitas outras problemáticas que ocorre dentro da escola, em especial, com a indisciplina dos alunos (que será melhor comentado mais à frente), e como as questões de muitas dessas formações serem direcionadas a um determinado tipo de conteúdo, área, o que acaba fazendo com que muitos professores fiquem desprestigiados, com relação aos trabalhos desenvolvidos dentro de suas disciplinas.

A esse respeito, Nóvoa (2017, p. 24), diz que,

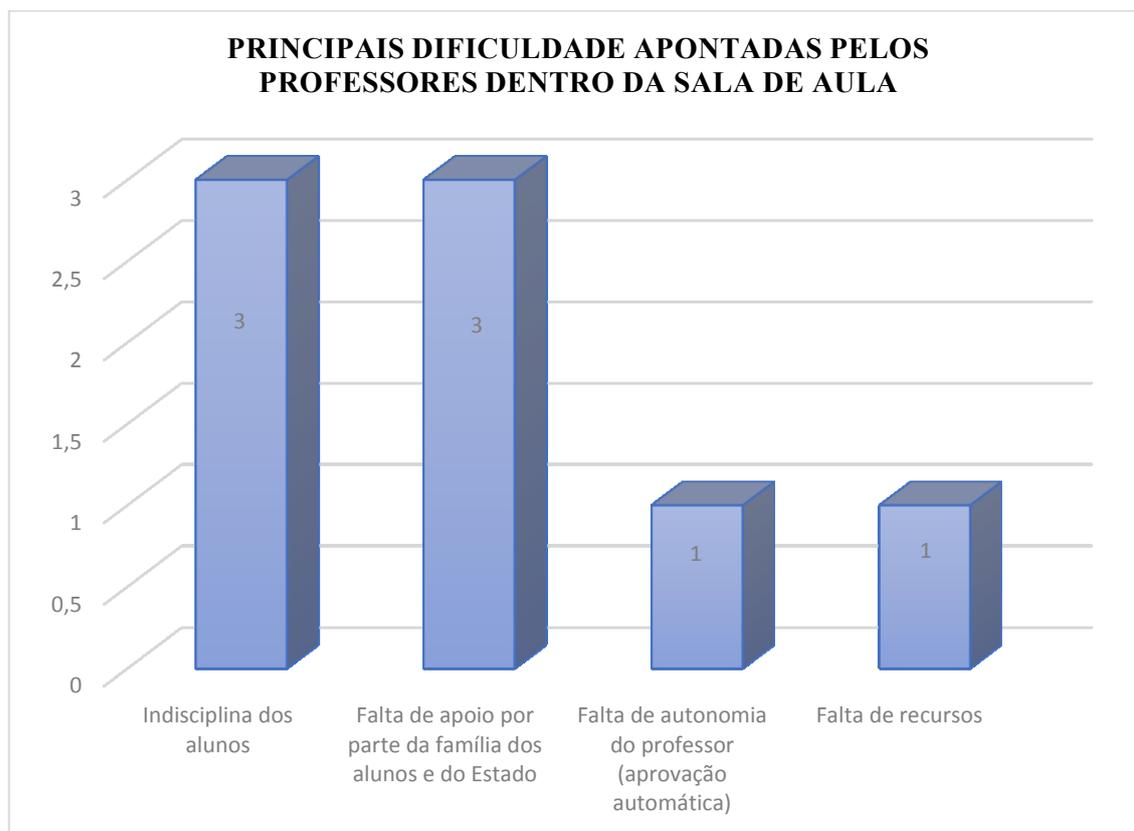
Muitos programas de formação contínua têm-se revelado inúteis, servindo apenas para complicar um quotidiano docente já de si fortemente exigente. É necessário recusar o consumismo de cursos, seminários e ações que caracteriza o atual “mercado da formação” sempre alimentado por um sentimento de “desatualização” dos professores.

Ou seja, pode se observar que esses momentos de formação caminham em total desacordo com o que se é propagado nos discursos políticos, os quais afirmam que esses cursos vêm contribuindo de forma satisfatória para o desenvolvimento profissional dos professores. Sendo que na prática, vemos que são priorizados apenas a extenso encadeamento de certificados, com gigantescas cargas horárias, ao invés da qualidade do que é oferecido aos professores.

Logo, percebemos que, ao mesmo tempo em que os professores sinalizam os motivos de terem tido pouco contato com as qualificações, também evidenciam a insuficiência, a carência dos projetos de formação continuadas oferecidas pelo Estado. Entretanto, verificamos que apesar dessas queixas, os professores mantêm uma certa relação mediadora com esses projetos, pois, os reconhecem como umas das poucas iniciativas acessíveis e voltadas para qualificação desses professores e que apesar de ser questionável, não pode ser vista de toda, como ruim.

Porém, não podemos deixar passar “desapercebido” esse descompasso visível entre o saber teórico e prático, porque, isso é algo que acaba impactando negativamente dentro das salas de aula, assim como podemos ver no gráfico a seguir, que trata das principais dificuldades dos professores dentro da sala de aula.

Gráfico 14 - Principais dificuldades apontadas pelos professores dentro da sala de aula



Fonte: Autoria própria.

Ao analisarmos o gráfico 12, percebemos que, 75% dos professores consideraram a questão da indisciplina dos alunos e a falta de apoio por parte de suas famílias como algumas das principais dificuldades enfrentadas por eles em sala de aula. Mas, há, ainda, 25% de nossa amostra, que julga ser a falta de autonomia dos professores devido as muitas exigências por parte do Estado e a falta de recursos disponíveis para o desenvolvimento efetivo das atividades de ensino entendidas como as principais dificuldades enfrentadas por eles em sala de aula.

Sabemos, que o conceito de disciplina geralmente está associado a obediência a normas, regras. Já o de indisciplina, está relacionado a desobediência delas (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 18).

Sobre a questão da desobediência, pode ser entendida como algo positivo, no sentido de estar instigando por mudanças, melhorias, de estar se negando a fazer o que um sistema pede, exige, ou seja, “quem olha para a indisciplina como algo negativo não entende o que é. Ser indisciplinado não obedecer cegamente; é colocar a si próprio as regras de conduta em função de valores e objetivos que se quer alcançar (PARRAT DAYAN, 2008, p. 8)”.

É importante ressaltarmos que, a questão da indisciplina dos alunos citada pelos entrevistados é na maioria das vezes relacionada, por exemplo, ao fato de os mesmos andarem o tempo todo pela sala, saírem da sala de aula sem permissão, não fazerem as atividades propostas, a interrupção da aula do professor com conversas paralelas, etc.)

Nota-se que, nas últimas décadas, o problema da indisciplina dentro das salas de aula, tornou-se algo que deixa muitos professores de “cabelo em pé” e a falta de qualificação profissional dos mesmos passou a ser um dos fatores agravantes desta situação, pois, quando isso ocorre, muitos professores acabam evidenciando sua falta de conhecimento para se relacionar com tal problema, muitos preferem até ignorar, outros preferem “bater de frente” e apenas uma minoria tenta realmente compreender os motivos para que tal problema esteja acontecendo (BENETTE; COSTA, 2008).

Diante deste cenário, observemos o quadro 12, com as respostas dos professores que evidenciaram os problemas das salas de aula com a indisciplina dos alunos e a falta de apoio por parte de suas famílias.

Quadro 16 - Indisciplina dentro da sala de aula/qualificação dos professores

P1	<p>Indisciplina, por parte dos alunos. Eles já vêm indisciplinados, porque já vem lá da família desestruturada, não tem como fechar os olhos para isso, a escola assumiu toda uma responsabilidade da família, assuntos pessoais das quais a gente não tem como lidar com isso, nós temos em cada sala, cinco, seis alunos com problema mental mesmo... não tem psicólogo para esse povo, não tem um professor que acompanha. Agora mesmo com essas meninas da turma do EEE, são seis alunos para uma professora e cada um tem uma deficiência diferente, e ela trabalha com eles lá do jeito que trabalha com um. Com outro e com outro e cada um é de jeito diferente.</p> <p>Na verdade, a qualificação, ela é importante em tudo, mas se você não tiver essa parceria também da família, não tem como. A família ainda deixa muito a desejar, é pra vim um professor formado, um mestrado, ele vai ter um dia dum, um dia, de outro, mas, o ano todinho?! Chega o momento que ele esgota. A qualificação do professor é muito importante? É. Mas, a ajuda da família... Esse sistema que corrompe também... Agora a gente tá tendo um pré conselho ali, aí quando o professor diz que: “esse aluno tem dois na média”. Ai as pessoas:” mais só dois? Mas, o que você fez durante esse tempo todo?”. Ele ficou lá, coitado, durante sessenta dias e o menino não quis fazer nada, nada... Aí, no pré-conselho o povo da direção diz: “mas, professora, só isso? O que ele tem?”.</p>
P2	Indisciplina! Falta do querer dos alunos. Não, qualificação não influencia, porque o

	<p>professor qualificado ele quer dar o conteúdo para capacitar o aluno para um vestibular, para um Enem, para preparar ele para uma profissão, e o professor capacitado nessa área, ele não dá conta se o aluno não tiver disciplina. Agora, um professor, para ser babá, para ser um assistente social, ele não precisa se capacitar em conteúdo, ele precisa ser capacitado em assistente social, psicologia, em medico, em pai, em mãe, ser pai e ser mãe, porque hoje, a função do professor está sendo essa: cuidar, e não ministrar aulas. Cuidar da pessoa, do aluno e não ministrar. Ele tá parecendo uma babá do aluno, ele tá se tornando um ente afetivo do aluno. Então, essas capacitações que está vindo para gente, é pra entender o pessoal, porque o aluno é problemático, porque o aluno não tem família, porque o aluno tem depressão. E, cadê o Estado nesse papel cadê a família nesse papel? Que tudo é em cima do professor... O professor hoje é tudo, menos professor! Você espera que eu tô dando os descritores, tem umas duas semanas que eu estou tentando dar os descritores para eles, que é cobrado no Saeb, no Enem... E inventam mil e uma coisa que a gente nunca termina de vermos nas nossas aulas, que precisamos.</p>
P4	<p>Olha, eu até que não coloco como principal a indisciplina, mas sim, a desmotivação de grande parte dos alunos. Eu não sei como fazer para que os alunos se sintam motivados e reconheçam que o estudo, depois da família, depois de uma formação cristã, a principal da vida de um jovem é a educação, é o estudo, e nós temos que descobrir uma maneira de motivar esses meninos a entenderem que realmente a educação é primordial no processo de uma sociedade mais justa, uma sociedade mais digna e principalmente a vida pessoal seja valorizada através da educação. Precisamos valorizar a vida e o processo é a educação para mostrar isso.</p>

Fonte: Autoria própria.

Ao analisarmos as falas desses professores, percebemos que, há um grande descompasso, falta de entendimento entre aluno, professor, escola, família e Estado e a falta de cumprimento para com as suas devidas obrigações.

Neste sentido, nota-se nas falas, que, a indisciplina e da falta do querer dos alunos está em grande parte, relacionada a falta de participação da família na vida educacional dos alunos e a falta de qualificação dos professores. Ou seja, observa-se que esse comportamento indisciplinado dos alunos está associado a problemas externos, ligados muitas vezes a desestruturação familiar, que de acordo com pesquisas e estudos realizados, tem crescido em nossa sociedade contemporânea, sendo que a escola, os professores ainda não estão preparados para lidar com tais responsabilidades (BENETTE; COSTA, 2008).

Além disso, como mencionou P2, o papel de cuidar, educar e aconselhar, deveria ser papel da família, contudo, acaba sendo transferido para a escola, e conseqüentemente, para os

professores, deixando assim, estes profissionais sobrecarregados e dispersos de suas práticas docentes, afetando negativamente a qualidade do ensino. A esse respeito, percebe-se que Benette e Costa (2008), afirmam que essa ampliação de funções que o professor assume no âmbito de sua profissão tem prejudicado a qualidade do processo educacional.

Por outro lado, não podemos fechar os olhos para o fato de que, muitos professores “atribuem o problema a causas externas, atribuem ao aluno e a família e se isentam, de certa, forma da responsabilidade. Os professores costumam atribuir o fracasso do aluno a fatores independentes de sua atuação, e o mesmo acontece com a indisciplina (BRITTO, 2013, p. 55 *apud* PEREIRA; MARINOTTI; LUNA, 2004, p. 14)”.

Porém, sabemos que a questão da indisciplina, da falta de motivação dos alunos que foi tão citada durante a entrevista, também pode estar relacionada a má qualificação dos professores, pois, como já dissemos antes, geralmente a reação do aluno ao perceber a insegurança do professor frente a sala de aula é a de confrontar, buscando deixar este professor ainda mais incomodado, desestabilizado.

Diante desta constatação, percebemos durante a pesquisa de campo, que a escola pouco tem buscado intervir nessas questões, não há dialogo, as atividades seguem sendo conduzidas de forma muito problemática. E como sabemos existe a necessidade de uma tomada de atitude por parte da escola, na busca por alternativas, intervenções que envolvam toda a comunidade escolar, para que possam instigar, entender e intervir nestes conflitos. Contudo, é importante destacar que, “o diálogo, o estudo e a cooperação são os instrumentos que mediarão o caminho na busca por uma disciplina que considere o respeito como condição principal nas relações existentes na escola (BENETTE; COSTA, 2008, p. 02-03)”.

Neste sentido, entendemos que, enfrentar tais conflitos em sala de aula e ter uma prática pedagógica saudável, o professor deve repensar sua prática, buscando estar fortalecendo a admiração, respeito, a autoridade e ao mesmo tempo a liberdade entre professor e aluno. Deve-se ter em mente que, à medida que tomamos como prática um ensino rígido, autoritário e mandonista, os alunos se sentirão intimidados e ao mesmo tempo confrontados e os resultados podem ser ainda piores (FREIRE, 1996).

Ainda, de acordo com Freire (1996, p. 36):

A autoridade coerentemente democrática, fundando-se na certeza da importância, quer de si mesma, quer da liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade. Pelo contrário, aposta nela. Empenha-se em desafiá-la sempre e sempre; jamais vê, na rebeldia da liberdade, um sinal de deterioração da ordem. A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos

silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.

Diante disso, entendemos que, o professor ao invés de impor obstáculos aos seus alunos, deve propor diante das inquietações dos alunos, algo que impulse esse processo de aprendizagem, despertando diante de tanta inquietação a criatividade, vontade por aprender de ambas as partes, não que ele deva deixar sua autoridade docente de lado, mas, que ele saiba que, é a partir do modo como ele conduz essa relação professor-aluno, que isso também se tornará mais evidente para aluno, fazendo com que haja sobretudo o respeito e a admiração por meio de uma liderança saudável.

Logo, sabemos que para que tais conflitos sejam vistos e enfrentados de forma saudável, é fundamental que se tenha o acompanhamento de profissionais especializados (psicólogos, assistentes sociais, entre outros), prestando apoio a comunidade escolar, pois, assim como disse P1, muitas vezes os professores por mais que se esforcem, não conseguem lidar sozinhos (tanto profissional como psicologicamente) com esta realidade e muitas vezes quando a escola não consegue resolver sozinha e não tem esse acompanhamento os problemas podem ser agravados, principalmente ocasionando no desgaste, adoecimento mental dos indivíduos envolvidos.

Dentro desse processo, a família e o poder público se fazem indispensáveis. Isto é, devem investir financeiramente e culturalmente na busca por maior reconhecimento a respeito da importância do trabalho dos professores e suas qualificações, para que isso também seja refletido nos alunos. Assim, muitos professores se sentirão respeitados e ao mesmo tempo motivados não só para ensinar, mas, também, para aprender. A esse respeito, a fala de P4 é reveladora ao manifestar que não sabe como fazer para motivar o aluno a aprender e sobretudo, reconhecer a importância desse aprendizado tanto em sua vida pessoal como futuramente, profissional.

Com relação ao ensino, outro fator nos chama atenção, o fato de alguns professores alegarem que a qualificação profissional docente não é algo que auxilia neste processo de intervenção. Isso, nos leva a refletir mais uma vez, a respeito dos atuais mecanismos de qualificação que vêm sendo destinados para os professores das redes estaduais de ensino, pois, ao que parece, neste momento não está sendo desconsiderados a importância da qualificação em si, mas, as reais intenções e a qualidade destes programas que vem sendo destinados aos professores.

Neste sentido, entendemos que, é preciso considerar que para haver mudanças neste contexto sócio educacional é necessário o comprometimento de todos, exige uma visão

crítica, empenho e compromisso por parte dos alunos, professores, escola, família e principalmente por parte do Estado.

Logo, vimos que a questão da indisciplina e a falta de apoio por parte de suas famílias não foram as únicas dificuldades citadas pelos professores. A questão da falta de autonomia do professor para avaliar seus alunos em sala de aula também foi mencionada por P1.

Diante da fala de P1, percebemos que ela faz referência a um sistema que corrompe os professores. E, relata o fato de muitos professores se sentirem obrigados a aprovar automaticamente os alunos. Percebemos que, P1 se refere ao regime de progressão continuada.

Segundo Bertagna (2010, p. 1995):

O regime de progressão continuada não significa aprovação automática, muito menos desconsidera etapas de escolaridade a serem vencidas. Ele é, sim, um novo conceito a ser dado à avaliação na escola. A avaliação passa a ser o instrumento guia na progressão do aluno no seu percurso escolar, apontando as diferenças na aquisição de habilidades e conhecimentos entre os alunos e orientando o trabalho do professor na condução desse processo.

Como se pode ver, Bertagna (2010), defende a ideia de que, este novo conceito de avaliação, o regime de progressão continuada, surge com a intenção de guiar e ao mesmo tempo de estimular o processo de ensino-aprendizagem entre professor e aluno, de forma que ambos possam estar se desligando cada vez mais deste processo de avaliação repressiva e rígido.

E, de fato este regime pode ser uma forma moderna e eficaz de se conduzir o ensino. Porém, percebemos um grande desalinhamento entre estas ideias e o atual contexto educacional e seus problemas estruturais. Assim como podemos ver na citação de Matos (2013, n.p. In REVISTA PROFISSÃO MESTRE) a seguir:

O problema está em como eles estão sendo aplicados. “Houve um rompimento repentino do sistema seriado para o sistema de ciclos. Mudou o sistema, mas o pensamento, a forma de avaliar, as condições de trabalho e a infraestrutura das escolas não acompanharam o formato proposto”, salienta. “Não podemos nos preocupar com os resultados das pesquisas, mas sim com as causas do baixo rendimento do nosso alunado”.

Ao que percebemos, este processo ainda segue muito solto, instável, pois, ainda não há a participação do Estado de forma tão efetiva, principalmente com relação ao investimento no sistema educacional, nas escolas.

O que também se percebe é que, na tentativa de se manter este regime de progressão continuada em um cenário despreparado, com uma estrutura inadequada, com professores mal

qualificados acaba comprometendo o aproveitamento tanto dos alunos como dos professores. Pois, percebe-se que os alunos estão a cada dia menos envolvidos com as aulas, muitos até mencionam quem os professores não podem reprová-los. Neste sentido, P1 menciona que, durante as reuniões escolares (pré-conselhos), os professores acabam sendo obrigados a dar notas para os alunos, aprovando assim, automaticamente estes alunos, ainda que estes não tenham atingido o mínimo esperado no processo de aprendizagem. Nesta lógica, percebe-se que, a autonomia do professor em sala de aula está cada vez mais desvalorizada, ao passo que sua percepção e avaliação acerca do processo educacional são desconsideradas pelo sistema.

A seguir, ainda nesta lógica de análise das principais dificuldades citadas pelos professores em sala de aula, falaremos a respeito da falta de recursos disponíveis para o desenvolvimento de atividades pedagógicas. Para melhor compreendermos, observemos o quadro 12.

Quadro 17 - Falta de recursos na escola

P3	A principal dificuldade é a falta de recursos. Acredito que sim, pois, quando fazemos uma aula diferenciada para o alunado, eles ficam mais presos as aulas, e se você usa só o quadro, se você usa só o caderno, para eles a aula se torna uma coisa chata. Então, a questão de você ter habilidades para fazer uma aula diferente, para você usar recursos concretos, não só tecnológicos, informatizados, mas uma dobradura de papel, fazer uma coisa diferente, um desenho diferente, no caso, utilizar até mesmo, se estiver estudando retas e você usar um cabo de vassoura para o aluno é mais interessante, mas, somente quadro eu não vejo uma aula boa não, e é que nem eu falo, a nossa qualificação dos professores, eu pelo menos, digo por mim, eu estou buscando as ideias próprias. Não tem aquela coisa de dizer assim: P1, olha aquela ideia de tal coisa poderia ser assim, assim... Vou criando as ideias de acordo com a dificuldade que o aluno apresenta.
----	--

Fonte: Autoria própria.

Com relação a fala acima, percebemos algo muito condizendo com a realidade a qual, observamos durante o período que estivemos na Escola Estadual Girassol e que também foi mencionada por outros professores da escola durante conversas informais.

Antes de mais nada, é importante destacarmos que, “recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino - aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos (SOUZA, 2007, p. 111)”.

Neste sentido, entendemos que a falta de recursos didáticos básicos (como por exemplo, livros literários, aparelho de som, data show, etc.), é uma realidade diária, não só na

escola em estudo, mas, em muitas escolas públicas brasileiras, que padecem com a falta de prioridade e investimento (por parte do poder público), para compra de recursos didáticos (MAGALHÃES, 2012).

A vista disso, o que se percebe diante da entrevista é que muitos professores acabam tendo que se desdobrar para apresentar aulas produtivas e criativas para seus alunos, tendo muitas vezes que estar investindo do seu próprio “bolso” em recursos, para que não fiquem limitados apenas ao uso do livro didático, que em sua maioria é fragmentado. Sabemos que, “o livro didático é um importante recurso para o processo de ensino-aprendizagem, porém, limitar o ensino apenas a sua utilização acaba por tornar as aulas monótonas e sem atrativo, onde não ocorre aprendizado concreto (NASCIMENTO; CAMPOS, 2018, p. 02)”.

Porém, apesar de haver alguns recursos, como, computadores e um aparelho Datashow (mesmo que muito precário) destinados ao desenvolvimento de atividades com os alunos, existem outros fatores, inclusive citados por P3, que dificultam o desenvolvimento de tais atividades e ainda interferem na qualidade dos resultados das aulas. Dentre esses fatores, verificamos, a falta de qualificação dos professores tanto para manusear os equipamentos de forma adequada, como para planejar aulas que sejam satisfatórias e que considere o uso de determinado recurso durante as aulas. Isso, porque notamos que muitas das “aulas” que ocorrem na sala multimídia, são voltadas apenas para o entretenimento, para assistir filmes, filmes estes escolhidos de forma aleatória, que dá a impressão que a principal intenção da atividade é ocupar o horário da aula, visto que geralmente não possuem relação com os conteúdos educativos obrigatórios e nem com a realidade social dos alunos, da comunidade, sem falar que isso é algo constante, principalmente durante as aulas de P4, que vêm realizando esse tipo de atividade descontextualizada de forma constante.

Tal realidade, acaba impactando negativamente no processo de ensino-aprendizagem dos alunos e dos professores. Pois, sabemos que, o uso de recursos didáticos no processo de ensino quando bem manuseados e aproveitados é algo muito importante, valoroso, principalmente tendo em vista a melhor assimilação, entendimento do conteúdo trabalhado, além do desenvolvimento da criatividade e de habilidades, manuseios voltados para a prática de ensino.

No entanto, apesar desta triste realidade da escola em estudo, existem escolas que possuem recursos didáticos, em especial os tecnológicos, porém, os professores muitas vezes não sabem manusear tais equipamentos.

Logo, Magalhães (2012, p. 02) destaca que:

É preciso que os governantes, as faculdades de educação, os gestores de escolas ofereçam aos professores a oportunidade de se capacitarem por meio de estudos com a finalidade de aprender a utilizar todos os recursos didáticos desde os mais simples aos mais complexos, os naturais e os artificiais, os antigos e os modernos, os manuais e os tecnológicos, os impressos e os virtuais.

Sabe-se que as limitações dos profissionais e as disparidades entre realidades escolares, isto é fato, entretanto deve-se lembrar que ambas não devem ser atribuídas ao professor, mas sim à falta de compromisso dos governantes, dos gestores de escolas que não oferecem condições para que as escolas, os educadores vençam estas disparidades e limitações oferecendo a elas/eles condições de superar os desafios inerentes ao manuseio das tecnologias por meio de estudos, cursos, capacitações e da inserção das tecnologias nas escolas, nas salas de aula, de forma que alunos e professores sintam motivados a manuseá-las, pois somente assim as dificuldades irão sendo superadas e as aprendizagens adquiridas de forma mais atraente.

Neste sentido, além deste comprometimento destes órgãos, também se faz indispensável que os professores se dediquem e assumam mais este compromisso dentro de suas qualificações.

2.3.2 A qualificação profissional dos professores sob a ótica da coordenadora pedagógica da Escola Estadual Girassol – Análises e reflexões

De acordo com Lima e Santos (2007), a profissão de coordenador pedagógico sempre foi vista como algo importante, porém, suas funções só passaram a ser reestruturadas aos cargos e ao nome ao qual, conhecemos hoje, a partir da década de 90, pós ditadura. Logo, esta profissão foi integrada as escolas, com a exigência de que esses profissionais tivessem a formação mínima em cursos de licenciatura (que, geralmente é o curso pedagogia).

Ao iniciarmos a entrevista com a coordenadora, buscamos resgatar algumas informações pertinentes a vida particular e profissional da coordenadora. Estas questões têm por objetivo, evidenciar o envolvimento de C1, para com o contexto de sua profissão, conforme a tabela a seguir.

Tabela 3 - O envolvimento de C1 com sua profissão

Nível de qualificação atual	Tempo de formação	Tempo de profissão
Especialização	15 anos	21 anos

Fonte: Autoria própria.

Primeiro, é necessário levar em conta que C1 é antes de coordenadora, uma professora que está em desvio de sua função inicial. Neste sentido, nota-se, que, ela (assim como, os

professores que analisamos em entrevista anteriormente) possui mais tempo de profissão que de formação (graduação).

Nesta mesma perspectiva, percebemos que, o fato de C1 ter atuado por um período de tempo considerável na educação, sem ter ao menos a formação inicial, revela que os reflexos das políticas anteriores (em que a educação não era tão valorizada, pois, o cidadão crítico e politizado era e ainda é visto como uma ameaça para o sistema ditatorial) a década de 90, ainda permaneceram por um bom tempo e ainda sobrevivi, mesmo que minimamente até os dias de hoje (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011).

Por outro lado, o fato de a coordenadora ter buscado pela sua qualificação (formação inicial (graduação) e especialização), reflete claramente os efeitos das políticas de adequação dos trabalhadores, dos professores que se iniciou principalmente, na década de 90, em que muitos, para adentrar ou se manter no mercado de trabalho tiveram que buscar pela qualificação profissional (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011).

Em contrapartida, apesar de sabermos que haviam por trás desses discursos, muitos interesses próprios (pois, este período manteve de certa forma o modelo ditatorial, que passou a se apresentar com novas roupagens, discursos), podemos também perceber diante da formação de C1, que, esta década, e suas mobilizações trouxeram um maior alavanque para a educação no país, suscitando uma maior visibilidade da educação, da necessidade de os professores estarem se qualificando e percebendo aos poucos que isso seria algo bom do ponto de vista da qualidade do ensino (FRIGOTTO, 2006).

Uma outra questão que pode ser suscitada, é o fato de C1, ter vinte um ano de profissão e só ter realizado até os dias de hoje, os níveis básicos de qualificação: formação inicial e uma especialização, que foi realizada em modalidade EAD.

Isso, nos faz pensar a respeito dos possíveis motivos que podem ter impedido que ela desse continuidade a esse processo. E, um dos principais motivos que, pode ser mencionado, é a ausência de políticas educacionais brasileiras, que deveriam garantir o acesso e a permanência desses profissionais em cursos de qualificação profissional, ainda serem estabelecidas e mantidas de forma mínima e apesar disso, ainda são constituídas de muitas exigências. E, com a falta de intervenção plena do Estado, essa exigência e ao mesmo tempo necessidade, fica apenas nas mãos desses profissionais, isto é, eles acabam tendo que buscar por essas qualificações por conta própria, de acordo com sua pouca disponibilidade de tempo e condições financeiras.

Mas, o MEC direciona que:

Atualmente, de modo geral, o empenho dos professores que atuam com responsabilidade e investem no seu desenvolvimento profissional ao longo da carreira não tem sido devidamente considerado. Os critérios mais comumente utilizados para progressão na carreira independem desse empenho: sobrevalorizam a titulação, os certificados e o tempo de serviço, que vale igual para todos, independentemente da qualidade da atuação e do desenvolvimento de competências profissionais (BRASIL, 2009, p. 138).

Diante do exposto, percebemos que muitos profissionais acabam buscando por esse processo de qualificação (especialização, mestrado, etc.), apenas com a intenção de obter grandes números de certificados, visando principalmente, a melhoria salarial. Ou seja, durante essa busca, a qualidade do ensino desses cursos de qualificação muitas vezes fica de lado, pois, esses profissionais acabam optando em especial, por cursos mais práticos, fáceis, com “baixo custo”, fácil acesso e de acordo com suas disponibilidades de tempo.

É, importante destacar que nossa intenção não é dizer que os cursos mais acessíveis não tenham qualidade, mas, evidenciar que muitos profissionais tem escolhido esses cursos, instituições, levando em conta apenas a questão da acessibilidade e desconhecendo muitas vezes sua qualidade, ou legalidade.

Diante dessa realidade, sabemos que, há hoje mais intensamente, uma grande demanda de busca pela qualificação, em modalidade EAD. Modalidade esta, que prioriza por elementos que possibilitem aos alunos/profissionais terem uma qualificação profissional com valores mais acessíveis que os presenciais, também de acordo com suas disponibilidades de tempo, etc. E, diante desta possibilidade de estar se qualificando de forma mais rápida, muitas vezes fácil, e ao mesmo tempo de estar progredindo rumo ao aumento salarial, é justamente a modalidade que vem sendo mais escolhida por muitos professores, inclusive por C1.

Logo, a escolha de C1, em se especializar por meio de um ensino de modalidade EAD, muitas vezes pode ser vista de forma descuidada, acomodada. Pois, apesar de sabermos que o EAD é uma modalidade de ensino garantida por lei¹³, ainda há muito o que se fazer, principalmente com relação a superação de muitos obstáculos voltados principalmente, para falta de estrutura, fiscalização do ensino e de credenciamento de muitas instituições que ainda ocorre de forma muito inconsistente e acaba deixando a desejar.

Em contrapartida, levando em conta que, C1 possa ter antes de sua escolha, se atentado para o dissemos anteriormente e ter buscado por um curso, instituição que seja

¹³ Conforme o artigo 62, parágrafo 2 da Lei de Diretrizes e Base – LDB nº 9394/96: “A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância”.

responsável e que tenha compromisso com a qualidade do ensino, podemos dizer que o fato de C1 ter buscado por sua especialização, mesmo diante de sua extensa carga horária de trabalho, demonstra que há certa preocupação e consciência a respeito da necessidade de estar se qualificando, pois, mesmo diante de suas limitações, buscou por um curso que condissesse com essas restrições e que ao mesmo tempo lhe agregasse valor, conhecimento.

Na próxima questão, buscamos analisar um pouco mais a respeito das escolhas feitas por C1, durante sua vida profissional, ao qual, revelam sua identidade docente ou não diante da escolha de sua profissão.

De início, percebemos que, C1, se refere a escolha do curso de graduação, a sua profissão docente como sendo a profissão atual, não se referindo diretamente a sua profissão atual de coordenadora pedagógica. E, na busca por compreender o porquê de ela ter adentrado o universo educacional, daremos continuidade a esta mesma lógica de resposta.

Percebemos que, a escolha de C1 pelo curso, foi feita devido à falta de opção de outros cursos na cidade, na época. Isso, demonstra que, se caso houvesse outros cursos, certamente ela não haveria escolhido pelo curso de letras. Assim, observemos a fala de C1, exposta no quadro a seguir.

Quadro 18 - Escolha da profissão de C1

C1	Na época era... Só tinha esses cursos da educação mesmo, então não tinha muito o que escolher... Só escolhia a área que era de língua portuguesa e inglês na época quando eu fiz, era junto ainda...
----	--

Fonte: Autoria própria.

A princípio, notamos que, C1 não optou pela profissão docente por uma questão de identidade. Isto é, levando em conta o que os autores Marcelo e Antunes (2009, p. 4 *apud* BEIJAARD, MEIJER e VERLOOP, 2004), ressaltam e apresentamos na seção 1.4, sobre o fato de que a identidade é algo que se desenvolve durante a vida, podemos então concluir que não havia ainda no consciente de C1, uma identificação desperta e totalmente responsável pela sua escolha, isso, considerando que a profissão foi escolhida apenas porque não tinha outra opção.

Diante desta situação, entendemos que a escolha pela profissão docente não vem sendo muito atrativa e que muitas vezes acaba sendo motivada pela falta de opção. Mas, não é muito difícil de se imaginar os motivos, pois, alguns deles são bem fáceis de serem identificados, assim como: os baixos salários, a falta de infraestrutura/más condições de trabalho, além, é claro da desvalorização social (SILVA, 2012).

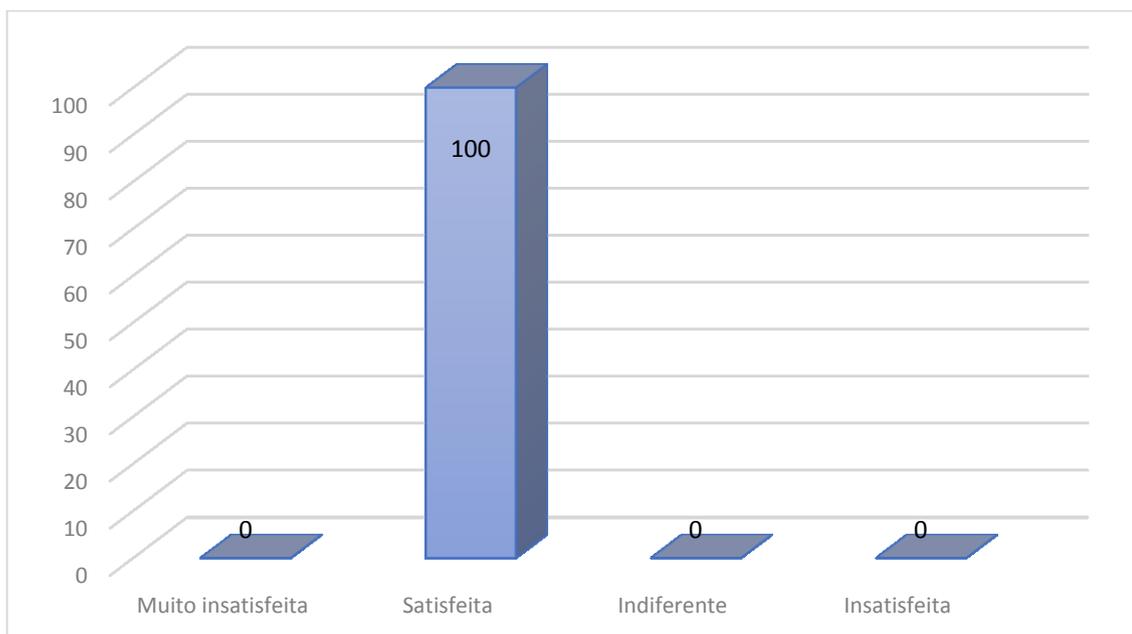
Neste sentido, entendemos que estes fatores externos, acabam contribuindo para não construção, reafirmação ou consolidação da identidade docente, em que, mesmo havendo uma identidade consciente ou inconsciente, a profissão passe a ser vista apenas em segundo plano.

Logo, ao escolherem por adentrar este universo educacional, devem principalmente, ter em mente a consciência da grande importância e responsabilidade que é exigido desta profissão. Isso, levando em conta, que, quanto mais distante se fizer de suas responsabilidades para com ela, mais árduo será seu trabalho, fazendo com que problemas simples sejam vistos e transformados em problemas maiores dentro ou fora da escola, devido à escolha equivocada ou a resistência a adaptação de suas funções.

No entanto, no que se refere a escolha da profissão de coordenadora pedagógica, profissão atual de C1, sabemos que geralmente é necessário além do querer do profissional, na maioria das vezes é necessário que haja uma indicação política, e isso acaba evidenciando a intenção de manter o grupo político no “poder”, garantindo a relação de troca de favores com seus futuros, o que caracteriza a efetivação da troca de favor, ou favorecimento político (GONÇALVES; FRANCO, 2012, p. 09). E, como sabemos, essa lógica de direito de escolhas que priorizam apenas os que estão no poder, não tem dado certo, principalmente, porque não é o que se espera de uma sociedade que se diz democrática. “Esta permissividade do poder público no favorecimento político, distancia cada vez mais a função que este coordenador pedagógico tem, que é propiciar aos cidadãos educação de qualidade social (GONÇALVES; FRANCO, 2012, p. 09)”.

Dando continuidade à lógica de perguntas, procuramos saber a respeito da satisfação da coordenadora com sua área de atuação. Neste sentido, observemos o gráfico abaixo.

Gráfico 15 - Nível de satisfação de C1 com sua profissão



Fonte: Autoria própria.

O gráfico acima, nos sinaliza a princípio, que C1 está satisfeita com sua atual função, no caso, a de coordenadora pedagógica. Porém, sua fala ainda é capaz de nos revelar outras circunstâncias, que podem ser melhor compreendidas, a partir da observação do quadro abaixo.

Quadro 19 - Satisfação de C1

C1	<p>Sim... Gosto muito da minha área, certo? Não me veria sendo professora de geografia, nem de história, certo? Eu escolhi a área que eu me identifiquei muito com ela.</p> <p>Observação: Perguntei a ela: Se você tivesse na época a possibilidade de fazer outro curso, ter outra profissão, você faria ou seguiria a profissão de professora?</p> <p>Ah, eu seria enfermeira padrão...</p>
----	---

Fonte: Autoria própria.

C1, declara que dentro do quadro de cursos (no caso, licenciaturas) disponíveis na época, o que se identificou mais, foi com o curso de letras, porém, relata que, se caso tivesse a possibilidade de escolher por outro curso, profissão, não havia optado pelo curso de licenciatura. Isso, nos leva a perceber, que C1, ainda possui certo anseio, encantamento pela profissão sonhada ou que C1 não está totalmente contente com a realidade de sua profissão, mesmo demonstrando certo apreço por ela.

Neste sentido, considerando que C1 já está atuando nesta profissão a um pouco mais de vinte anos, estas circunstâncias podem estar relacionadas com as muitas exigências,

agitações e reponsabilidades que muitos coordenadores enfrentam em seu dia-a-dia, tendo muitas vezes que, se desdobrar para desenvolver seus trabalhos diante da falta de investimentos na área da educação.

A esse respeito, Placco, Souza e Almeida (2012, p. 765), destacam que:

Essas dificuldades levam a questionar o que manteria os coordenadores pedagógicos na função. Ao que parece que os benefícios da carreira, sobretudo no que se refere ao crescimento pessoal e profissional, sustentam e promovem a identificação com a função. Porém, contraditoriamente, essa adesão também incorpora os atributos negativos, como baixa remuneração, condições de trabalho inadequadas e demanda de trabalho que ultrapassa suas reais possibilidades de ação. É nesse movimento dialético e permanente que se constituem as identidades profissionais dos coordenadores pedagógicos.

Entendemos que o grau de satisfação apresentado por C1, com relação a sua profissão, pode estar relacionado tanto com sua não identidade profissional, tanto com o grau de importância, hierárquico que ocupa dentro da escola e pela qual é vista.

Por outro lado, procuramos saber a respeito do tempo em que C1, vem atuando como coordenadora da Escola Estadual Girassol, assim, como podemos perceber no gráfico abaixo.

Gráfico 16 - Tempo de trabalho de C1 na Escola Estadual Girassol



Fonte: Autoria própria.

Ao compararmos o tempo total de trabalho de C1, que é vinte um anos e, é representado no gráfico por 100%, com o seu total de tempo de atuação como coordenadora

pedagógica na escola, que é dezoito anos e é representado no gráfico por 85,7%, percebemos que C1, atuou como coordenadora na Escola Estadual Girassol por quase todo seu tempo de profissão. Isso quer dizer que, sua experiência foi quase que 100% adquirida durante seu período de atuação dentro da escola, e que ela esteve envolvida em praticamente todas as iniciativas voltadas para a organização das práticas de ensino (elaboração do PPP, reuniões, etc.) e qualificação dos professores pelo menos nos últimos dezoito anos.

Neste sentido, tendo em vista, a diversidade de tarefas que são recomendadas aos coordenadores, sobretudo, ao que diz respeito a prática de ensino dos professores e conseqüentemente suas formações, torna-se imprescindível que este profissional (o coordenador) também esteja em constante processo de qualificação, para que possa estar coordenando adequadamente os trabalhos pedagógicos desenvolvidos na escola.

Diante disso, sabemos que, existem muitos obstáculos que dificultam esse processo de qualificação dos coordenadores, um deles, “é o excesso de atribuições e responsabilidades que recebem das Secretarias de Educação, que não deixa muito tempo para os cursos de aprimoramento, necessários ao seu crescimento profissional, nem sempre oferecidos por esses órgãos”. (PLACCO; SOUZA; ALMEIDA, 2012, p. 764). Mas, diante desta realidade, e sobretudo da necessidade da qualificação efetiva desses profissionais, o MEC (2009, p. 129) aponta que:

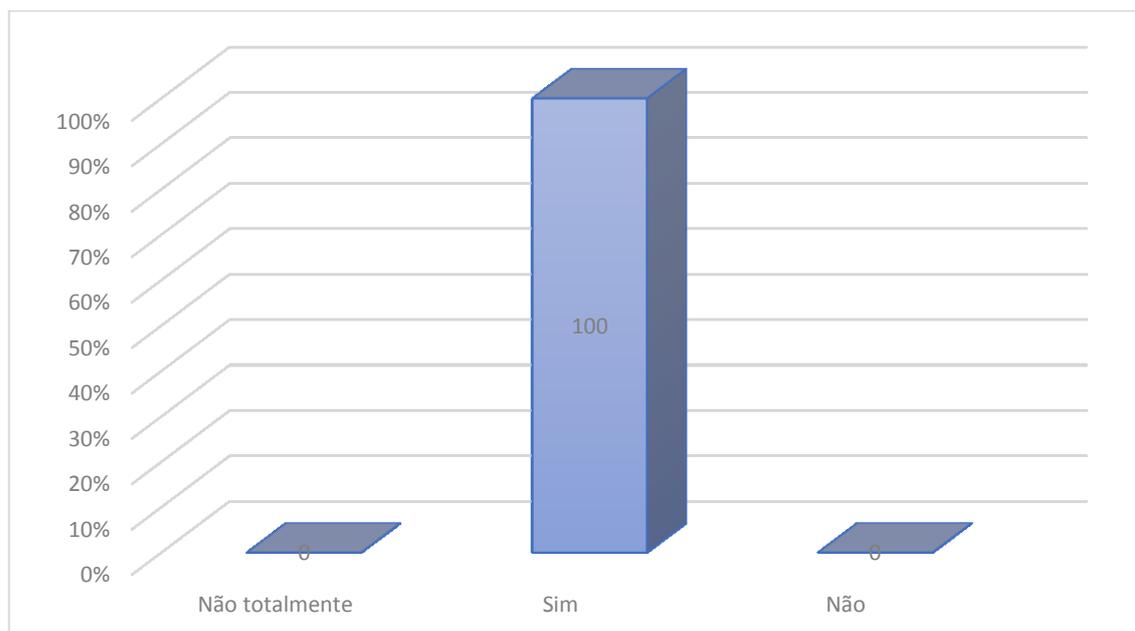
É preciso garantir espaços e tempos reservados na rotina de trabalho na escola, para que os professores e coordenadores pedagógicos (também chamados de orientadores ou supervisores, dependendo do sistema de ensino) realizem práticas sistemáticas de: análise das ações desenvolvidas, estudo, troca de experiências, documentação do trabalho, discussão de observações, criação e planejamento coletivo de propostas didáticas etc. (MEC, 2009, p. 129).

Isso, reflete a falta de políticas públicas mais consistentes e realmente preocupadas com o ensino, que não só exijam, mas, que, sobretudo, dê condições para que esses profissionais possam estar se qualificando.

Neste mesmo segmento, procuramos saber o que C1 tem a dizer a respeito do seu próprio preparo profissional para exercer sua atual função.

Observemos o gráfico abaixo.

Gráfico 17 - Você se sente preparado (a) para sua atual profissão?



Fonte: Autoria própria.

Os dados acima, representam a resposta de C1, que em meio a três opções de respostas, nos disse que, sim, se sente preparada para exercer sua atual profissão. Observemos no quadro a seguir, o que, C1, ainda nos disse, diante desta pergunta.

Quadro 20 - Você se sente totalmente preparada para sua atual profissão?

C1	Sim, já aprendi muito, sabe? Hoje eu me sinto mais segura, né? Sei de toda parte burocrática, prática, teórica, tudo...
----	---

Fonte: Autoria própria.

Diante da fala acima, concluímos que, o fato de C1, dizer se sentir totalmente preparada para assumir sua atual profissão, está relacionado principalmente, com seu tempo de trabalho, de experiência, pois, ela afirma ter conhecimento a respeito de tudo que se refere a parte burocrática, prática ou teórica de sua profissão, a de coordenadora pedagógica, porém, sabemos que ninguém está totalmente preparado, nunca, pois sempre há algo novo a se apreender dentro da sociedade.

Prova disso é, se compararmos a fala de C1, com as respostas dadas pelos professores, isso, tendo em vista que, uma das funções de C1, quanto coordenadora pedagógica é estar à frente da organização de medidas que visem a qualificação dos professores na escola, percebemos que, seu trabalho vem deixando muito a desejar, o que ao mesmo tempo, pode estar relacionado com a falta de condições, de investimentos para melhor desenvolvê-lo, mas,

também, com a falta de engajamento de C1, para com suas funções, o que reflete certo contraste com a gama de conhecimentos ditos por ela e expostos mais acima.

Diante, da importância da função exercida por C1, buscamos compreender, se ela realmente é consciente do trabalho pedagógico na escola e conseqüentemente dos trabalhos dos professores ao qual coordena, ou seja, procuramos saber se ela de fato entende o que é a qualificação profissional e se tem consciência de sua importância. Neste sentido, observemos o quadro abaixo.

Quadro 21 - O que você entende por qualificação profissional?

C1	É uma preparação para o exercício, né? O dia a dia... Tanto na parte intelectual, como na parte prática, né?
----	--

Fonte: Autoria própria.

A fala de C1, revela que ela possui entendimento, ainda que de forma limitada a respeito do que vem a ser a qualificação profissional. No entanto, ao considerarmos seu processo de qualificação, tendo em vista que ela deveria possuir autonomia para continuá-la), entendemos que, ela, assim, como muitos dos professores entrevistados, parece não se compreender dentro desta lógica, de ter que estar se qualificando, pois, já faz algum tempo que deixou de dar continuidade a esse processo.

Em contrapartida, o fato de C1 dizer possuir conhecimentos suficiente a respeito da parte teórica, prática de sua profissão se torna contraditório, principalmente tendo em vista sua trajetória acadêmica científica e prática, isto é, reafirma a falta de conexão entre teoria e prática. Neste sentido, Oliveira e Guimarães (2013, p. 97), dizem que, para o coordenador “ter realmente sucesso dentro do contexto escolar, deve ter como objetivo central a reflexão sobre a prática, tendo em vista uma reconstrução da autonomia intelectual não só para si, mas para toda equipe escolar”.

Ainda, nesta mesma lógica, buscamos saber se C1, acredita que a qualificação contínua dos professores é algo importante. Observemos sua resposta no quadro a seguir.

Quadro 22 - Percepção de C1 a respeito da importância da qualificação dos professores

C1	Sim, com certeza, né? É a parte mais importante, porque, principalmente professor... Nós temos que aprender todos os dias se atualizar... E as inovações estão propostas aí a cada ano, né?
----	---

Fonte: Autoria própria.

O fato de C1, ter interrompido seu processo de qualificação de forma muito precoce, pode por um lado, revelar a falta de comprometimento para com sua profissão. Isso, principalmente tendo em vista, que, C1 é responsável por coordenar as atividades pedagógicas e ainda a qualificação dos professores que deveria ocorrer dentro da escola, o que faz com que sua qualificação seja algo tão indispensável.

Esta situação, demonstra que C1, apresenta uma ideia que não é vivenciada por ela, e isso muitas vezes pode gerar improvisos, insegurança e agravamentos de muitos problemas, tanto para ela própria, ao ter que lidar com as decorrências de sua profissão, como para o grupo ao qual coordena.

Assim, é importante destacar que “a formação requisitada para o exercício da função de coordenador não pode se resumir em um acúmulo de títulos, precisa ser um processo reflexivo e crítico sobre a prática pedagógica”. (OLIVEIRA e GUIMARÃES, 2013, p. 03).

Ao longo das entrevistas, realizadas com os professores, percebemos certo distanciamento da escola, coordenação, direção com os trabalhos desenvolvidos pelos professores, principalmente dentro das salas de aulas e os próprios professores se queixam desta situação, da falta de auxílio da coordenação escolar. Mas, como forma de analisarmos e evidenciarmos ainda mais esta realidade, procuramos saber da própria coordenadora pedagógica, se ela acompanha os trabalhos pedagógicos desenvolvidos pelos professores em sala de aula. Observemos o quadro a seguir.

Quadro 23 - Você acompanha os trabalhos pedagógicos desenvolvidos pelos professores em sala de aula?

C1	É... Sim! À medida que eles vêm solicitando a gente acompanha e pede para tá acompanhando principalmente as ações pedagógicas.
----	--

Fonte: Autoria própria.

Tendo em vista, que, umas das funções da coordenadora pedagógica deveria ser a de dar suporte e apoio ao trabalho de ensino aprendizagem desenvolvido pelos professores (EGITO, 2014), entendemos, mediante a fala acima e ainda de acordo com alguns relatos dos professores entrevistados, que, C1, não vem acompanhando de forma efetiva e satisfatória a prática de ensino dos professores. Isso, pode ser melhor compreendido, tendo em vista a fala de C1, que, diz acompanhar os trabalhos pedagógicos desenvolvidos pelos professores em sala de aula, apenas mediante a solicitação dos mesmos.

Por outro lado, observamos que tal situação pode estar associada, muitas vezes, a falta de tempo da coordenadora para lidar com as inúmeras obrigações dentro da escola, pois,

como sabemos, muitas vezes, “um fardo pesado é colocado sobre ele, cobram-lhe o sucesso da escola (como se ele fosse o único responsável), e querem que ele resolva todos os problemas do cotidiano (OLIVEIRA e GUIMARÃES, 2013, p. 100)”.

Contudo, não podemos esquecer que a negligencia, o descaso com o ensino e com seu trabalho pedagógico na escola é uma realidade. E, como sabemos, não deveria acontecer, pois, o coordenador pedagógico, deve estar sempre buscando se atualizar, se inteirar de suas obrigações, para que seja capaz de:

[...] atuar de modo a transformar a escola em um local de formação em serviço dos professores, principalmente dos recém graduados, que chegam às escolas cheios de sonhos e, muitas vezes, são transformados em pesadelos, por inexperiência e pela falta de ação pedagógica de um bom coordenador (OLIVEIRA; GUIMARÃES, 2013, p. 98).

E que segundo a fala dos professores, é uma realidade muito recorrente dentro da escola, muitos professores dizem se sentir sozinhos, sem ninguém para auxilia-los. Neste sentido, é importante considerarmos, que, os trabalhos desenvolvidos na escola, em especial a qualificação dos professores, não devem ser vistos como algo que esteja apenas nas mãos dos coordenadores, pois, é um trabalho que deve ser realizado de forma coletiva. Porém, “para se desenvolver um trabalho neste contexto de totalidade e coletividade, não há receitas prontas, mas sim, um caminho centrado na ação-reflexão ação, problematizando as práticas pedagógicas (OLIVEIRA e GUIMARÃES, 2013, p. 100)” e levando em conta as experiências de cada um, assim, como também, suas singularidades.

Dentro deste contexto, procuramos ainda, saber como C1, reconhece e avalia a qualificação profissional dos docentes do Ensino Fundamental da Escola Estadual Girassol.

Ao questionarmos C1, sobre esta temática, percebemos, a princípio, certa falta de informação e desvio para a questão apresentada. Assim, como podemos ver no quadro abaixo.

Quadro 24 - Como você avalia a qualificação profissional dos docentes do Ensino Fundamental da Escola Estadual Giraassol?

C1	A qualificação, com exceção dos contratos, assim, os letivos, os executivos já são especialistas, né? E os outros, os demais estão... tem alguns fazendo, né? Já especialização em suas áreas. É bem, né? Eles acompanham bem, né? Porque, assim, o Estado também propõe que seja, que tenha essa formação, de preferência a formação continuada, né? Tem que ter.
----	--

Fonte: Autoria própria.

Vemos que C1, ao ser questionada sobre a qualificação profissional do quadro geral de professores, acaba fazendo certa distinção entre o quadro de professores efetivos (concurados) e o quadro de professores contratados (provisórios). Essa situação nos causa certo estranhamento, principalmente, levando em conta algumas informações também obtidas com a coordenadora pedagógica. Segundo ela, grande parte dos professores que atuam na escola são contratados e praticamente não há mudanças com relação ao quadro geral de funcionários da escola com a virada de semestre.

Por meio da fala de C1, entendemos que, ela não possui muito conhecimento a respeito dos trabalhos que são desenvolvidos pelos professores, sobretudo, no que tange o encaminhamento de seus processos de qualificação. Isso, tendo em vista tratar-se de sua função quanto coordenadora pedagógica.

Ainda, nesta lógica, de supervisão e orientação dos trabalhos pedagógicos desenvolvidos pelos professores em sala de aula e ainda, da qualificação profissional dos professores na escola, é importante destacarmos que, esse processo de qualificação “faz parte de uma busca sistemática de conhecimentos, de capacidades de reflexões das práticas pedagógicas dos educadores envolvidos em um contexto educacional” (OLIVEIRA e GUIMARÃES, 2013, p. 100). Isso, quer dizer que antes mesmo da supervisão e intervenção do coordenador, é necessário que o próprio professor tenha o compromisso de também estar se dispondo a ajudar e a aprender.

Por isso, de nada adianta o coordenador pedagógico trabalhar em busca de uma qualidade profissional, se os demais não participarem dessa ação efetiva no resgate de uma educação de qualidade. Esta não é uma tarefa fácil, visto que a maioria dos professores tem jornada dupla ou tripla, devido à desvalorização salarial e não sobra muito tempo para as reflexões tão necessárias e significativas (OLIVEIRA; GUIMARÃES, 2013, p. 100).

Isto é, o professor que realmente se comprometendo com seu trabalho, não espera apenas pelo coordenador, é preciso que ele esteja atento para o cumprimento de suas obrigações, ajudando a supervisionar e ao mesmo tempo motivar o coordenador pedagógico, para que este profissional se atente para o que ocorre dentro da escola, pois, como sabemos, o trabalho coletivo é fundamental.

Logo, devemos entender que:

A reflexão sobre a prática é o ponto inicial para os professores buscarem o aperfeiçoamento educacional juntamente com a contribuição do coordenador pedagógico, na busca de novos rumos pedagógicos. Entretanto, mesmo diante das teorias que afirmam a contribuição do coordenador pedagógico frente a seus

professores, não podemos esquecer os problemas e as complexidades que esse profissional encontra por diversos motivos. Por não existir fórmulas prontas a serem reproduzidas, é que o coordenador pedagógico e demais profissionais da educação devem buscar, sistematicamente, uma formação continuada para tentarem solucionar de forma adequada os problemas que surgem no contexto escolar (OLIVEIRA; MAGALHÃES, 2013, p. 99).

Isso, nos faz pensar ainda mais a respeito da lógica de qualificação profissional dos professores e demais funcionários, que, deve ocorrer de forma mútua, envolvendo toda a comunidade escolar.

Ainda, nesta lógica de perguntas, sabemos que não podemos fechar os olhos para esta realidade da qualificação dos professores que ocorre nas escolas. Neste sentido, perguntamos para C1 se a Escola Estadual Girassol vem realizando medidas como forma de contribuir com o processo de qualificação docente de seus funcionários. Desta forma, observemos sua resposta no quadro abaixo.

Quadro 25 - A Escola Estadual Girassol realiza medidas como forma de contribuir com o processo de qualificação docente de seus funcionários?

C1	Tem ações do PPP, né? E tem as formações que a SEDUC propõe, que só dá o tema e a gente tem que estudar, se preparar para aplicar, né?
----	--

Fonte: Autoria própria.

Mesmo sabendo que, C1 é uma das principais responsáveis pelo processo de qualificação dos professores dentro da escola, entendemos, que, muitas de suas funções que deveriam ser voltadas para esse processo, não vêm sendo desenvolvidas, o que fica ainda mais evidente no quadro acima.

Mais uma vez, C1, se refere a estas atividades como sendo algo exclusivo da escola, que não é realizado apenas por obrigatoriedade, mas, sobretudo de forma a garantir um melhor desempenho escolar. Porém, percebemos que isso não ocorre.

Como vimos, apenas são realizadas na escola, ações que vêm de fora, que são determinadas e obrigatórias a ela, como é o caso do PPP (que é um documento regido pela LDB 9394-96) e dos projetos, formações continuadas estipulados pela SEDUC (Secretaria de Educação e Cultura), que, compreendemos por meio da análise de nossa amostra de professores que não contribuem de forma satisfatória para o desempenho do trabalho dos professores.

Logo, tendo em vista que C1, tem a consciência que, o desenvolvimento dessas atividades, não são suficientes e mesmo adequadas ao contexto escolar, podemos inferir que

sua fala manifesta uma tentativa de estar amenizando ou encobrendo a falta de uma programação efetiva e bem fundamentada com relação a qualificação profissional dos professores dentro da escola.

Como já tratado anteriormente, pode estar relacionado tanto com a falta de engajamento e qualificação de C1, assim, como também, com as inúmeras atividades desenvolvidas pela coordenadora pedagógica, que muitas vezes na tentativa de “abraçar” a todas as suas funções, acaba deixando muitas delas desprestigiadas.

Nesta lógica, entendemos que, para C1 desenvolver um trabalho satisfatório, é necessário que toda comunidade esteja envolvida, inclusive a gestora da unidade, que deve estar sempre acompanhando a rotina da escola. Neste sentido, lhes apresentamos a seção a seguir.

2.3.2 A qualificação profissional dos professores sob a ótica da gestora escolar - Análise e reflexões

Nossa intenção aqui, é trazer algumas reflexões acerca do modo como o processo de qualificação profissional dos professores vem sendo visto e desempenhado dentro da escola. Desta forma, acreditamos que, por meio da análise da fala de G1, poderemos evidenciar um pouco desta cultura, ou mesmo desta lógica instituída a gestão escolar diante da qualificação profissional dos professores dentro da escola.

De início, é importante relembrarmos que, o processo de globalização acabou gerando muitas mudanças no contexto social, dentre elas, a reorganização do mundo do trabalho e consequentemente do ensino.

Nesta lógica, visando uma educação de qualidade, a sociedade passou a exigir uma nova postura diante dos gestores escolares, reivindicando uma gestão escolar transparente, participativa. A partir dessa reorganização da profissão, podemos dizer que, o gestor,

[...] coordena, mobiliza, motiva, lidera, delega aos membros da equipe escolar, conforme suas atribuições específicas, as responsabilidades decorrentes das decisões, acompanha o desenvolvimento das ações, presta contas e submete à avaliação da equipe o desenvolvimento das decisões tomadas coletivamente (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2009, p. 335).

Como podemos notar, diante desse contexto de reformas sociais, que ocorreram nas últimas décadas, as funções do gestor escolar deixaram de ser tão mecanizadas, voltadas apenas para aspectos administrativos, financeiros e passou a se voltar, sobretudo, para os aspectos pedagógicos.

Nesse sentido, entendemos que o gestor pedagógico também tem como uma de suas funções, o acompanhamento das ações que envolvem a qualidade do processo de ensino-aprendizagem e conseqüentemente o processo de qualificação dos professores dentro da escola.

A partir dessas informações, acreditamos que será possível entender de forma mais satisfatória nossa seção de análise. Mediante tal análise, podemos entender que, nossa primeira parte da entrevista busca resgatar por meio da fala de G1, algumas informações que podem ser capazes de revelar a importância de G1 para com suas atividades profissionais e principalmente com a sua qualificação. Desta forma, apresentamos o quadro a seguir.

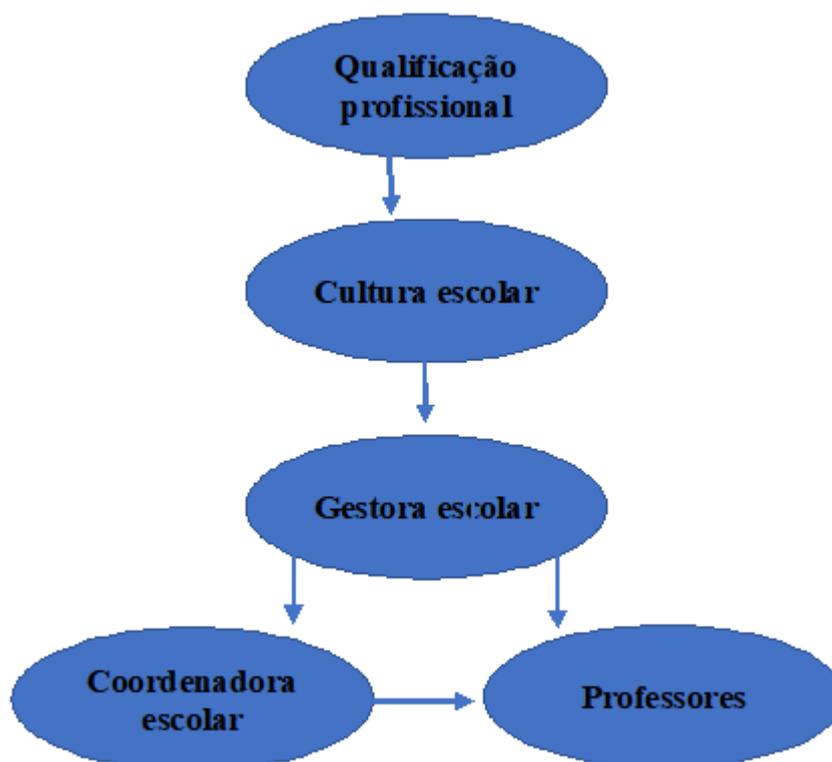
Quadro 26 - O envolvimento de G1 com sua profissão

Nível de qualificação atual	Tempo de formação	Tempo de profissão
Especialização	12 anos	05 anos

Fonte: Autoria própria.

De modo geral, pudemos verificar que, G1 possui uma trajetória profissional muito parecida com a dos professores e da coordenadora entrevistada, com um tempo considerável de formação (graduação), assim, como, de profissão. Isso, demonstra que, estes profissionais constituem o quadro de análise teórica que abordamos anteriormente, ao qual, discorreremos a respeito das exigências da qualificação profissional que passaram a surgir a partir da década de 90 no Brasil. No entanto, as respostas de G1, ainda nos revela, uma outra vertente, a questão da cultura da escola. A figura a seguir ilustra como essa cultura escolar da qualificação vem sendo desenvolvida.

Figura 1 - Qualificação escolar e as implicações da cultura escolar



Fonte: Autoria própria.

Como podemos notar, a figura 1 No entanto, essa questão cultural, pode ser melhor entendida, se levarmos em conta que, toda nossa amostra possui graduação e especialização a um período de tempo muito parecido entre eles. Além de também terem interrompido seu processo de qualificação já a um tempo considerável. Isso demonstra que, a questão da qualificação ou não dos professores da Escola Estadual Girassol, pode estar relacionada com a postura que vem sendo construída no âmbito desta instituição de ensino, ou seja, a concepção que se tem e a maneira como a qualificação vem sendo desenvolvidas pelos sujeitos que ali estão e como G1, se coloca frente a qualificação profissional do quadro de funcionários, que também está compreendida dentro da cultura escolar.

Ainda dentro deste contexto de perguntas, questionamos G1, a respeito de sua escolha pela profissão. Assim como podemos ver a seguir.

Quadro 27 - O que levou você a escolher esta profissão?

G1	Mulher, eu nunca escolhi ser diretora, eu sou professora por vocação, por gostar, né? Por ser de uma família de professores... Então, a gente já nasce para ser professor. E direção foi uma oportunidade que apareceu e eu aceitei e...
----	--

Fonte: Autoria própria.

Diante da fala de G1, exposta no quadro acima, percebemos que ela escolheu a profissão de professora por uma questão de identificação com a docência, que segundo ela, acabou se reafirmando devido as influências sofridas no seio familiar, principalmente pelo fato de muitos de seus familiares serem professores, o que é bastante comum aqui em nossa cidade.

Com relação a sua fala, quando diz que “a gente nasce para ser professor”, vemos que isso é algo inconsistente, errôneo de se dizer, pois, como dissemos antes, ninguém nasce com uma profissão predeterminada, assim, como, ninguém nasce para ser pobre, doente, excluído, etc. Na verdade, tem mais haver com as circunstancias sociais, isto é, aprende-se, identifica-se, com a docência a partir de nossas vivências.

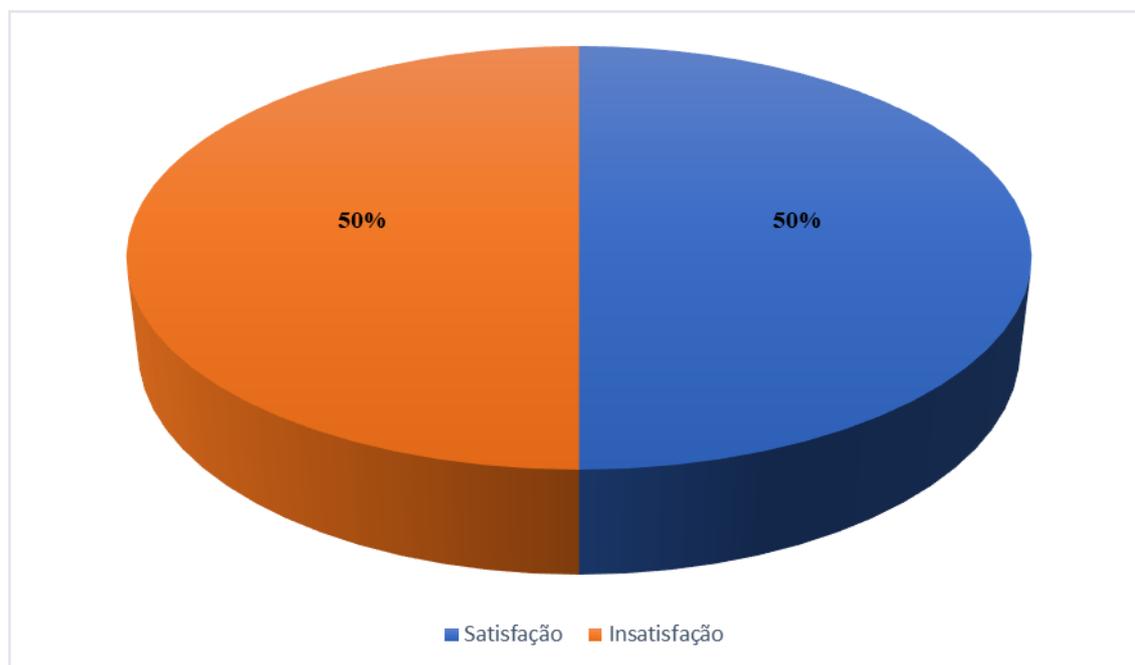
Já com relação a sua atual profissão, a de gestora, G1, nos disse que, durante seu percurso profissional, ocorreu-lhe uma oportunidade e ela acabou aceitando. Neste sentido, levando em conta que durante uma conversa informal com G1, a mesma nos informou que não é concursada para o cargo de gestão, mas sim, de professora, isso nos leva a entender que a inserção de G1 em sua atual profissão tem a ver com uma possível indicação política, o que também é muito comum acontecer nas escolas da cidade, sobretudo as municipais.

Todavia, sabemos que a pratica de indicação de cargos públicos por políticos é uma prática muito recorrente em nosso país, o que nos leva a refletir a respeito dos reais interesses por trás destas ofertas de cargos. Nesse sentido, entendemos que, não tem como intenção principal o favorecimento do ensino, da comunidade escolar, mas, sim o favorecimento de interesses próprios (SILVA, 2007, p. 27-28 *apud* CORRÊA, 2000).

Porém, mesmo sabendo que isto é uma realidade nacional e que não deveria existir, compreendemos a importância desta escolha para a qualidade do processo de ensino.

Nesta lógica, procuramos ainda, saber a respeito da realização de G1, com sua profissão, observemos o gráfico abaixo.

Gráfico 18 - Você se sente realizada com sua atual profissão?



Fonte: Autoria própria.

Levando em conta o grau de satisfação de G1, para com a sua profissão, a de gestora escolar, vemos que sua resposta nos revela dados capazes de dividir meio a meio seu grau de satisfação com o de insatisfação. Assim, como pode ser também verificado do quadro no seguir.

Quadro 28 - Você se sente realizada com sua atual profissão?

G1	Eita... Olha, é uma função muito ingrata, sabe? Você pode carregar ouro, água num balaio, mas você nunca será reconhecida..., mas, assim, de crescimento, formação pessoal é sem comparação, é sem comparação, muito bom.
-----------	---

Fonte: Autoria própria.

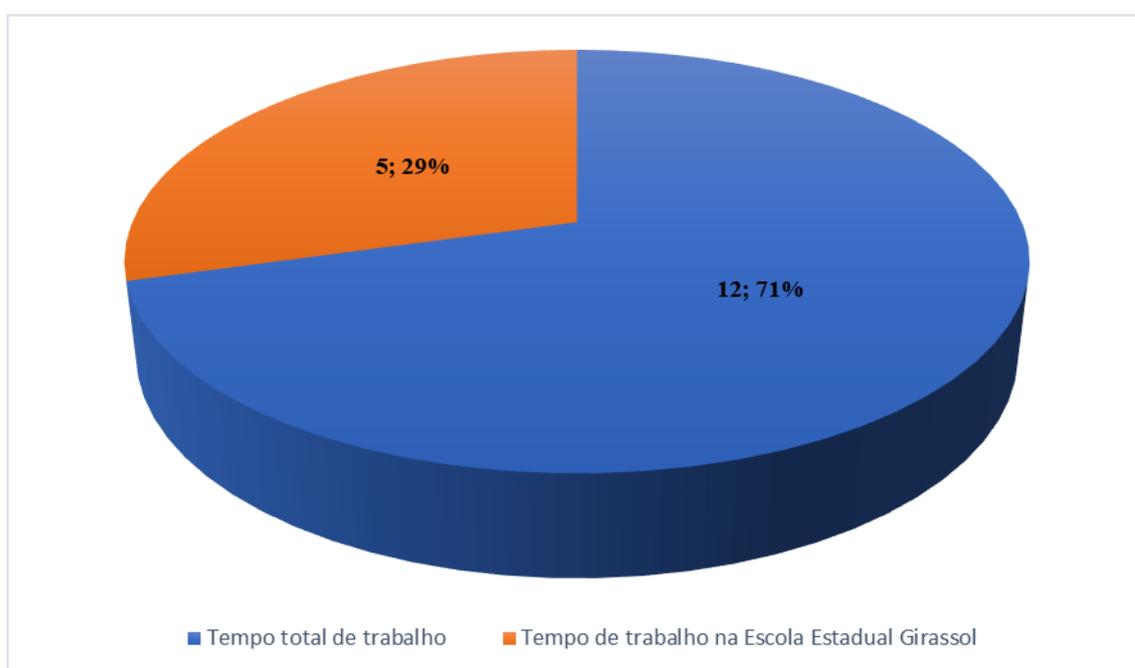
Os dados acima, nos revelam que G1, sente-se parcialmente satisfeita com sua profissão e isso, como pudemos constatar, foi representado no gráfico por 50%. Assim, ela relata que é “uma profissão ingrata”. Isso, impulsiona o que viemos reafirmando ao longo da pesquisa, a respeito das muitas dificuldades enfrentadas dentro do ensino, em especial, devido à falta de valorização e investimentos, que por muitas vezes acaba causando desânimo e frustrações nos profissionais da área.

Apesar disso, também identificamos na fala de G1, certo grau de satisfação, o que corresponde aos outros 50% de sua resposta. No que corresponde a sua satisfação,

entendemos que ela vê em sua atual profissão, uma forma de estar crescendo profissionalmente, a partir das experiências vivenciadas na função, isso tendo em vista, as muitas situações, dificuldades enfrentadas e as possíveis oportunidades de cursos.

Dando continuidade à entrevista, perguntamos a G1, a respeito do tempo de trabalho que ela possui dentro da escola. Desta forma, com intuito de evidenciar ainda mais sua trajetória profissional dentro da escola, buscamos fazer uma comparação com seu tempo total de profissão, assim, observemos o gráfico abaixo.

Gráfico 19 - Comparação entre o tempo total de profissão de G1, com o tempo total que trabalha na Escola Estadual Girassol



Fonte: Autoria própria.

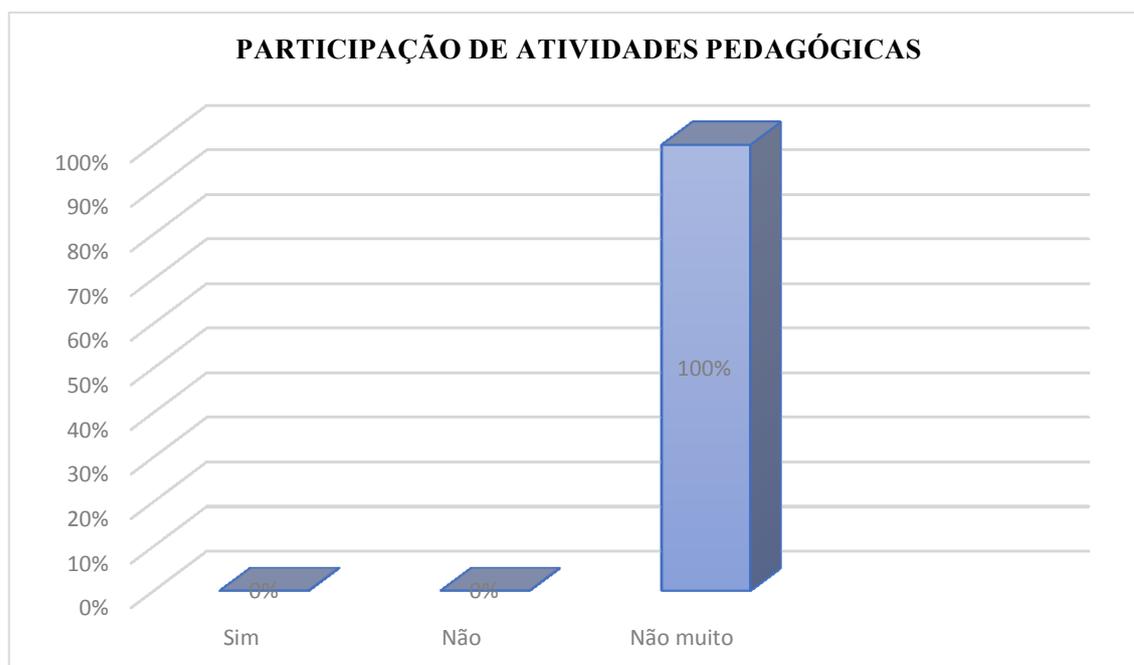
Diante dos dados acima, podemos perceber que, G1, possui cinco anos atuando com gestora da Escola Estadual Girassol, o que representa 29% do seu tempo total de profissão (que é doze anos).

Logo, entendemos que G1, já atua como gestora escolar na mesma instituição por um tempo considerável. Teoricamente, isso, nos faz pensar, que ela deveria estar realizando um bom trabalho na escola. No entanto, é importante nos atentarmos que o período de atuação da diretora na escola pode se alterar mediante a forma como foi escolhida a profissão (SILVA, 2007), ou seja, caso a gestora seja efetiva, sua função só corre o risco de ser interrompida, caso ela não esteja agradando ou em acordo com as suas devidas funções ou, se houver ainda, questões políticas envolvidas, questões de interesses próprios pelo meio, no caso se ela não

estiver agradando politicamente, o que é mais provável que esteja acontecendo, principalmente pelo fato de já estar a um bom tempo com gestora da escola e vemos que seu trabalho não vem sendo desenvolvido de forma satisfatória.

Com relação a qualidade do trabalho pedagógico desenvolvido pela gestora escolar, percebemos um certo desajuste, principalmente devido as muitas carências e ao mesmo tempo dificuldades enfrentadas pelos professores, coordenadora dentro da escola, diante do processo de qualificação dos professores. Isso, muitas vezes pode estar relacionado com a falta de acompanhamento das atividades pedagógicas. Neste sentido observemos o gráfico a seguir, que representa a resposta de G1, ao ser questionada se acompanha os trabalhos pedagógicos desenvolvidos pelos professores em sala de aula.

Gráfico 20 - Você acompanha os trabalhos pedagógicos na escola?



Fonte: Autoria própria.

O gráfico acima, evidencia a resposta de G1. Nele constatamos que ela realmente não participa muito das atividades pedagógicas realizadas na escola. Dito isso, vejamos o quadro a seguir, que expõe detalhadamente a fala de G1.

Quadro 29 - Você acompanha os trabalhos pedagógicos na escola?

G1	Não muito... É... A parte burocrática e administrativa da função rouba muito tempo. Às vezes eu até me programo para atuar mais no pedagógico, mas quando eu vejo, já passou o bimestre, por exemplo, e eu não fiz muita coisa.
-----------	---

Fonte: Autoria própria.

Nesse caso, a resposta de G1, responde a indagação que foi feita anteriormente, revelando que ela realmente não vem desenvolvendo de forma satisfatória seu trabalho, o que pode estar interferindo e até prejudicando as outras atividades escolares e consequentemente o ensino aprendizagem dentro da escola.

No entanto, não podemos nos esquecer das muitas atribuições do gestor escolar, que, muitas vezes, devido algumas dificuldades encontradas, acabam não sobrando tempo para se dedicar as demais atividades, como é o caso citado por G1, que nos diz que, “a parte burocrática e administrativa da função” acaba ocupando todo seu tempo, sobretudo, quando a escola lida com dificuldades de investimentos, infra estrutura, escassez de materiais, etc., questões que demandam das ações da gestão para sua execução, dentre outras questões que também dependem mais diretamente do gestor.

Ainda, buscamos resgatar por meio da fala de G1, algumas evidências que pudessem revelar seus conhecimentos e perspectivas acerca do tema qualificação profissional. Conforme está evidenciado no quadro a seguir.

Quadro 30 - O que você entende por qualificação profissional?

G1	É a base, né? Qualquer profissional sem qualificação, ele não atua de forma satisfatória... Então, é importante e imprescindível...
----	---

Fonte: Autoria própria.

De acordo com o quadro acima, percebemos que G1, possui clareza a respeito do sentido da palavra questionada, embora tenha buscado por respostas rápidas, com poucos detalhes.

Logo, procuramos saber também, qual o ponto de vista de G1, acerca da qualificação profissional dos docentes do Ensino Fundamental da Escola Estadual Girassol. Observemos sua resposta no quadro adiante.

Quadro 31 - Como você avalia a qualificação profissional dos docentes do Ensino Fundamental na Escola Estadual Girassol?

G1	É boa, é boa... É... Todos eles são formados na área, né? Alguns atuam em áreas que não são a deles de formação, mas, assim, por uma questão de carga horária tem professor que tem que pegar disciplina que não é a que eles tem formação... Mas, a gente sempre quando oferta a
----	---

formação que a escola faz, a gente tenta atender essas pessoas que são prejudicadas neste sentido.

Observação: Perguntei a ela: “Tem algum funcionário que já é mestre ou mestrando na escola?”

Resposta: “Mestres, mestres mesmo, não tem... Tem um terminando, só falta apresentar”.

Fonte: Autoria própria.

Com base no quadro acima, podemos compreender algumas questões. Em primeiro lugar, o fato de G1 confirmar o que foi dito pela nossa amostra de professores, ao qual, relataram que são graduados em suas áreas de trabalho, o que é algo muito bom. Também, foi falado a respeito de haver alguns professores que precisam atuar em áreas que não são a deles de formação, devido a necessidade de estar completando a carga horária, como é o caso de P3, que comentamos ao longo da subseção 2.3.1.

Todavia, vimos que, G1 relatou que a escola sempre busca por priorizar este quadro de professores “prejudicados” durante as formações que ocorrem na escola. Com base em nossas observações e na pesquisa realizada, podemos dizer que isso é muito contraditório, principalmente levando em conta que essas formações continuadas não ocorrem de forma efetiva e de forma específica dentro da escola. Como vimos, durante o processo de análise das falas dos professores entrevistados, as formações continuadas obrigatórias e remanejadas que ocorrem na escola não se preocupam realmente com a qualidade do ensino empregado a esses professores.

Ainda de acordo com essa pergunta, perguntamos para G1 se havia algum professor com mestrado na escola. E, como vimos, ela relatou a presença de um único professor em fase de finalização do curso de mestrado. Porém, esta informação tornou-se contraditória, pois, durante conversas com o quadro de professores entrevistados, com as secretarias da instituição e ainda, de acordo pesquisas no PPP da escola, esse professor era um profissional contratado e acabou ficando de fora da última seleção de funcionários para escola, o que comprova essa problemática que envolve o favorecimento de interesses próprios, de “poder”, em que muitos professores acabam sendo indicados, escolhidos como se fossem cabos eleitorais, para amparo político, que como dissemos, é uma lógica muito cruel e comum em nossa cidade.

Na próxima questão, buscamos evidenciar por meio da fala de G1, a presença de medidas como forma de contribuir com o processo de qualificação docente de seus funcionários na escola. Assim, como podemos perceber a seguir.

Quadro 32 - A Escola Estadual Girassol realiza medidas como forma de contribuir com o processo de qualificação docente de seus funcionários?

G1	Formação continuada. Tipo assim, a DRE diz lá a formação continuada, mas, a gente sempre incrementa, por exemplo: nós tivemos agora a formação continuada sobre a BNCC, só que a gente quis trazer as metodologias ativas. Então, a gente fez um adentro na formação da DRE, que tá aí no auge... A questão de bullying, depressão, de automutilação... A gente traz um psicólogo para ofertar essa oficina com os professores... Essa área de coaching também que tá bem na moda, sempre vem um motivador, nessa linha, a gente sempre faz. Agora, formação específica da área de cada um para sala, não! Porque demanda dinheiro, e nós não temos.
----	--

Fonte: Autoria própria.

A resposta de G1 evidencia algo que já foi mencionado antes, o fato de a escola não buscar promover medidas ativas, que partam dela, na busca por mobilizar e buscar ajuda juntos as universidades, por exemplo, para estar promovendo a qualificação dos professores. Ou seja, as ações desenvolvidas dentro da escola voltadas para qualificação dos professores, são ações que já veem determinadas pelas instâncias superiores.

Com relação a realização de palestras, isto também contrapõem o que foi dito pelos professores, que falaram que há bastante tempo que a escola não busca por medidas que possam favorecer esse processo, em que muitos também afirmaram tais questões, alegando ser devido à falta de investimentos por parte do Estado, o que fortalece o discurso realista que diz que, “a ausência de políticas de formação contínua no interior dos sistemas de ensino têm enfraquecido a capacidade de atuação dos professores e contribuído para o empobrecimento da escola (ALMEIDA, M, 2004, p. 172)”.

Já que as evidencias de medidas satisfatória ocorridas dentro da escola se mostraram de forma muito limitada, buscamos saber sobre as medidas realizadas por parte do Estado, como forma de qualificação dos gestores das redes estaduais de ensino. Assim, como podemos ver no quadro que será apresentado a seguir.

Quadro 33 - Quais medidas você reconhece por parte do poder público na busca por estar contribuindo com seu processo de qualificação?

G1	Olha, nós tivemos um curso agora, de gestores, muito bom. Não foram todas as escolas de Araguaína que foram contempladas, foram só algumas... A Escola Estadual Girassol foi contemplada. Então, a dupla gestora participou dessa formação... Foi algo assim, inovador, muito bom. E eu participei!
----	---

Fonte: Autoria própria.

Com base na fala acima, vemos algo positivo, do ponto de vista do desenvolvimento da qualificação profissional da gestora escolar, pois, percebemos que o Estado investe mesmo que minimamente, no processo de qualificação dos gestores das escolas estaduais.

Porém, percebemos que estes cursos não são contemplados a todos os gestores de escolas estaduais do município de Araguaína. Apesar da gestora relatar que o curso foi algo muito bom para sua qualificação, o fato dessas iniciativas não serem voltadas para todos os gestores estaduais, nos faz entender que essas medidas apenas ocorrem com intuito de dizer que estão sendo realizadas, mesmo que de forma insuficiente, ou ainda, que existem critérios e condições de acesso à essas formações, o que, em nosso entendimento, nega o princípio da democratização, do direito e da qualidade da educação, fato que precisa ser cada vez mais identificado e, acima de tudo, superado no contexto educacional de nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, constatamos que a sociedade passou por várias modificações, principalmente a partir da década de 1990, com os avanços tecnológicos e as novas formas de produção que, acabaram interferindo na organização do mundo do trabalho e na qualificação dos trabalhadores.

A partir disso, verificamos que o Estado passou a manifestar, por meio de suas políticas, públicas o desejo pela busca de adequação da mão de obra dos trabalhadores de acordo com os novos parâmetros políticos, econômicos e sociais. Ou seja, passou a exigir qualificação profissional. Com isso, essas novas exigências acabaram recaindo sobre a escola e, conseqüentemente, sobre os professores.

Quanto a essas exigências, verificamos que, durante este período, a sociedade passou a perceber que muitos professores encontravam-se com pouca ou nenhuma qualificação, para lidar com as novas demandas impostas pelo novo sistema educacional, o que fez com que de certo modo, passassem a ser vistos como culpados e também como solução para a nova ordem social, fazendo com que aos poucos passassem a enxergá-la como parte indispensável dentro do contexto de mudanças.

Notamos que, no Brasil, a área da educação passou a ter mais notoriedade, principalmente após a promulgação da LDB 9.394 de 1996. A lei, fez com que a qualificação dos professores passasse a ser vista com maior prioridade e importância, pois até então, a lei não tratava tão efetivamente dessa questão. Contudo, sabemos que a “preocupação” para com o processo de qualificação profissional, a partir desta LDB/96, encontra-se diretamente associado ao conjunto de exigências e adequações da sociedade e da educação aos novos modelos de produção, ideologias políticas e mercadológicas que passaram a orientar o perfil do trabalhador, e conseqüentemente, do professor.

Durante as últimas três décadas, passaram a surgir muitas iniciativas voltadas para a qualificação profissional dos professores, muitas delas na modalidade EAD, que, ao longo desses anos, cresceu de forma acelerada. O que, de certa forma, acabou facilitando o acesso a esse processo de qualificação. Principalmente tendo em vista, a "qualidade do ensino" e logicamente, a condição de se ter professores preparados para lidar com os novos desafios, com os novos perfis de alunos.

Neste sentido, com base na nossa pesquisa de campo, constatamos que toda a nossa amostra de professores, começou na carreira docente sem ter ao menos a formação inicial (graduação) e ainda se mantiveram nela por um período de tempo considerável.

Porém, entre os anos de 1990 e 2000, foi constatado que toda nossa amostra de professores passou a se adequar, a buscar formação inicial e especialização de forma acelerada. Com isso, verificamos que essa conjuntura de adequações pode estar relacionada com a busca por se manter em seus empregos, com a questão da progressão salarial e com desenvolvimento dentro da carreira.

Por outro lado, é evidente que toda nossa amostra de funcionários da unidade escolar não buscou dar continuidade ao seu percurso de qualificação profissional. No entanto, os dados obtidos durante o processo de análises apontaram para algumas causas a serem consideradas, dentre elas a falta de identidade docente, a falta de motivação, a falta de iniciativas por parte da escola e, principalmente, a falta de políticas públicas mais consistentes e voltadas para a educação e qualificação profissional.

No que diz respeito à organização da escola e a sua falta de iniciativas diante do processo de qualificação dos professores, entendemos, por meio dos dados obtidos, que a escola possui pouco engajamento escolar e uma cultura voltada para a acomodação, o que acaba corroborando para a interrupção da qualificação dos professores. Ou seja, devido as muitas dificuldades encontradas para solucionar tal problema dentro da escola, muitos funcionários (professores, coordenadora e gestora) preferem se manter distantes e se dedicarem apenas a parte mais “prática” de suas profissões, deixando a necessidade da qualificação profissional de lado.

Desta forma, compreendemos que existe a necessidade de uma maior participação dos trabalhos desenvolvidos dentro da escola e, principalmente, o comprometimento desses profissionais para com suas profissões.

Com relação à falta de identidade docente e à falta de motivação, verificamos, em termos gerais, que mais de 50% de nossa amostra de entrevistados (professores, coordenadora e gestora), inicialmente escolheram a profissão docente por uma questão de necessidade e, ao mesmo tempo, por falta de opção, mesmo sabendo que não se identificavam com a mesma.

Com isso, notamos que muitos funcionários se sentem oprimidos e contrários em suas funções. E isso não está relacionado apenas com a falta de qualificação, mas também com falta de identidade docente e a falta de entusiasmo com a profissão.

Neste sentido, constatamos que embora tenham havido, com o passar dos anos, muitos avanços com relação à qualificação profissional dos professores, acreditamos que ainda há muito a se fazer, em especial com relação às políticas públicas, que deveriam ser mais consistentes e preocupadas realmente com a educação, com a qualidade dos trabalhos desenvolvidos pelos professores e com o ensino. Os políticos não deveriam fazer leis que

favorecem apenas seus próprios interesses, ou o de grupos minoritários, pois a insuficiência de políticas públicas para a formação continuada demonstra ser um dos principais empecilhos que impede ou dificulta esse processo de qualificação dos professores, visto que, muitas das questões mencionadas pelos professores estão envolvidas dentro desse processo, e uma delas é a desvalorização da profissão.

Assim, concluímos este trabalho na perspectiva de que seus resultados possam ser ainda mais ampliados e analisados em nosso processo de formação acadêmica, além de servirem de subsídios para novos estudos que tratem da qualificação profissional docente como parte indissociável do seu fazer pedagógico e do desenvolvimento da educação pública de nosso país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristiane Silva de. **A Gestão da Educação Profissional no Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará-CEFET/PA**. 2008, p. 51-72-73.

ALMEIDA, Maria Izabel de. **Docentes para uma educação de qualidade: uma questão de desenvolvimento profissional**. UFPR168: Educar, Curitiba, n. 24, 2004, p. 165-172-176.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. (9ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 48-49.

ARAÚJO, Ronaldo. **Competência e qualificação**: Duas noções em confronto, duas perspectivas de formação dos trabalhadores em jogo. 1999, p. 07 Disponível em: <http://www.ufpa.br/ce/gepte/imagens/artigos/qualificacao%20e%20competencias%20-%20anped.pdf>. Acesso em: 03/09/2018.

AREIAS, M. E. Q. e COMANDULE, A. Q. **Qualidade de vida, estresse no trabalho e síndrome de Burnout**. In: GONÇALVES, A.; GUTIERREZ, G. L.; VILARTA, R. (Org.). Qualidade de vida e fadiga institucional. Campinas, IPES Editorial, 2006.

AURÉLIO, **O minidicionário da língua portuguesa**. 8ª edição, revista e atualizada, do Minidicionário Aurélio, da Língua Portuguesa. Curitiba – PR: Positivo, 2010, p. 502.

BASSO, Itacy Salgado. **Significado e sentido do trabalho docente**. Cad. CEDES vol. 19 n. 44 Campinas Apr. 1998. p. 01. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000100003. Acesso em: 03/08/2019.

BENETTE, Tereza Sanchez; COSTA; Leila Pessoa Da. **Indisciplina na sala de aula: algumas reflexões**. PDN/2018, p. 02-03.

BERNADELLI, Maria Odete Rodrigues. **O professor PDE e os desafios da escola pública paraense**. Produção Didático-Pedagógica. Governo do Paraná: Cadernos PDE. 2017, p. 09.

BERTAGNA, Regiane Helena. **Avaliação e progressão continuada: o que a realidade desvela**. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 3 (63), 2010, p. 195.

BIBLIOTECA PROF. PAULO DE CARVALHO MATTOS. **Tipos de revisão de literatura**. Botucatu, 2015, p. 02. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura.pdf>. Acesso em: 27/10/2019.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal e nível superior.** Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/FAQ_professores.pdf. Acesso em: 18/09/2018.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Educação Superior à Distância.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/instituicoes-credenciadas/educacao-superior-a-distancia>. Acesso em: 26/04/2019.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Referenciais para formação de Professores / Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: A Secretaria, 1999, p. 47-77-129-138-145-146.

BRITTO, Ana Cláudia de Oliveira. **INDISCIPLINA NA SALA DE AULA: contribuições da análise do comportamento.** Lins – São Paulo: 2013, p. 55. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56017.pdf>. Acesso em: 06/10/2019.

CANDAU, Vera Maria. **Formação continuada de professores: tendências atuais.** In: CANDAU, Vera.Maria. (Org.). **Magistério: construção cotidiana.** 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 52.

CAPES. Portal de Periódicos da CAPES. CAPES abre inscrições para novo programa de formação docente. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/8598-capes-abre-inscricoes-para-novo-programa-de-formacao-docente>. Acesso em: 24/04/2019.

CAPES. **Programa de Residência Pedagógica.** Disponível em: <https://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 06/02/2019.

CASTRO, Marcelo L. Ottoni de. Consultoria Legislativa do Senado Federal COORDENAÇÃO DE ESTUDOS. **A Educação brasileira nos 10 anos de LDB.** Brasília, junho / 2007, p. 08 - 25. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td-33-a-educacao-brasileira-nos-dez-anos-da-ldb>. Acesso em: 12/09/19.

DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de. **A Qualidade da Educação: Perspectivas e Desafios.** Cedes, Campinas vol. 29, n. 78, p. 203-204, maio/ago. 2009.

DUARTE, Vanda Catarina; LEITE, Maria Ruth Siffert Diniz Teixeira. **Formação continuada de professores: uma análise do PEC-São Paulo.** Belo Horizonte, agost/2014, p.

03. Disponível em: <http://www.eg.fjp.mg.gov.br/index.php/docman/publicacoes-2004/102-formacao-continuada-de-professores-uma-analise-do-pec-sao-paulo/file>. Acesso em: 10/03/2019.

EGITO, Elenice Gomes Barboza do. **O coordenador pedagógico no cotidiano escolar: dificuldades e possibilidades**. Universidade Federal da Paraíba – Centro de Educação – CE: JOÃO PESSOA, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/FOTOS/EGBE2014.pdf>. Acesso em: 22/09/2019.

FAGUNDES, Léa da Cruz; SATO, Luciane Sayuri; MAÇADA, Débora Laurino. **Aprendizes do futuro: as inovações começaram**. Cadernos Informática para a Mudança em Educação. MEC/Seed/ ProInfo, 1999. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003153.pdf>. Acesso em: 22/09/2019.

FERREIRA, Luciene Braz; Nara, TORRECILHA, Samara Haddad Simões, MACHADO. **A técnica de observação em estudos de administração** XXXVI Encontro da ANPAD, 2012, p. 05. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2012_EPQ482.pdf. Acesso em: 27/10/2019.

FIDALGO, Fernando Selmar; MACHADO, Lucília Regina de Souza. **Contrle de qualidade total: Uma pedagogia do capital**. 1994.

FONSECA, Laura Souza. **Reestruturação produtiva, reforma do Estado e formação profissional no início dos anos 1990**. In: Frigotto, Gaudêncio; Ciavatta Maria (Orgs.). A formação do cidadão produtivo: a cultura de mercado no ensino médio técnico. Brasília: Inep, 2016, 201-204.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 12-36.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1997, p. 12. Disponível em: <file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/Politica%20e%20Educação%20-%20Paulo%20Freire.pdf>. Acesso em: 14/04/2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Anos 1980 e 1990: A relação entre o estrutural e o conjuntural e as políticas de educação tecnológica e profissional**. In: Frigotto, Gaudêncio; Ciavatta Maria (Orgs.). A formação do cidadão produtivo: a cultura de mercado no ensino médio técnico. Brasília: Inep, 2006, p. 27-38.

GADOTTI, Moacir. **Qualidade na Educação: Uma nova abordagem**. Congresso de Educação Básica: Qualidade na aprendizagem. 2013. p. 02. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2013_16.22.16.85d3681692786726a2c7daa4389040f.pdf. Acesso em: 03/09/2018.

GIL, Robledo Lima. **Tipos de pesquisa**. 2008, p. 10. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ecb/files/2009/09/Tipos-de-Pesquisa.pdf>. Acesso em: 27/10/2019.

GOMES, Dayane Rodrigues Simon. Diário de campo. **Período de experiência no Estágio Supervisionado III – observação e regência– teoria e prática**. 2019, p. 22-23.

GOMES, Dayane Rodrigues Simon. **Diário de campo**. Residência Pedagógica. 2019, p. 08.

GONÇALVES, Leiliane da Silva Micena; FRANCO, Maria Joselma do Nascimento. **O coordenador pedagógico educacional e a formação continuada do professores no Ensino Fundamental I: A caminho da emancipação ou dependência**. Caruaru, 2013. p. 09. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/FOTOS/C4.pdf>. Acesso em: 22/10/2019.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para mudança e a incerteza**. 6ed. (Coleção Questões da nossa época, v.77). São Paulo: Cortez, 2000, p. 408. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/6001/5728>. Acesso em: 05/06/2018.

IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto; BENITES, Larissa Cerignoni; NETO, Luiz Sanches; CYRINO, Marina; ANANIAS, Elisangela Venâncio; ARNOSTI, Rebeca Possobom; NETO, . **Identidade docente: As várias faces da constituição do ser professor**. Revista Eletrônica de Educação, v. 8, n. 2, p. 273-292, 2014.

JÚNIOR, Hormindo Pereira de Souza. Forma e conteúdo na construção ideológica do discurso da qualidade. In: Fidalgo, Fernando Selmar; Machado, Lucília Regina de Souza (orgs,). **Controle da qualidade total: uma nova pedagogia do capital**. 2. ed. Belo Horizonte: Movimento de Cultura Marxista, 1994, p. 59.

LIBÂNIO, José Carlos; OLIVEIRA João Ferreira de; TOSCHI Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas estrutura e organização**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação, p. 335.

LIMA, Paulo Gomes; SANTOS, Sandra Mendes dos. **O coordenador pedagógico na educação básica: Desafios e perspectivas**. Vol. 2 nº 4 jul./dez. 2007 Revista de Educação: Educare: UNIOESTE Campus de Cascavel, 2007, p. 77-90. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/1656-5846-1-PB.pdf>. Acesso em: 22/09/2019.

LINHARES, Francisco Reginaldo; MACEDO, Sheyla Maria Fontenele. **O pedagogo-professor na educação infantil: Desafios na relação teoria e prática do cuidar e educar**. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil (CAMEAM/UERN/ BR): 2012. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Desktop/FOTOS/Modalidade_1datahora_29_09_2014_09_21_47_idi nscrito_618_76bc493c34656e698068e6bd018844cc.pdf. Acesso em: 05/04/2019.

MAGALHÃES, Altina Costa. **Recursos didáticos disponíveis nas escolas públicas: limitações e dificuldades na utilização dos mesmos.** Web artigos, 2012, p. 02. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/recursos-didaticos-disponiveis-nas-escolas-publicas-limitacoes-e-dificuldades-na-utilizacao-dos-mesmos/84357>. Acesso em: 07/10/2019.

MARCELO, Carlos; ANTUNES, Cristina. **A identidade docente: constantes e desafios.** Form. Doc., Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez. 2009, p. 04.

MARTINS, Carlos Benedito. **O ensino superior brasileiro nos anos 90.** São Paulo Perspec. vol.14 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2000, p. 49-50. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100006. Acesso em: 29/10/2019.

MATOS, Vânia. **Reter ou aprovar? Relatório divulgado pela Unesco, mostrou que, no Brasil, 18,7% dos alunos são reprovados no Ensino Fundamental.** In Revista Profissão Mestre. 06 de novembro 2013. Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br/noticias/noticias/reter-ou-aprovar/>. Acesso em: 22/09/2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 247, jul./Sep.1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>. Acesso em: 26/09/2018.

Ministério da Educação. **Educação Superior à Distância.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/instituicoes-credenciadas/educacao-superior-a-distancia>. Acesso em: 26/04/2019.

MORAES, Antonio Carlos de. **O projeto neoliberal e o mito do Estado Mínimo.** 1996. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18807>. Acesso em: 06/11/2019.

NASCIMENTO, Jéssica Maria Torres de Souza; CAMPOS, Francilene Leonel. **A importância da utilização de recursos didático-pedagógicos no ensino de genética em escolas públicas no Município de Parnaíba – PI (Brasil).** Revista Espacios: 2018, p. 02. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a18v39n25/a18v39n25p30.pdf>. Acesso em: 07/10/2019.

NETO, Benedito Rodrigues de Moraes. **Maquinaria, taylorismo e fordismo: a reinvenção da manufatura.** Rev. Adm. Emp: Rio de Janeiro, out./dez. 1986. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/FOTOS/v26n4a03.pdf>. Acesso em: 06/11/2019.

NETO, Chade Rezek. **EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA: criação de um sistema avaliativo exclusivo de EaD para o avanço tecnológico e educacional do país.** Piracicaba: 2008.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5, p. 28. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Desktop/FOTOS/FPPD_A_Novoa.pdf. Acesso em: 05/05/2019.

NÓVOA, António. **Os professores e sua formação**. Lisboa: publicações Dom Quixote, 2009, p. 10-29.

NÓVOA, António. **Profissão professor**. Porto: Porto, 1999, p. 25-29-55.

NÓVOA, António. **Relação escola – sociedade: “Novas respostas para um velho problema”**. In: Serbino, Raquel Volpato; Ribeiro, Ricardo; Barbosa, Raquel Lazzari Leite; Gebran, Raimunda Abou. (Orgs.). Formação de professores. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998, p. 26.

NÓVOA, António. **Um alfabeto da formação de professores**. Crítica Educativa (Sorocaba/SP), v. 3, n. 2 - Especial, jan./jun.2017, p. 24. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/217-1345-3-PB.pdf>. Acesso em: 05/05/2019.

OLIVEIRA, Juscilene da Silva; GUIMARÃES, Márcia Campos Moraes. **O papel do coordenador pedagógico no cotidiano escolar**. Revista Científica do Centro de Ensino Superior Almeida Rodrigues - ANO I - Edição I - janeiro de 2013, p. 03-97-98-99-100. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Desktop/FOTOS/files-19-0%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Desktop/FOTOS/files-19-0%20(1).pdf). Acesso em: 22/09/2019.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 8-18.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, Vera Lucia Trevisan de; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O coordenador pedagógico aportes à proposição de políticas públicas**. Cadernos de pesquisa, v.42 n.147, 2012, p.754-765. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n147/06.pdf>. Acesso em: 22/09/2019.

PPP. **Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Girassol**. 2019.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente**. Curitiba: IBPEX, 2007, p. 20.

ROSA, Maria Inês. **Formar, não treinar: o lugar da palavra**. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 155-172, set./dez. 2010, p. 156.

SANTOS, Andreia Mendes dos; SILVA, Renata Santos da. **O processo de construção da identidade docente no Brasil**. XV Seminário internacional de educação. v. 4, 2016.

Disponível em: <https://www.feevale.br/hotsites/seminario-internacional-de-educacao/edicoes-antiores/xv-seminario-internacional-de-educacao---2016>. Acesso em: 28/10/2019.

SANTOS, Jailson. **Início dos anos 1990: reestruturação produtiva, reforma do estado e do sistema educacional**. In: Frigotto, Gaudêncio; Ciavatta Maria (Orgs.). A formação do cidadão produtivo: a cultura de mercado no ensino médio técnico. Brasília: Inep, 2016, p. 187-188.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação**. Educação e Pesquisa, v.32, n.3, p. 619-634, set./dez. 2006, p. 621.

SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia Marcondes de; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011, p. 45-58.

SILVA, Daniella Neves da. **A desmotivação do professor em sala de aula, nas escolas públicas do município de São José dos Campos - SP**. Curitiba, 2012, p. 20. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1822/1/CT_GPM_II_2012_87.pdf. Acesso em: 22/09/2019.

SILVA, Josias Benevides da. **Um olhar histórico sobre a gestão escolar**. Educação em Revista: Marília, 2007, v.8, n.1, p. 28-29-32. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/616-Texto%20do%20artigo-2157-1-10-20110505%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/616-Texto%20do%20artigo-2157-1-10-20110505%20(2).pdf). Acesso em: 22/09/2019.

SILVA, Marco (2001). **Sala de aula interativa: a educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande: CBC, set. 2001.

SILVA, Roseane Almeida; MEYER, Patrícia. **A gênese da formação continuada de professores no Brasil: um resgate histórico**. In: XII Congresso Nacional de Educação - Educere, 2015, Curitiba. Anais do Congresso Nacional de Educação. Curitiba: PUCPress, 2015. p. 23439-23447, p. 23446.

SOUZA, Clésio Flésio Feliciano. **Política educacional de formação de professores do ensino profissional no âmbito da unidade integrada SESI SENAI no município de Rio Verde – Goiás (2006 – 2013)**. Campo Grande: 2015.

SOUZA, Salete Eduardo d. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: “Infância e Práticas Educativas”. Arq Mudi. 2007, p. 111-113. Disponível em: <http://www.dma.ufv.br/downloads/MAT%20103/2015-II/slides/Rec%20Didaticos%20-%20MAT%20103%20-%202015-II.pdf>. Acesso em: 07/10/2019.

TANURI, Leonor Maria. **História da formação de professores**. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, Mai/Jun/Jul/Ago 2000, p. 85.

TARTUCE, Gisela Lobo Baptista Pereira. **Algumas reflexões sobre a qualificação do trabalho a partir da sociologia francesa do pós-guerra**. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 87, p. 353-382, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21461.pdf>. Acesso em: 17/09/2019.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; CASTRO, Graciele Dotto; CARVALHO, Carine Viegas. **Escalas de interesses vocacionais (EIV): construção, validade fatorial e consistência interna**. psicol. estud. vol.13 no.1 Maringá Jan./Mar. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000100021. Acesso em: 03/08/2019.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Anuário Brasileiro da Educação Básica Moderna**: 2019, p. 99. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/302.pdf. Acesso em: 30/10/2019.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien: 1990, p. 04. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000086291_por. Acesso em: 18/03/2019.

APÊNDICES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS**

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| CEP 77824-838 | Araguaína/TO | (63) 3416-5601 | (63) 3416-5602 |
<http://ww2.uft.edu.br/araguaina> | diraraguaina@uft.edu.br



Autora: Dayane Rodrigues Simon Gomes

Orientadora: Cristiane Silva de Almeida

Título do TCC: O Processo de qualificação profissional de professores da Escola Estadual Girassol de Araguaína – Tocantins.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO – (PARA PROFESSORES)

1. Qual seu nível de qualificação atual?
() Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado () Outros.
Quais?.....
2. Qual seu tempo de formação (graduação)?
3. Há quantos anos você exerce a profissão de professor/professora?
4. O que levou você a escolher esta profissão? Você se sente realizada por tê-la escolhido? Porque?
5. A quanto tempo você trabalha na Escola Estadual Girassol?
6. Você se sente preparada para sua atual profissão? () Sim. () Não.
Porque?
7. Você acredita que a qualificação continua dos professores é algo importante? Se sim, porque?
8. A escola realiza medidas como forma de contribuir com seu processo de qualificação docente? Se sim, quais?
9. Quais medidas você reconhece por parte do poder público na busca por estar contribuindo com seu processo de qualificação docente?
10. Quais medidas você vem realizando como forma de estar se qualificando?
11. Qual ou quais os últimos cursos ou ações de qualificação profissional você participou?
De quem partiu a iniciativa?

12. De acordo com as ações, habilidades, ao qual você realizou como forma de qualificação profissional, por qual entidade foi organizada?
13. Você acredita que os cursos de “Formação continuadas” que geralmente oferecidos pelo Estado contribui de forma efetiva, principalmente tendo em vista as necessidades dos professores em sala de aula?
14. Qual a principal dificuldade que você enfrenta na sala de aula? Você acredita que poderia ser diferente se houvesse maior investimento em sua qualificação? Porque?

RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS PROFESSORES DA ESCOLA ESTADUAL GIRASSOL

Respostas da Professora 1 – P1

01- Fiz graduação e pós-graduação.

02- Já tem muitos anos que terminei, entrei no estado primeiro que a conclusão... quatorze, por aí... Eu fiz o concurso. Passei primeiro no concurso. Eu fui concursada primeiro de que entrei na faculdade muito tempo, muitos anos.

03- Vinte e sete anos. Já estou pertinho de aposentar, já está até passando, só não me aposentei por causa da minha idade.

04- Não foi nem uma escolha, primeiro foi a oportunidade que me apareceu. Nessa época apareceu o concurso e uma colega minha falou: “Maria, vamos fazer?” e eu disse: “Vamos!”.

Sim... Na época era um sonho. Igual estou te falando... Eu não tive outra chance, não tinha condições, não tinha dinheiro para cursar o que eu queria de verdade. Então, foi o que apareceu, fiz o concurso, logo passei para “Letras”, aí já entrei, tô sobrevivendo com isso...

05- Desde noventa e quatro. De noventa e quatro até agora... Faz muitos anos...

06- Vou te falar... Se algum professor disser que está preparado para lecionar, ele tá mentindo. É um desafio... Na época que eu entrei os alunos tinham outra cabeça, era outra “clientela”, para hoje, para os dias atuais, se disser assim que tem um professor aqui que está preparado, não está! Por mais que a gente esteja graduado, pôs graduado, que tem alguém que esteja com mestrado, tem algum colega meu, mas, a gente nunca sempre está, nessa atual circunstância não.

07- Sim, sim... É igual tô te falando... cada dia os alunos chegam na escola de uma maneira diferente. Quando nós começamos era PCNs, hoje nós estamos vendo a

BNCC... Mudou muita coisa, muita coisa, muita coisa... Aí, nós professores ainda não estamos ainda abertos para trabalhar a BNCC, porque a gente não conhece, porque a gente não estuda. Tem colegas que não sabe nem o que é uma BNCC.

08- Sim, a gente tem a formação, mas, é uma formação que já vem ali no calendário, tudo... É pra seguir mesmo o calendário. A formação mesmo que parta da escola a gente não tem... Já tivemos... A gente já fez bastante, mas hoje a gente já não tem mais... Porque se fosse, aí já requer gastos, requer custeios... Já houve muitas épocas, eu já participei de várias, por exemplo: a gente quando foi pra trabalhar com computador a gente não sabia, veio aquilo outro, mas hoje zerou. A escola não disponibiliza porque tudo tem que ter custeio e a escola não tem.

09- Tem um projeto chamado APLITINS que é muito bom pro pessoal de inglês..., mas, não, eu não sei... Porque a gente for fazer um mestrado mesmo assim você ainda tem que trabalhar, eles não te deixa livre para fazer o mestrado. Aqui nós temos nosso colega professor que está igual um zumbi, tadinho. Porque eles não liberaram pra gente fazer, eles não investem... Tu tem que tá trabalhando, já fica bem claro: você quer fazer um mestrado, mas, você tem que ficar conciliando com a escola.

10- A gente ainda tá muito a quem, ainda tá muito escasso essa formação. Até agora nós só temos um professor que passou para mestrado, porque a gente já vive cansado. Muitas vezes não é nem porque a gente não queira, mas são outras questões que aparecem que ele não faz.

11- Foi a formação continuada, trabalhamos a BNCC.

12- Foi aqui na escola, mas é algo que já vem no calendário, é algo exigido pelo Estado.

13- Eles não suprem muita necessidade não... Eles são benéficos, mas, ainda precisa avançar mais, por exemplo, questões de disciplina é terrível. Então, vem só aquelas filosofias de como trabalhar bonito, fazer aquilo ou aquilo outro, mas é ali ao pé da letra, a medida pra gente fazer eles não mandam. Ele já vem pronto, tem que cumprir, tá no calendário, tem que fazer.

14- Indisciplina, por parte dos alunos. Eles já vêm indisciplinados, porque já vem lá da família desestruturada, não tem como fechar os olhos para isso, a escola assumiu toda uma responsabilidade da família, assuntos pessoais das quais a gente não tem como lidar com isso, nós temos em cada sala cinco, seis alunos com problema mental mesmo... não tem psicólogo para esse povo, não tem um professor que acompanha. Agora mesmo com essas meninas da turma do EEE, são seis alunos para uma professora e cada um tem uma deficiência diferente, e ela trabalha com eles lá do jeito que trabalha com um. Com outro e com outro e cada um é de jeito diferente.

Na verdade, a qualificação, ela é importante em tudo, mas se você não tiver essa parceria também da família, não tem como. A família ainda deixa muito a desejar, é pra vim um professor formado, um mestrado, ele vai ter um dia dum, um dia, de outro, mas, o ano todinho?! Chega o momento que ele esgota. A qualificação do professor é muito importante? É. Mas, a ajuda da família... Esse sistema que corrompe também... Agora a gente tá tendo um pré conselho ali, aí quando o professor diz que: “esse aluno tem dois na média”. Ai as pessoas:” mais só dois? Mas, o que você fez durante esse tempo todo?”. Ele ficou lá, coitado, durante sessenta dias e o menino não quis fazer nada, nada... Aí, no pré conselho o povo da direção diz: “mas, professora, só isso? O que ele tem?”.

Respostas da Professora 2 – P2

1. Especialização. Sou pós-graduada.
2. Conta aí, dois mil terminei a graduação, dois mil e dois terminei a pós-graduação... dezessete anos, né?!
3. Dezenove anos.
4. Falta de opção, na época não tinha outra faculdade, não tinha outro curso. Serve... Não é uma frustração, mas, também não é compensativo como remuneração, mas não é tão frustrante.
5. Oito anos.

6. Sim, até demais.
7. Isso é relativo, porque as qualificações quando a gente chega lá é pior que nós professores. A qualificação é importante, mas, tem que ser com profissionais além da nossa capacidade. Vou te dar um exemplo, a dezenove anos eu trabalhava com a música:” Terra, Planeta Água”, e no ano passado eu fui em uma capacitação, formação continuada e foram passar essa música para gente como sugestão de uma aula diferenciada. A dezenove anos eu já trabalhava essa música.
8. Sim, eles trazem palestrantes para gente, traz oficinas.
9. No caso seria só formação continuada, que não contribui em nada para minha formação, porque se eu quiser algo melhor eu tenho que procurar para mim, porque lá não conseguimos, entendeu?!
10. Lendo muito, estudando muito, novos textos, busca de novos conteúdos, informações atuais, internet, tudo isso me ajuda muito.
11. Sem novidade, mas de mim eu faço outras coisas para o meu crescimento pessoal, mas, deles mesmo...
12. Pela própria escola.
13. Para nós de geografia não, eu vejo outros professores comentando que foi bom, mas, para nós não, como eu te dei o exemplo, né?! Teve até colegas que questionou: “você chama isso aqui de formação continuada? A pessoa que vai dar o curso não sabe nem para ele e acha que a gente está atrasada, mas, a gente está muito mais a quem do que a pessoa que ta dando o curso... A gente poderia... Não precisava nem de formação continuada... Vou te dar um exemplo: se a gente tivesse tempo de estar buscando nosso conhecimento pela mídia, pelos livros, pela internet, se a gente tivesse tempo para ler, para buscar novos textos, novas teorias... a gente já estava fazendo uma formação. Agora, tiram a gente da sala de aula, do nosso planejamento, que é o tempinho que a gente tem para buscar mais para o aluno, para trazer coisa diferente...

para ir para uma “formação” que não ajuda em nada. Eu se eu tivesse lendo, estudando, pesquisando para mim eu tava muito mais me capacitando do que indo nesses lugares assim. Infelizmente é a realidade.

14. Indisciplina! Falta do querer dos alunos. Não, qualificação não influencia, porque o professor qualificado ele quer dar o conteúdo para capacitar o aluno para um vestibular, para um Enem, para preparar ele para uma profissão, e o professor capacitado nessa área, ele não dá conta se o aluno não tiver disciplina. Agora, um professor, para ser babá, para ser um assistente social, ele não precisa se capacitar em conteúdo, ele precisa ser capacitado em assistente social, psicologia, em medico, em pai, em mãe, ser pai e ser mãe, porque hoje, a função do professor está sendo essa: cuidar, e não ministrar aulas. Cuidar da pessoa, do aluno e não ministrar. Ele tá parecendo uma babá do aluno, ele tá se tornando um ente afetivo do aluno. Então, essas capacitações que está vindo para gente, é pra entender o pessoal, porque o aluno é problemático, porque o aluno não tem família, porque o aluno tem depressão. E, cadê o Estado nesse papel cadê a família nesse papel? Que tudo é em cima do professor... O professor hoje é tudo, menos professor! Você espera que eu tô dando os descritores, tem umas duas semanas que eu estou tentando dar os descritores para eles, que é cobrado no Saeb, no Enem... E inventam mil e uma coisa que a gente nunca termina de vermos nas nossas aulas, que precisamos.

Respostas do Professor 3 – P3

1. Graduação.
2. Dois anos.
3. Vinte e três anos.

Observação: Neste momento, eu intervim mais uma vez e lhe perguntei que explicasse melhor, perguntei se ele antes já tinha a formação em Magistério, pois, a quantidade de término da graduação era bem maior que a quantidade de que ele já vinha exercendo a profissão).

- 3.1. Não.

4. Eu gosto da área que trabalho, eu gosto de exatas e minha experiência foi quando eu tinha dezoito anos, eu entrei na sala de aula para ministrar aula para o pessoal do quinto ano, e aí eu gostei e nunca mais sai. Sim.
5. Um ano e meio.
6. Olha, na atualidade, nós temos essa questão dos recursos tecnológicos, então, a gente tem que tá... os professores têm que tá se “adaptando” a isso. Eu me vejo um pouco sem auxílio nesta questão, porque os professores têm que se adaptar, a gente tem que se virar sozinho na maioria dos casos, na maioria das partes.
7. Sim, os professores eles têm que estar sempre procurando melhorar para ter os objetivos alcançados em sala de aula, que é o aprendizado do aluno.
8. A unidade escolar procura ajudar a gente sempre que possível, mas, os recursos do governo é que é pouco para isso. Sempre nos projetos, o PPP, os projetos que todos os professores fazem, a escola procura estar nos orientando para tá trabalhando com material mais concreto para os alunos, porque aí facilita mais para o aluno aprender, o aprendizado. Então, o foco deles aqui nessa unidade aqui, o principal é esse, trabalhar com recursos mais concretos para o alunado aprender.
9. O que eu vejo na unidade escolar é somente o laboratório, o laboratório de informática, que todas as escolas públicas na questão de recursos, o que ele nos oferece é o laboratório de informática.
10. Para mim me qualificar? Sozinho? Assim, eu procuro sempre o apoio da internet, ideias de outros professores. Eu vejo na sala de aula quais as dificuldades que o aluno tem quando eu tô ministrando a matéria e dali procuro ideias que possa sanar, igual eu falei, a escola quer que a gente trabalhe sempre com material concreto, então, daquilo ali, eu tiro... das dificuldades dos alunos eu tiro algo para tentar aprimorar dentro da medida escola, por exemplo, eu estou trabalhando com escalas, então, eu tô conversando com os alunos para gente fazer uma maquete, então, nós estamos trabalhando com isso aí. Das dificuldades dos alunos a gente tira o que a gente pode fazer na prática para o alunado aprender.

11. Eu não participei de nenhum... Nas formações as únicas coisas que a gente trabalhou foi a BNCC, mas, é igual eu tô te falando, na questão de recursos tecnológicos, eu vejo que a gente tem uma deficiência muito grande, uma falta de apoio muito grande para cima disso daí, porque os alunos hoje tudo que eles querem, se você for observar quem está dentro da sala de aula, o aluno não quer mais quadro, o aluno não quer mais só escrever, ele quer ampliar o campo dele de aprendizado. Então, eu... a escola, as unidades escolares, o estado cobram disso da gente, só que não capacita as pessoas dessa forma. Como eu disse, na minha opinião, eu me sinto sozinho nessa situação, como professor, me sinto só, porque eu não vejo apoio de nenhum lado, tem a cobrança, mas, não tem apoio de nenhum lado, não tem recursos suficientes para gente fazer isso, aí os professores vão improvisando, inventando alguma coisinha para ver se consegue.
12. Pelo próprio Estado.
13. (Neste momento, o professor sorri e acena com a cabeça com sinal negativo, mas, ainda em tom de riso dá a resposta a seguir.). As formações... elas te dão algumas ideias, você não pode dizer que é cem por cento inútil, por que não, mas você tira algum proveito sim, algumas ideias são boas, mas na nossa realidade, no geral, não vejo tanto aproveitamento. Essa questão de formação, as ideias que chegam são muito regionais... Entendeu?! Para nossa realidade eu não vejo adequada, assim de forma geral... A formação é para o alunado, mas, ela não mostra a realidade nossa, aqui do estado do Tocantins, tem muita, muita coisa mesmo que não mostras. Então, eu vejo dessa forma, não é adequada do jeito que eles fazem.
14. A principal dificuldade é a falta de recursos. Acredito que sim, pois, quando fazemos uma aula diferenciada para o alunado, eles ficam mais presos as aulas, e se você usa só o quadro, se você usa só o caderno, para eles a aula se torna uma coisa chata. Então, a questão de você ter habilidades para fazer uma aula diferente, para você usar recursos concretos, não só tecnológicos, informatizados, mas uma dobradura de papel, fazer uma coisa diferente, um desenho diferente, no caso, utilizar até mesmo, se estiver estudando retas e você usar um cabo de vassoura para o aluno é mais interessante, mas, somente quadro eu não vejo uma aula boa não, e é que nem eu falo, a nossa

qualificação dos professores, eu pelo menos, digo por mim, eu estou buscando as ideias próprias. Não tem aquela coisa de dizer assim: João, olha aquela ideia de tal coisa poderia ser assim, assim... Vou criando as ideias de acordo com a dificuldade que o aluno apresenta.

Respostas do Professor 4 – P1

1. Graduação e especialização.
2. Quatro anos.
3. Quinze anos.
4. Olha, eu vejo a profissão do professor como uma missão, um bem comum da sociedade... Então, me sentia muito incomodado em não poder contribuir de forma efetiva e direta na construção de uma nação, do Brasil em especial. Então, o que me comoveu e levou a ser professor foi essa vontade de participar da formação ativa da nação brasileira, contribuindo com esse objetivo e principalmente fazendo parte dele. Sim, todos os dias de minha vida eu me sinto... Por mais que muitas vezes a gente é criticado e não é reconhecido, mas, eu acredito que eu estou aqui por uma força muito maior do que o pensar ou criticar alguém. Eu estou aqui porque desejo contribuir para uma nação melhor que é nosso Brasil, principalmente com os nossos jovens que são tão percebidos por um sistema muito cruel e que realmente não valoriza nossos jovens como eles deveriam. Então, estou muito satisfeito e feliz por estar exercendo essa missão/profissão de professor.
5. A partir de dois mil e quatorze. Então, dá cinco anos.
6. Totalmente não, porque o conhecimento, buscar o saber ele é infinito. Então, a gente tem sempre que estar buscando a qualificação, buscando uma formação, e eu digo que é fundamental... o professor é um estudante também. Então, sempre buscar estar buscando se aperfeiçoando cada vez melhor faz parte do papel do professor que também é um estudante.

7. Olha, a gente ver tantas cobranças para os professores aplicar determinadas teorias, inovações, mas, a qualificação mesmo para chegar e dizer: “professor, isso tem que ser feito assim e nós vamos lhe preparar para isso.”, isso não existe! Mas, nós temos que realmente buscar para essa qualificação para um melhor desempenho dos nossos alunos.
8. Através de cobranças sim. O que eu diga, as formações que nós temos aqui são repassadas, somente repassadas. O que vem lá de cima das instâncias superiores aí são repassados para gente, mas, dizer que é uma formação como está no planejamento, é somente no papel, mas na hora de assim, qualificar o professor... E eu digo que não é nem função da escola em si, eu digo que nós temos que ter das instâncias superiores essas qualificadores, essas pessoas realmente preparadas para não cobrar, mas, mostrar como se faz o serviço. Então, eu também faço parte da escola, e sei que os coordenadores, os diretores dão o melhor de si, mas nós precisamos realmente é de uma parte efetiva de como é esse melhor de si para chegar até os nossos alunos.
9. Até agora só cobranças, pouca formação... Muita cobrança.
10. Tenho bastante livros, compro bastante livros, pesquiso em internet, tô sempre forte buscando me reformular. O professor é um inovador, porque principalmente ele nunca recebe o mesmo aluno todos os anos, sempre são pessoas novas, pessoas diferentes... Então, o professor também tem que estar nesse processo, estar se inovando, se referenciando aos novos métodos. É uma busca constante. Isso é necessário como o professor tem que ser não só uma pessoa que procura renovar, mas uma pessoa que se modifica também.
11. Olha, nós ficamos inaptos cinco anos, sem a Regional ofertar sequer uma formação para nós. A partir de meados de dois mil e dezoito foi que nós começamos novamente uma formação, mas, muito assim, “rápida”. Igual essa semana, nós tivemos uma formação de meio dia para tarde, um processo muito assim: só pra dizer que fez. Acho precisarmos ter realmente um paralelo, professor trabalhar em sala de aula, mas, tivesse uma formação também ao mesmo tempo que ele tá trabalhando em sala de aula, mas que tivesse uma formação continuada que fizesse um trabalho extenso para

que o professor realmente se sinta capacitado para desempenhar o que as instâncias superiores cobram.

12. Tivemos palestras com a Universidade Federal do Tocantins, alguns professores doutores que foi muito legal. Eu disse nas minhas colocações foram formações, as anteriores que não estavam os professores da UFT eram apenas cobranças, críticas, desestímulos, mas, quando nós tivemos uma formação com alguns professores da UFT, eles sim mostraram para gente que nós estamos caminhando, pode até ser um passo lento, mas, é um caminhar contínuo, estamos no caminho certo.
13. Parcialmente, porque toda formação é válida, não existe nenhuma formação que não seja válida. Mas, a contribuição é parcial, mínima. Em compensação as cobranças que nós recebemos, são muito poucas essas formações que nós temos continuada ainda. Temos que ter mais dinâmica nessas cobranças e principalmente mostrar como se faz realmente esse trabalho que eles querem, não apenas... falar é muito fácil, fazer é que é o complicado.
14. Olha, eu até que não coloco como principal a indisciplina, mas sim, a desmotivação de grande parte dos alunos. Eu não sei como fazer para que os alunos se sintam motivados e reconheçam que o estudo, depois da família, depois de uma formação cristã, a principal da vida de um jovem é a educação, é o estudo, e nós temos que descobrir uma maneira de motivar esses meninos a entenderem que realmente a educação é primordial no processo de uma sociedade mais justa, uma sociedade mais digna e principalmente a vida pessoa seja valorizada através da educação. Precisamos valorizar a vida e o processo é a educação para mostrar isso.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS**

Avenida Paraguai, s/nº, esquina com a Rua Uxiramas – Setor Cimba
| CEP 77824-838 | Araguaína/TO | (63) 3416-5601 | (63) 3416-5602|
<http://ww2.uft.edu.br/araguaina> | diraraguaina@uft.edu.br



ENTREVISTA DE PESQUISA DE CAMPO – (PARA COORDENADORA E PARA A GESTORA)

1. Qual seu nível de qualificação atual?
() Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado () Outros.
Quais?.....
2. Qual seu tempo de formação (graduação)?
3. Há quantos anos você exerce sua atual profissão?
4. O que levou você a escolher esta profissão? Você se sente realizada por tê-la escolhido? Porque?
5. A quanto tempo você trabalha na Escola Estadual Girassol?
6. Você se sente preparada para sua atual profissão? () Sim. () Não.
Porque?
7. O que você entende por qualificação profissional?
8. Você acredita que a qualificação continua dos professores é algo importante? Se sim, porque?
9. Você acompanha os trabalhos pedagógicos desenvolvidos pelos professores em sala de aula?
10. Como você avalia a qualificação profissional dos docentes do Ensino Fundamental da Escola Estadual Girassol?
11. A Escola Estadual Girassol realiza medidas como forma de contribuir com o processo de qualificação docente de seus funcionários? Se sim, quais?
12. Quais medidas você reconhece por parte do poder público na busca por estar contribuindo com seu processo de qualificação docente?

Respostas da Coordenadora – C1

1. Especialização.
2. Uns quinze anos já, foi logo que eu me formei...
3. Vinte um ano.
4. Na época era... Só tinha esses cursos da educação mesmo, então não tinha muito o que escolher... Só escolhia a área que era de língua portuguesa e inglês na época quando eu fiz, era junto ainda...

Sim... Gosto muito da minha área, certo? Não me veria sendo professora de geografia, nem de história, certo? Eu escolhi a área que eu me identifiquei muito com ela.

Observação: Perguntei a ela: Se você tivesse na época a possibilidade de fazer outro curso, ter outra profissão, você faria ou seguiria a profissão de professora?

Ah, eu seria enfermeira Padrão...

5. Desde dois mil e um.
6. Sim, já aprendi muito, sabe? Hoje eu me sinto mais segura, né? Sei de toda parte burocrática, prática, teórica, tudo...
7. É uma preparação para o exercício, né? O dia a dia... Tanto na parte intelectual, como na parte prática, né?
8. Sim, com certeza, né? É a parte mais importante, porque, principalmente professor... Nós temos que aprender todos os dias se atualizar... E as inovações estão propostas aí a cada ano, né?
9. É... Sim! À medida que eles vêm solicitando a gente acompanha e pede para tá acompanhando principalmente as ações pedagógicas.

10. A qualificação, com exceção dos contratos, assim, os letivos, os executivos já são especialistas, né? E os outros, os demais estão... tem alguns fazendo, né? Já especialização em suas áreas. É bem, né? Eles acompanham bem, né? Porque, assim, o Estado também propõe que seja, que tenha essa formação, de preferência a formação continuada, né? Tem que ter.
11. Tem ações do PPP, né? E tem as formações que a SEDUC propõe, que só dá o tema e a gente tem que estudar, se preparar para aplicar, né?
12. É... Eles... Assim, a busca é através das formações que eles propõem, né? deles mesmos e a da gente pessoalmente, porque entre essas que eles propõem a gente tem as que a gente pode tá escolhendo.

Respostas da Diretora – G1

1. Especialização.
2. Doze anos.
3. Função de direção? Cinco anos...
4. Mulher, eu nunca escolhi ser diretora, eu sou professora por vocação, por gostar, né? Por ser de uma família de professores... Então, a gente já nasce para ser professor. E direção foi uma oportunidade que apareceu e eu aceitei e...

Eita... Olha, é uma função muito ingrata, sabe? Você pode carregar ouro, água num balaio, mas você nunca será reconhecida..., mas, assim, de crescimento, formação pessoal é sem comparação é sem comparação, muito bom.
5. Cinco anos também.
6. A gente nunca tá pronta, né? Cem por cento a gente nunca tá... Então, assim, eu estudo muito, eu busco muito, eu leio muito e a cada dia a gente vai se aperfeiçoando.

7. É a base, né? Qualquer profissional sem qualificação, ele não atua de forma satisfatória... Então, é importante e imprescindível...
8. -
9. Não muito... É... A parte burocrática e administrativa da função rouba muito tempo. Às vezes eu até me programo para atuar mais no pedagógico, mas quando eu vejo, já passou o bimestre, por exemplo, e eu não fiz muita coisa.
10. É boa, é boa... É... Todos eles são formados na área, né? Alguns atuam em áreas que não são a deles de formação, mas, assim, por uma questão de carga horária tem professor que tem que pegar disciplina que não é a que eles tem formação... Mas, a gente sempre quando oferta a formação que a escola faz, a gente tenta atender essas pessoas que são prejudicadas neste sentido.

Observação: Perguntei a ela: “Tem algum funcionário que já é mestre ou mestrando na escola?”

Resposta dela: “Mestres, mestres mesmo, não tem... Tem um terminando, só falta apresentar”.

11. Formação continuada. Tipo assim, a DRE diz lá a formação continuada, mas, a gente sempre incrementa, por exemplo: nós tivemos agora a formação continuada sobre a BNCC, só que a gente quis trazer as metodologias ativas. Então, a gente fez um adentro na formação da DRE, que tá aí no auge... A questão de bullying, depressão, de automutilação... A gente traz um psicólogo para ofertar essa oficina com os professores... Essa área de “coaching” também que tá bem na moda, sempre vem um motivador, nessa linha, a gente sempre faz. Agora, formação específica da área de cada um para sala, não! Porque demanda dinheiro, e nós não temos.
12. Olha, nós tivemos um curso agora, de gestores, muito bom. Não foram todas as escolas de Araguaína que foram contempladas, foram só algumas... A Escola Estadual Girassol foi contemplada. Então, a dupla gestora participou dessa formação... Foi algo assim, inovador, muito bom. E eu participei!

